



KLS

Semiótica



Semiótica

Antonio Lemes Guerra Junior

© 2019 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Presidente

Rodrigo Galindo

Vice-Presidente Acadêmico de Graduação e de Educação Básica

Mário Ghio Júnior

Conselho Acadêmico

Ana Lucia Jankovic Barduchi

Danielly Nunes Andrade Noé

Grasiele Aparecida Lourenço

Isabel Cristina Chagas Barbin

Thatiane Cristina dos Santos de Carvalho Ribeiro

Revisão Técnica

Claudia Dourado de Salces

Editorial

Elmir Carvalho da Silva (Coordenador)

Renata Jéssica Galdino (Coordenadora)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Guerra Junior, Antonio Lemes

G934s Semiótica / Antonio Lemes Guerra Junior. – Londrina :

Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2019.

160 p.

ISBN 978-85-522-1442-7

1. Semiótica. I. Guerra Junior, Antonio Lemes. II. Título.

CDD 401.41

Thamiris Mantovani CRB-8/9491

2019

Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Avenida Paris, 675 – Parque Residencial João Piza

CEP: 86041-100 — Londrina — PR

e-mail: editora.educacional@kroton.com.br

Homepage: <http://www.kroton.com.br/>

Sumário

Unidade 1

Fundamentos semióticos.....	7
Seção 1.1	
Semiótica peirceana.....	9
Seção 1.2	
Semiótica da cultura.....	20
Seção 1.3	
Semiótica greimasiana	31

Unidade 2

Análise semiótica de textos.....	43
Seção 2.1	
O texto sob uma perspectiva semiótica.....	45
Seção 2.2	
Metodologia de análise semiótica de textos.....	56
Seção 2.3	
Paixões semióticas.....	69

Unidade 3

Semiótica visual.....	83
Seção 3.1	
Múltiplas linguagens semióticas.....	85
Seção 3.2	
Relações semissimbólicas.....	95
Seção 3.3	
Princípios de semiótica plástica.....	106

Unidade 4

Semiótica aplicada.....	117
Seção 4.1	
Semiótica no ensino de linguagens.....	119
Seção 4.2	
Semiótica na comunicação.....	131
Seção 4.3	
Semiótica na publicidade.....	146

Palavras do autor

Quando pensamos em linguagem, estamos considerando um recurso pelo qual nos comunicamos, interagimos com os outros e efetivamos práticas sociais, que devem ser recobertas de significado, de sentido. Todos nós, enquanto sujeitos que circulam em diferentes esferas de atividade humana, temos ao nosso dispor um grande arsenal de recursos que podem ser mobilizados para esse processo interativo. Nesse sentido, precisamos conhecer diferentes linguagens e saber combiná-las, buscando as melhores estratégias para que, ao serem utilizadas, de fato atinjam os nossos objetivos. Ao mesmo tempo, é importante que dominemos técnicas de leitura e análise, que nos permitam depreender a significação contida nas produções de outros sujeitos com os quais mantemos contato.

É essa busca pelo “sentido” que orienta uma grande quantidade de teorias, as quais, guardadas suas especificidades, procuram descrever as relações entre recursos de linguagem no processo de construção de diferentes manifestações textuais, com a movimentação de inúmeros códigos. Entre esses diversos campos do saber, está a Semiótica, que fundamenta as reflexões trazidas por esta disciplina e que, perpassando diferentes áreas, evidencia-se como um aporte teórico-metodológico capaz de propiciar a você, aluno, o desenvolvimento de competências ligadas a essa atribuição de sentidos, no âmbito da produção e/ou recepção de textos e materiais diversos.

Para que você tenha acesso a todos esses aspectos, este livro está organizado em quatro unidades, diferentes e, ao mesmo tempo, complementares: na primeira, é discutido o conceito de “semiótica”, e são apresentadas as principais vertentes da teoria, com ênfase em suas origens, sua disseminação e seus respectivos objetos de análise; na segunda, é explorado o “percurso gerativo de sentido”, uma metodologia clássica da Semiótica para a análise de textos verbais, que permite a compreensão do texto como um sequência de etapas; na terceira, abre-se espaço para outras linguagens além da verbal, evidenciando como a Semiótica visual se estabelece; e, por fim, na quarta e última unidade, é discutida a aplicabilidade da teoria em diferentes áreas – ensino de linguagens, artes plásticas, comunicação midiática, *design* e publicidade –, a fim de que você visualize a amplitude da Semiótica.

Como você pôde ver, a jornada para desvendar os preceitos semióticos é bastante multifacetada, uma vez que essa teoria se apresenta sob diferentes perspectivas. Assim, este material permite a você a exploração de um conjunto variado de conteúdos, que estabelecem um panorama geral da área e possibilitam a visualização da aplicabilidade da teoria em sua atuação profissional, especialmente a partir de reflexões baseadas em diversas situações-problema. Além disso, é recomendável que você busque novos saberes, afinal, o autoestudo é imprescindível para o aprimoramento de sua formação.

Pronto para iniciar essa viagem pelo universo semiótico? Lembre-se de que essa é uma excelente oportunidade para você ampliar seu repertório teórico, moldando o seu olhar no que tange à construção dos sentidos, desenvolvendo, inclusive, seu raciocínio e sua criatividade.

Bons estudos!

Unidade 1

Fundamentos semióticos

Convite ao estudo

Conhecer uma nova teoria é sempre instigante, não é? E quando essa teoria é multifacetada, com diferentes vertentes, aplicável a diferentes áreas, esse processo se torna ainda mais interessante e desafiador. É por isso que esta unidade apresenta-se como um segmento introdutório da disciplina, permitindo a você a compreensão inicial do que vem a ser a Semiótica, verificando os direcionamentos possíveis decorrentes da busca pelos sentidos dos textos, em diferentes linguagens.

A partir do estudo dos conteúdos aqui contemplados, você poderá conhecer as origens e os desdobramentos da Semiótica, tornando-se apto a compreender a existência de múltiplas perspectivas ligadas à significação, reconhecendo os critérios que definem a seleção de uma ou outra a partir do estudo ou análise que se deseja realizar. Em outras palavras, você poderá, em diferentes situações de interação, reconhecer os aspectos que indicam a necessidade de adoção de um aporte teórico-metodológico específico em vez de outro.

O domínio desses conteúdos será imprescindível, pois, na primeira etapa de sua jornada rumo à compreensão da teoria Semiótica, você conhecerá Paulo, um professor universitário que atua também como assessor pedagógico da área de Linguagens em uma editora ligada à produção e à distribuição de materiais didáticos especificamente voltados ao ensino superior.

Depois de ter finalizado a revisão de alguns livros editados recentemente, ele, agora, assumiu um novo projeto: deverá coordenar a elaboração de materiais relativos à área de Semiótica para compor o conjunto de recursos de uma disciplina ofertada na instituição atendida pela editora. Inicialmente, a tarefa de Paulo é organizar um Manual de Introdução à Semiótica, contemplando as informações essenciais referentes à teoria, apresentando um panorama geral da área para leitores que, talvez, nunca tenham tido contato com a disciplina. Ele, porém, tem enfrentado dificuldades em selecionar as informações mais relevantes sobre diferentes vertentes semióticas, já que ela se apresenta de formas variadas, o que torna sua tarefa desafiadora.

Você acompanhará a trajetória de Paulo, buscando soluções para as situações vivenciadas por ele nas seções que compõem esta unidade. E, para lhe

ajudar, elas estão organizadas de modo a lhe oferecer os subsídios necessários para essa tarefa: a Seção 1.1, por exemplo, trata da Semiótica peirceana, uma abordagem mais lógica/filosófica da teoria; já a Seção 1.2 contempla a Semiótica da Cultura, que explora a significação dos códigos culturais; e, por fim, a Seção 1.3 apresenta a Semiótica greimasiana, de caráter mais textual, discursivo.

Por que a Semiótica é tão diversificada? Quais os propósitos de cada uma dessas abordagens? O que é essencial saber, de forma introdutória, sobre cada uma delas? Percorra a Unidade 1 e solucione todas essas indagações.

Semiótica peirceana

Diálogo aberto

O que vem à sua mente quando você pensa em “semiótica”? Uma teoria, um nome complicado, um tipo de ótica. Difícil responder, não é? Para dar início ao nosso percurso de estudos, esta seção vai permitir a você uma incursão pelos princípios basilares de uma das mais importantes correntes semióticas disseminadas pelo mundo: a **semiótica peirceana**. Sobre ela, serão discutidos aspectos essenciais, como seus precursores, suas influências teóricas, seus interesses, o modo como ela concebe o fenômeno da significação, enfim, tudo que a torna um referencial teórico-metodológico aplicável em diferentes áreas.

A fim de que você estude, assimile e, em certa medida, aplique os conceitos tratados na seção, você será envolvido em uma situação-problema. No início desta unidade, você conheceu Paulo, um professor que, como parte de suas atividades na editora em que trabalha como assessor pedagógico da área de Linguagens, deve organizar um Manual de Introdução à Semiótica. Considerando que, a partir de suas pesquisas iniciais, ele chegou à conclusão de que a teoria é diversificada quanto às suas abordagens, nesta primeira seção, você deverá se colocar no lugar dele e compilar as informações essenciais que caracterizam a vertente peirceana: suas origens, seus métodos de análise, suas áreas de aplicação.

À medida que você avançar na leitura dos tópicos elencados, deverá proceder ao registro dos dados que julgar mais relevantes. Lembre-se de que tudo isso vai compor uma base de dados para que Paulo e sua equipe possam delinear a melhor forma de redigir o manual. Portanto, você deve registrar esses dados em um arquivo, por meio de recursos e estratégias diversificadas – *slides*, quadros, esquemas –, para, depois, poder repassá-los aos seus assistentes no projeto. Tenha em mente, também, que o material a ser produzido pela equipe da editora é introdutório, devendo ter uma linguagem acessível ao seu possível público (alunos da instituição atendida pela editora no fornecimento de recursos didáticos). Por isso, decida a melhor forma de combinar as informações levantadas, pensando nos conceitos que não podem ser deixados de fora, bem como aqueles que podem ser discutidos de modo mais superficial.

Você conhecerá, então, conceitos como os de **signo**, **objeto** e **interpretante**, além do processo de **representação** e das **relações triádicas** que emergem do estudo do signo semiótico. Talvez estejam aí detalhes a

serem considerados no seu desafio. Com certeza, este será um momento “significativo” de aprendizado!

Não pode faltar

O conceito de Semiótica

Semiótica. Antes de iniciar o estudo desta disciplina, você já havia lido ou ouvido esse termo? À primeira vista, como aponta Santaella (2007, p. 7), as pessoas tendem a pensar: “uma ótica pela metade”. Porém, os sentidos que recobrem o nome dessa teoria são muito mais amplos e exigem uma elucidação clara. Para isso, primeiramente, vamos considerar as acepções trazidas por um dicionário não especializado na área, recurso ao qual comumente recorreremos para buscar a significação de uma palavra ainda desconhecida:

“**semiótica** s.f. (1881) 1 CL. MÉD m.q. SEMIOLOGIA; 2 SEMIO para Charles S. Peirce (1839-1914), teoria geral das representações, que leva em conta os signos sob todas as formas e manifestações que assumem (linguísticas ou não), enfatizando esp. a propriedade de convertibilidade recíproca entre os sistemas significantes que integram; 3 SEMIO estudo dos fenômenos culturais considerados como sistemas de significação, tenham ou não a natureza de sistemas de comunicação; semiologia; 4 MIL obsl. ciência e arte de comandar manobras militares, não com a voz, mas por meio de sinais. (HOUAISS, 2009)

Veja que interessante: o nome “semiótica” aparece ancorado em áreas inusitadas para o nosso contexto acadêmico (médica e militar). Porém, se nos voltarmos com mais atenção para essas informações, concluiremos que todas elas têm algo em comum: a menção ao sentido, à significação. Além disso, chama a atenção o nome de um importante teórico, Charles Sanders Peirce, precursor da vertente semiótica a ser estudada nesta seção. Porém, antes de conhecermos um pouco mais sobre o que seria, para ele, essa “teoria geral das representações”, vejamos na Figura 1.1 uma síntese de algumas ideias trazidas por outros autores, no intuito de explicar o que seria, de fato, a semiótica:

Figura 1.1 | Síntese de acepções teóricas vinculadas ao termo “semiótica”



Fonte: elaborada pelo autor.

A exploração de acepções como essas evidencia os múltiplos direcionamentos dados aos estudos semióticos, uma vez que diferentes grupos de estudo, com interesses distintos, construíram ao longo do tempo modelos teóricos específicos. Observe, por exemplo, os três termos destacados na Figura 1.1: *signos*, *cultura* e *texto*. Essas palavras sintetizam três importantes vertentes semióticas: a Semiótica Peirceana (dos *signos*); a Semiótica da Cultura; e a Semiótica Greimasiana (do *texto*). São semióticas baseadas em princípios que as recobrem de traços particulares, os quais, porém, não as tornam excludentes ou completamente divergentes. De um modo ou de outro, essas correntes semióticas trilham caminhos que dialogam entre si, na medida em que lidam com a significação, com a busca pelo sentido.

Por isso, é muito importante que você as conheça, para que possa, em sua atuação profissional, selecionar o que cada uma tem de mais aplicável à sua área. A seguir, em continuidade à proposta desta seção, você conhecerá alguns aspectos essenciais para a compreensão da Semiótica Peirceana, de origem americana, sendo as demais correntes (da Cultura e Greimasiana) exploradas nas seções posteriores.

A Semiótica Peirceana

A Semiótica Peirceana constitui uma das correntes semióticas mais difundidas no mundo, resultando dos consistentes estudos do matemático, cientista, lógico e filósofo norte-americano, Charles Sanders Peirce (1839-1914) (Figura 1.2), cujas proposições acerca da significação deram origem a uma teoria robusta, complexa e, ao mesmo tempo, geral, aplicável a diversas áreas.

Figura 1.2 | Charles Sanders Peirce



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=128147>. Acesso em: 8 out. 2018.

Uma importante característica dessa vertente, justificada, inclusive, pela própria formação do seu precursor, é o seu caráter amplamente filosófico e abstrato, o que possibilita sua generalização em termos de aplicabilidade, afinal, trata-se de uma “ciência geral de todas as linguagens” (SANTAELLA, 2007, p. 7). Partindo de uma visão pautada na lógica (tomada por Peirce como um sinônimo para a teoria), a Semiótica Peirceana tem uma base fenomenológica, isto é, voltada à percepção dos fenômenos que se apresentam à mente, sejam eles de qualquer natureza.

Podemos encontrar, conforme aponta Santaella (2016), um grande repertório de estudos semióticos de base Peirceana, com a exploração, por exemplo, de artefatos do campo do consumo (embalagens de produtos), da publicidade (anúncios, propagandas), das artes plásticas (pinturas e outras obras), da linguagem (textos, literários ou não), do design gráfico (logomarcas), da mídia em geral (fotografias, jornais), enfim, elementos que, ao serem tomados pelos sujeitos como objetos de significação, são passíveis de análise.

Essa variedade ilustra bem a ideia de que a Semiótica “tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido” (SANTAELLA, 2007, p. 13). É nesse contexto de reflexão que uma das mais clássicas definições para a Semiótica passa a fazer sentido: etimologicamente, o nome “semiótica” tem sua origem na raiz grega *semeion*, que quer dizer “signo”. Portanto, a Semiótica seria “a ciência dos signos”.

Considerando a relevância do signo para a teoria, a seguir, você poderá compreender melhor esse conceito e como ele estrutura as concepções teórico-metodológicas da Semiótica Peirceana.

Signo: representâmen, objeto e interpretante

O **signo** constitui um dos elementos centrais na construção teórica da Semiótica peirceana. Na visão de Peirce, como você pôde observar na síntese apresentada na Figura 1.1, a Semiótica é referenciada como uma “doutrina dos signos” (PEIRCE, 2015, p. 45). Assim, a partir do momento em que assimilamos a essência desse elemento – o signo –, podemos refletir com mais clareza sobre as intenções dessa teoria.

Em linhas gerais, o signo seria qualquer coisa que representa outra coisa. Peirce o define como algo perceptível, que se apresenta à mente e pode ser captado por dado sujeito. Esse “algo” pode ser algo concreto ou, simplesmente, algo abstrato, imaginável, ou ainda alguma coisa até mesmo inimaginável, desde que tenha certo sentido.



Assimile

O signo peirceano está diretamente ligado à noção de representação: tudo que contém significado e pode ser interpretado, representando um referente, pode ser tomado como um signo.

Na concepção peirceana, o signo pode ser representado pela combinação de três elementos, que compõem uma estrutura triádica, delineada na Figura 1.3, a seguir:

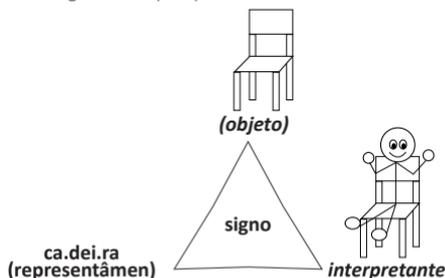
Figura 1.3 | Estrutura triádica do signo peirceano



Fonte: elaborada pelo autor.

O *representâmen* seria o signo em si, aquilo que se apresenta a alguém, sendo percebido por ele, algo como a materialidade do signo. O objeto, por sua vez, refere-se àquilo que o signo representa, estabelecendo um processo de referenciação. Por fim, o interpretante é concebido como o efeito gerado na mente de quem recebe/percebe o signo. Para que você visualize isso de modo mais concreto, observe o exemplo trazido pela Figura 1.4:

Figura 1.4 | Exemplo de um signo sob a perspectiva triádica



Fonte: elaborada pelo autor.

Conseguiu compreender a representação? Ao ouvir ou ler a palavra “cadeira”, você tem o primeiro contato com o signo, o seu *representâmen*, a parte que lhe é apresentada, percebida por você. Uma “cadeira”, como um móvel de madeira, por exemplo, tal como a conhecemos, constitui o objeto do signo, aquilo a que ele se refere. E tomar essa cadeira como um “local para se sentar”, um “local para descansar”, é o interpretante do signo, decorrente do efeito causado em você.



Refleta

O conceito de **signo**, além do modo como é concebido na abordagem semiótica, aparece em outras perspectivas teóricas, como nos estudos da linguagem, em que é revestido de um caráter linguístico, representando a palavra em si, sua forma (significante) e seu conteúdo (significado). Dada essa variedade conceitual, você acredita que o signo tal como estudado nesta seção atende aos interesses da teoria semiótica?

Nessa abordagem do signo, falamos bastante sobre a ideia de “representação”, certo? Isso constitui também um importante conceito dentro do aporte teórico Peirceano.

Representação

Para que você entenda o processo da **representação**, mais uma vez são retomadas as relações triádicas que foram levantadas na abordagem do signo. Isso porque a representação, conforme Santaella (2016), caracteriza um composto de três outros processos, complementares na gênese da construção sógnica:

- a) a significação;
- b) a objetivação; e
- c) a interpretação.

A **significação** retoma o *representâmen*, o signo em sua essência perceptível, correspondendo à análise de suas propriedades constitutivas; a **objetivação** evoca a referência do signo a dado objeto; e a **interpretação**, por sua vez, delinea-se a partir da ação do signo sobre quem o percebe, relaciona-o com algo e interpreta-o, atribuindo-lhe sentidos. Esse processo, que se desdobra em três patamares, dá origem a algumas categorias, definidas por Peirce com vistas à análise de fenômenos semióticos. Você as conhecerá a seguir.

Primeiridade, secundidade e terceiridade

Nas palavras de Peirce (2015, p. 63), “um signo, ou representâmen, é um Primeiro que se coloca numa relação triádica genuína tal com um Segundo, denominado seu objeto, que é capaz de determinar um Terceiro, denominado seu interpretante”. Pelo caráter filosófico da teoria desenvolvida por Peirce, essa ideia parece um tanto complexa, não é? Porém, uma vez compreendida a estrutura do signo e o modo como se dá a representação, você intuitivamente já pode prever o que indicam as categorias da primeiridade, da secundidade e da terceiridade.

Basicamente, a sequência é esta: receber/perceber o signo (primeiridade) > reconhecer a referência contida nele (secundidade) > interpretá-lo (terceiridade).

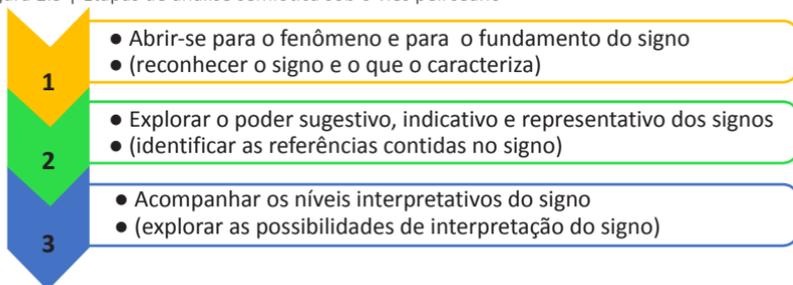


Exemplificando

Para compreender melhor as relações triádicas – **primeiridade, secundidade e terceiridade** –, pense no seguinte exemplo, baseado na proposta de Santaella (2016): em um lugar qualquer, ouve-se um grito intenso. A percepção do grito pelas pessoas que o reconhecem como tal configura o nível da *primeiridade*, uma vez que se trata de um signo. Esse grito pode ter sido provocado por uma situação de pavor ou de euforia, e essa referência constitui o nível da *secundidade*, ou seja, aquilo que o signo representa. O efeito interpretativo que esse signo provoca, levando a uma reação das pessoas que ouviram o grito, ilustra o nível da *terceiridade*.

Se pararmos para pensar, esse processo de interpretação de signos ocorre constantemente. Você consegue pensar em outros exemplos? Faça uma pausa em sua leitura e anote outras possibilidades ilustrativas. Você deve ter a clareza, porém, de que a rede de conceitos semióticos construída por Peirce vai muito além dessa abordagem, feita aqui de modo introdutório. De qualquer forma, com esses elementos, já é possível realizar uma análise semiótica sob a perspectiva dessa vertente, tomando como base quaisquer signos, desde que se organize um percurso metodológico coerente, como o descrito na Figura 1.5, a seguir:

Figura 1.5 | Etapas de análise semiótica sob o viés peirceano



Fonte: adaptado de Santaella (2016).

A Semiótica Peirceana “nos permite penetrar no próprio movimento interno das mensagens, no modo como elas são engendradas, nos procedimentos e recursos nelas utilizados” (SANTAELLA, 2016, p. 5), permitindo ainda que as análises sejam ampliadas, em diferentes contextos, com o estabelecimento de relações entre signos distintos e as interpretações empreendidas a partir deles.



Pesquise mais

Você quer conhecer mais sobre as relações entre signo e significação?

No artigo indicado a seguir, você encontra um percurso reflexivo que explora o conceito de signo, situando-o no contexto dos estudos sobre a significação, com ênfase no processo de representação. Leia-o com atenção e pesquise mais a respeito do tema, para complementar seus estudos.

GAMBARATO, R. R.. Signo, significação, representação: um percurso semiótico. **Communicare**, São Paulo, v. 5, n. 2, 2005, p. 44-53. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/Communicare-5.2.pdf#page=44>>. Acesso em: 8 out. 2018.

Sem medo de errar

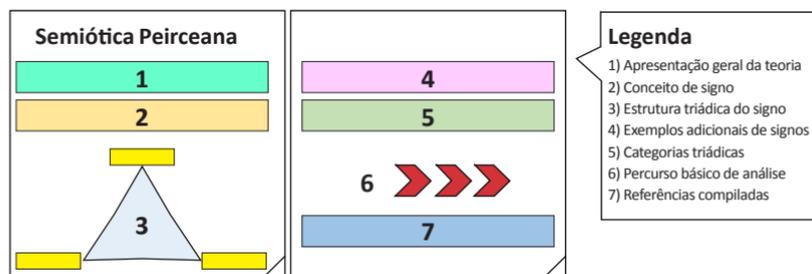
No início da Seção 1.1, apresentamos a você o professor Paulo, que atua em uma editora e, junto à sua equipe, é o responsável pela elaboração de um Manual de Introdução à Semiótica, voltado a alunos de uma instituição de ensino superior atendida por suas publicações. O problema vivenciado por ele residia justamente na dificuldade em selecionar as principais informações referentes às diferentes vertentes semióticas para compor esse volume introdutório.

A sua tarefa era, ao longo do estudo da seção, assimilar os principais conceitos relativos à área, selecionando os itens mais relevantes a serem registrados em arquivos – *slides*, quadros, esquemas – para serem repassados à equipe de apoio de Paulo, na organização do Manual.

Como você pôde aprender, a Semiótica Peirceana é tomada, basicamente, como uma “teoria dos signos”. Assim, o conceito de signo deve ser o fio condutor das discussões. O ideal é que o material deixe claro: o que é um signo (algo que representa algo); o modo como ele está estruturado (o *representâmen*, o objeto e o interpretante); os processos envolvidos em sua percepção (primeiridade), sua ancoragem em um referente (secundidade) e os efeitos que ele provoca (terceiridade).

O arquivo com essas informações para colaborar na organização do conteúdo, pode conter esquemas como os apresentados na seção, com ilustrações didáticas que possam ser usadas na explicação dos conceitos, especialmente a estrutura triádica dos signos. Em síntese, ele pode ter uma estrutura parecida com a descrição da Figura 1.6, a seguir:

Figura 1.6 | Estrutura do arquivo-base para a construção do Manual



Fonte: elaborada pelo autor.

É importante, também, que a linguagem empregada nas explicações propicie uma leitura agradável, considerando o público-alvo: alunos que, talvez, não tenham tido qualquer contato anterior com a teoria. Para isso, você pode incluir nas anotações algumas orientações para a sua equipe de trabalho: uso de expressões claras e concisas, num tom mais objetivo, mantendo, sempre que possível, uma relação dialógica com os leitores.

O que você achou? Interessante, não? Agora você já conhece uma das possibilidades de abordagem da significação no campo da semiótica, com a consciência de que, para a leitura e análise de signos constituídos a partir de códigos semióticos diversos, a teoria peirceana é um bom aparato teórico-metodológico.

Continue seus estudos pelas próximas seções e unidades, pois os saberes construídos até aqui serão ainda retomados e aprofundados.

Faça valer a pena

1. Observe a situação a seguir:



Fonte: elaborada pelo autor.

A partir da observação da cena, analise se as afirmações a seguir são verdadeiras (V) ou falsas (F):

- () O fato de o personagem estar com “um olho fechado” evoca a dúvida provocada pelo nome da teoria Semiótica, tomada erroneamente como uma “ótica pela metade”.
- () O ato de “estudar semiótica”, como faz o personagem, evidencia a possibilidade de abordagem acadêmica da teoria.
- () O questionamento do personagem à esquerda ilustra a total impossibilidade de compreensão da teoria semiótica.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) V - F - V.
- b) V - V - F.
- c) V - F - F.
- d) F - V - F.
- e) F - F - V.

2. Considere a passagem a seguir:

“[...] é necessário pensar de que maneira se dá a percepção/intelecção ou, talvez mais adequadamente, a compreensão do objeto através do signo. Para isso, Peirce propõe as noções de primeiridade, secundidade e terceiridade que, para ele, são as três categorias da experiência.”

(PINTO, J. Semiótica e informação. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 87-92, jan./jun. 1996.)

Com base no conhecimento envolvendo as “categorias da experiência” apontadas, associe-as à sua essência:

- (1) Primeiridade
- (2) Secundidade
- (3) Terceiridade

- (A) Interpretação do signo
- (B) Percepção do signo
- (C) Identificação da referência contida no signo

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta da associação entre as colunas:

- a) 1A - 2C - 3B.
- b) 1A - 2B - 3C.
- c) 1C - 2A - 3B.
- d) 1B - 2C - 3A.
- e) 1B - 2A - 3C.

3. Considere a seguinte informação:

“Nos escritos de Peirce, como sabemos, há várias definições de signo, contudo, isto não significa uma indefinição ou imprecisão de sua parte, mas sim uma luta incessante para se fazer compreendido.”

(LARUCCIA, M. M. Semiótica: signo, objeto e interpretante. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 6, p. 44-52, set. 2012.)

Entre as definições trazidas por Peirce para o conceito de signo, está a ideia de que “signo é toda coisa que representa outra coisa”.

A compreensão desse processo de “representação” envolve a exploração:

- a) do domínio, da intersecção e da relação.
- b) do significante, do significado e do referente.
- c) do representâmen, do objeto e do interpretante.
- d) da coisa, do referencial e da representação.
- e) da semiose, da validação e do conjunto.

Semiótica da cultura

Diálogo aberto

O que é cultura para você? Geralmente, quando somos levados a pensar sobre esse conceito, nós o associamos aos elementos que caracterizam uma comunidade, um povo, uma nação, como as festas tradicionais, a culinária, a religião, as vestimentas, entre outros. Em certa medida, isso é mesmo cultura, porém, o que temos diante de nós é um conceito que exige um olhar com maior profundidade, em decorrência de suas múltiplas facetas e abordagens.

Uma das possibilidades de aprofundamento será apresentada a você nesta seção, em que conheceremos a **semiótica da cultura**, uma expressiva vertente dos estudos semióticos. Teremos acesso, nos próximos itens, às especificidades que a caracterizam, tais como o grupo de teóricos que formulou suas primeiras proposições, seus diálogos com outras áreas do conhecimento, suas perspectivas de análise e, sobretudo, o modo como seu objeto – a cultura – é concebido. Mais uma vez, com o intuito de que você possa compreender os conceitos contemplados na seção de modo significativo, uma nova situação-problema lhe será apresentada.

Você se lembra do Paulo, certo? A estrutura de conteúdos componentes do Manual de Introdução à Semiótica que ele deve organizar ainda não está finalizada. Na seção anterior, você pôde conhecer a chamada semiótica peirceana e, colocando-se no lugar dele, reuniu os elementos essenciais dessa vertente teórica, de modo que pudesse ser iniciada a redação do seu material.

Agora, nesta seção, ainda no papel de Paulo, prossiga com seu desafio, reunindo informações sobre a semiótica da cultura, uma outra direção tomada pelos estudos semióticos, bastante diferente daquilo que conheceu até aqui. Lembre-se de fazer seus registros, elencando os precursores da teoria, suas perspectivas metodológicas e sua abrangência, e de inserir tudo no arquivo que será entregue à sua equipe de apoio na editora.

Como essa vertente semiótica tem uma abordagem diferenciada, talvez o modo de discutir isso no manual também deva ser específico. Por isso, após assimilar os conceitos teóricos contemplados, retome a proposta da equipe editorial de que Paulo faz parte e decida a melhor forma de apresentar o conteúdo, considerando sempre o público-alvo – alunos que, possivelmente, terão seu primeiro contato com a teoria.

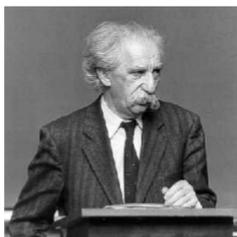
Nesse percurso, você encontrará conceitos como os de **cultura**, **códigos culturais** e **modelização**, além da noção de **semiosfera**, de modo

a compreender como a significação emerge dos elementos tomados como culturais. Reflita sobre quais dessas informações devem ser contempladas nos seus registros. Aproveite este momento para ampliar seu repertório cultural acadêmico.

Não pode faltar

De origem russa, a semiótica da cultura tem seu principal representante no semioticista e historiador cultural Iuri Lotman (1922-1993), cuja atuação, ao lado de outros pesquisadores da extinta União Soviética, consolidou a criação da chamada Escola de Tártu-Moscou, fundada na década de 1960, sob a coordenação dele e com forte influência estruturalista.

Figura 1.7 | Iuri Lotman



Fonte: http://publ.lib.ru/ARCHIVES/L/LOTMAN_Yuriy_Mihaylovich/.Online/Lotman_Yu.M.-P001.jpg. Acesso em: 23 out. 2018.

No período inicial de estudos da Escola, havia uma intensa produção baseada nos princípios do estruturalismo, um campo de abordagem da língua sob um viés que a concebe como um sistema, uma estrutura. Aliás, se você buscar obras ligadas à vertente semiótica russa, é bem provável que encontre nomes importantes dos estudos da linguagem, como Vladimir Propp, Roman Jakobson ou Mikhail Bakhtin. A justificativa para isso está no fato de que as primeiras reflexões semióticas culturais aparecem ancoradas na comunicação, na linguagem, na literatura, enfim, um campo teórico complexo e repleto de reflexões, as quais, aos poucos, passam a contemplar os elementos culturais.



Reflita

O **estruturalismo** tem, no histórico das ciências da linguagem, uma indiscutível relevância, por sustentar as primeiras abordagens teóricas da língua na chamada Linguística Moderna. Aos poucos, as ideias estruturalistas ultrapassaram as fronteiras linguísticas e adentraram as ciências humanas de um modo geral, na busca pela compreensão das estruturas que formam as relações entre os indivíduos na sociedade. Assim, em que medida a cultura pode ser tomada como uma estrutura?

É nesse contexto, conforme aponta Américo (2015), que são reunidos os primeiros escritos dos teóricos componentes do grupo, nas coletâneas *Trabalhos sobre sistemas sógnicos*. O título dado a esses conjuntos de textos é bastante significativo, não é? Ao mesmo tempo em que “sistemas” evoca a ideia estrutural que balizava as produções do período, o termo “sógnicos” faz-nos lembrar do conceito de “signo”, o qual, como você estudou, tem um relevante espaço nos estudos semióticos, em diferentes perspectivas. Para compreender como ocorre o processo de significação nos domínios dessa corrente semiótica, é essencial que, agora, você assimile alguns importantes conceitos que organizam o seu quadro epistemológico, especialmente a noção de cultura.

Cultura e códigos culturais

Pare por um instante e pense sobre esse termo: cultura. Resgate em sua memória quantas vezes você já usou essa palavra, em quais situações e com quais acepções. Como você a definiria? Mais uma vez recorrendo a um dicionário para a construção dos conceitos estudados, veja os possíveis sentidos que recobrem a noção de “cultura”:

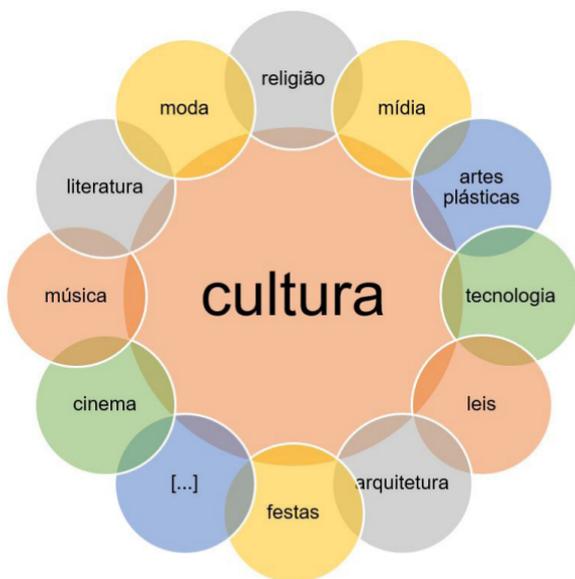
“**cultura** s.f. **1** AGR ação, processo ou efeito de cultivar a terra; lavoura, cultivo; **2** BIO cultivo de célula ou tecido vivos em uma solução contendo nutrientes adequados e em condições propícias à sobrevivência; **3** criação de alguns animais; **4** cabedal de conhecimentos de uma pessoa ou grupo social; **5** ANTRPOL conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social; **6** forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais (de um lugar ou período específico); civilização <c. clássica> <c. muçulmana>; **7** complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artistas, ciências humanas e afins <um governo que privilegiou a c.>. (HOUAISS, 2009)

Se você fizer uma breve análise das acepções apresentadas, perceberá que os itens 1, 2 e 3, por exemplo, têm um caráter mais técnico, processual, associando a noção de cultura a ações padronizadas de determinada área (biologia, agricultura, pecuária, etc.). Nos itens de 4 a 7, porém, a cultura é revestida de um caráter mais abstrato, ligada a elementos como conhecimento, comportamento, costumes, crenças e valores, assumindo, inclusive,

um status institucional. Podemos afirmar que, para a Semiótica, a cultura está mais associada a esse segundo conjunto conceitual, afinal, para Lotman (2010, p. 31), ela diz respeito ao “conjunto de informações não-hereditárias, que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam, conservam e transmitem”.

Conceber a “cultura como informação” orienta o processo de pesquisa e análise semiótica nessa vertente. Essa visão permite a exploração não só de elementos culturais isolados como também toda a combinação de fatos histórico-culturais, tomando-a como uma “espécie de texto aberto” (LOTMAN, 2010, p. 32). É nesse texto – a cultura em si – que se espalham todos os elementos que consideramos culturais, como evidencia a Figura 1.8, dos quais emanam significações e que moldam as relações entre as pessoas e o mundo.

Figura 1.8 | Elementos constituintes do “texto” cultural



Fonte: elaborada pelo autor.

Como você pôde observar nessa representação esquemática, os elementos não são isolados; eles se tocam, se chocam, confluem, formando uma rede de complementariedade que, ao integrar o tecido social, veicula sentidos, permitindo a comunicação entre as pessoas e, em certa medida, o controle de seus comportamentos. Tais elementos são os chamados **códigos culturais**, que permitem a sustentação do trabalho fundamental da cultura: “organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem” (LOTMAN; USPENSKI; IVÁNOV, 1981, p. 39).

Em outras palavras, a cultura gera uma estrutura tal que torna possível a vida e, em decorrência, as práticas sociais.



Assimile

A **cultura** é tomada pela semiótica da cultura como um grande “texto”, ou seja, um conjunto informacional e significante, em cuja estrutura se associam diferentes elementos, códigos que têm significado no cotidiano.

Você consegue depreender, até aqui, o papel desempenhado pela cultura? Conforme Machado (2010), os diferentes códigos/textos culturais permitem o funcionamento da cultura a partir de três funções basilares:

- 1) comunicação;
- 2) formação de sentido; e
- 3) memória.

A comunicação diz respeito à transmissão de significados, gerada pela noção dos textos culturais como linguagens, representações codificadas. A formação de sentido, por sua vez, tem como base as relações contextuais que se estabelecem entre códigos diferentes situados em dado ambiente. Por fim, a ideia de memória emerge da inserção da cultura na história da humanidade, regulando comportamentos e induzindo a ações (MACHADO, 2010).

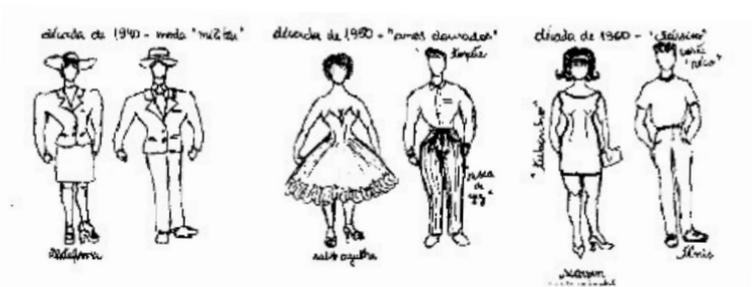


Exemplificando

A ideia de “cultura como informação” pode ser exemplificada da seguinte forma: imagine a evolução das roupas usadas pelas pessoas ao longo de diferentes décadas. A imagem da Figura 1.9 pode lhe auxiliar:

Figura 1.9 | Evolução da moda do início do século XX até a década de 1960.





Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Moda_2.jpg#/media/File:Moda_2.jpg. Acesso em: 23 out. 2018.

Os elementos da moda, assim como os de outras áreas, são tomados como códigos que compõem uma linguagem significativa. Em cada uma das etapas ilustradas esses códigos nos comunicam algo, não é? Se compararmos, por exemplo, os traços das roupas de homens e mulheres de 1940 (primeiro casal) e as de 1960 (último casal), percebemos nas primeiras maior formalidade e restrição, ao contrário das últimas, em que há maior liberdade e despojamento. Essas significações que emergem das visualidades construídas por esses códigos formam esse conjunto informacional cultural, formador de sentidos e constituinte de uma memória, observada nos comportamentos e nas práticas sociais. Se desejar, complemente este exemplo assistindo ao seguinte vídeo: MARIA CLARA. **Evolução das roupas**. 8 jun. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=blT02fi_5-8>. Acesso em: 24 out. 2018.

A leitura desses códigos, para a compreensão de seus significados, tem como base um processo, concebido no aparato teórico-metodológico da semiótica da cultura: a modelização.

Modelização

Como estudado até aqui, a cultura, nessa vertente teórica, é considerada um texto, e a comunicação dos sentidos produzidos por ela é concebida como um processo semiótico, também chamado de semiiose, por meio da qual os signos agem e geram significados. Nesse contexto, surge a **modelização**, que diz respeito ao modo como os códigos culturais geram linguagens e, também, como cada uma dessas linguagens produz significado (MACHADO; ROMANINI, 2010). Em outras palavras, modelizar é “ler” os códigos culturais, os sistemas de signos. Sob a perspectiva da semiótica,

os códigos culturais seriam, então, **sistemas modelizantes**, assim como a língua. A diferença é que a língua seria um sistema modelizante primário, e os códigos culturais seriam sistemas secundários.

Para a Semiótica, os códigos culturais, textos da realidade, não possuem uma estrutura organizada para a significação, eles apenas “existem”. É por meio da língua que a realidade é significada, ou seja, que se pode conferir certa estruturalidade aos elementos constituintes da cultura na busca pela compreensão de sua signficidade. Você deve ficar ciente, no entanto, de que, ao serem estruturados pela língua, os códigos culturais passam a ter uma organização sistemática propiciada por ela, mas não igual à dela. Se você pensar nos elementos da moda, observados há pouco na Figura 1.9, por exemplo, chegará à conclusão de que a estrutura dos códigos ali evidenciados mantém uma lógica particular, embora seja a língua o elemento que propicia essa organização: você explica/cria a linguagem da moda pela língua, mas não pela mesma estrutura da língua, afinal são sistemas distintos.

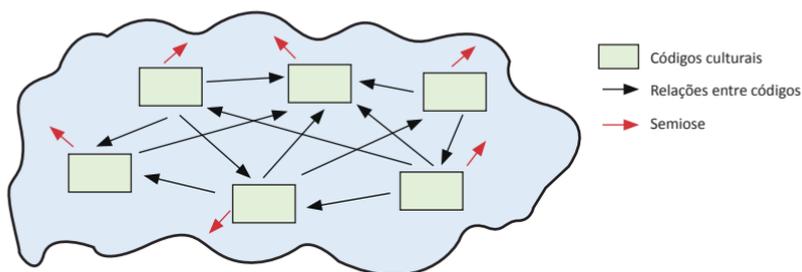
Independentemente da modelização, dessa “leitura semiótica”, qualquer código cultural pode ser examinado de duas formas: como um texto único, isolado, ou como uma reunião de outros textos, outros códigos, entre os quais é mantida uma relação de correspondência (LOTMAN, 2010). Em síntese: os sistemas modelizantes – ou os códigos culturais – mantêm contato, combinam-se, confluem, como observamos na Figura 1.8 desta seção, e isso ocorre em um espaço específico: a semiosfera.

Semiosfera

Assim como os elementos da natureza ocupam um espaço específico, a biosfera, os códigos culturais também têm sua existência – seu funcionamento, sua circulação, sua transformação – em um ambiente particular, de caráter abstrato, fora do qual, conforme Lotman (1996), é impossível ocorrer a semiose (produção de significados). Esse ambiente denominamos **semiosfera**.

Embora possam ser analisados de forma isolada, os códigos culturais, em sua existência, mantêm relações com outros, num *continuum*. É esse movimento que dá origem a um universo semiótico – a semiosfera – em que os códigos culturais podem ser acessados, combinados, criando as condições para que os signos (re)produzam sentidos e garantam a manutenção da cultura (VELHO, 2009). De um modo mais simples, a semiosfera, como ilustra o esquema da Figura 1.10, a seguir, constitui um espaço em que a cultura existe e significa a partir da coexistência dos códigos culturais.

Figura 1.10 | Representação esquemática da semiosfera



Fonte: elaborada pelo autor.

Vale ressaltar, diante dessas reflexões, que a significação dos códigos culturais não é única, estática, já que a sua movimentação pela semiosfera e, mais que isso, a sua relação com outros códigos podem gerar diferentes efeitos de sentido, em diferentes situações. Isso caracteriza o que Lotman (2010, p. 35) chama de “mobilidade semântica”: um mesmo elemento constituinte da cultura pode ser traduzido em uma informação diferente, a depender do contexto ou de sua leitura (modelização). Isso porque “o valor das coisas é semiótico, [...] é determinado não pelo próprio valor destas, mas pela significação daquilo que ele representa” (LOTMAN, 2010, p. 37).



Pesquise mais

Vamos refletir um pouco mais sobre a cultura no contexto da Semiótica? No artigo a seguir, são registradas reflexões sobre o lugar da cultura na natureza e, especialmente, nos estudos semióticos. É aprofundada a visão de cultura como um “texto”, sendo retomados conceitos como o de “semiosfera”. Você poderá perceber que os elementos culturais convivem nesse espaço de significação.

MACHADO, Irene. Cultura em campo semiótico. *Revista USP*, São Paulo, n. 86, p. 157-166, jun./ago. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13822/15640>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Como você pode constatar, a vertente russa da Semiótica compreende um amplo campo de reflexão sobre a significação, e muitas pesquisas são desenvolvidas nessa área, o que nos ajuda a compreender, cada vez de modo mais aprofundado, sua aplicabilidade em diferentes áreas.

Sem medo de errar

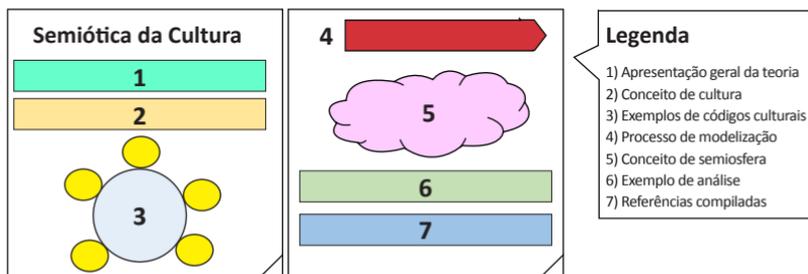
Ao iniciarmos o estudo desta seção, resgatamos a situação vivenciada por Paulo, um professor responsável pela equipe de editoração de materiais

didáticos de nível superior, cujo desafio é elaborar um Manual de Introdução à Semiótica, contemplando, na medida do possível, os elementos caracterizadores das principais vertentes da teoria.

A primeira parte desse desafio foi alcançada com a sua ajuda, a partir da elaboração de um arquivo com as principais informações relativas à semiótica peirceana, estudada na seção anterior. Nesta etapa, o seu papel era realizar o estudo sobre a Semiótica da Cultura, para, igualmente, decidir sobre quais conceitos devem ser inseridos no material em fase de construção na editora. Você certamente observou que a base da semiótica da cultura está apoiada no conceito de “cultura”, que orienta boa parte das reflexões empreendidas sob o escopo dessa vertente. Ela é tomada como um grande texto, composto pela associação de diferentes códigos culturais, os quais remetem a elementos pertencentes à vida de modo geral (arte, moda, religião, leis, etc.). É justamente a relação entre esses códigos, diversos e complementares, na chamada semiosfera que dá origem à significação, aos sentidos, fazendo com que a cultura seja, também, informação.

Para dar forma ao arquivo com os conteúdos a serem mobilizados na composição do manual, você poderá seguir o padrão iniciado no desafio anterior, inserindo esquemas e ilustrações, para que a explicação dos conceitos seja clara e didaticamente organizada. Recorrer ao padrão ilustrado na Figura 1.11 pode ajudar na manutenção da uniformidade do material em desenvolvimento pela equipe:

Figura 1.11 | Estrutura do arquivo-base para a construção do manual



Fonte: elaborada pelo autor.

Algo que não pode ser desconsiderado nesse processo é o público-alvo do manual, o qual, como você deve se lembrar, é composto por estudantes de uma instituição de ensino superior que adquire os livros dessa editora. A linguagem a ser empregada deve manter a cientificidade acadêmica, embora deva propiciar a instauração de um diálogo com os leitores. Uma sugestão válida para isso, por exemplo, é a inserção de questões voltadas à reflexão por parte deles.

E então? Seu repertório cultural acadêmico foi ampliado? É importante que você perceba as possibilidades de trabalho que se abrem com a semiótica da cultura, cujo olhar se volta para questões culturais e, ao mesmo tempo, sociais, permitindo o diálogo da teoria com outras áreas, como a Antropologia. Dê continuidade, agora, ao estudo da unidade, para que você conheça mais uma das faces dessa disciplina.

Faça valer a pena

1. _____ designa o espaço cultural habitado pelos signos. Fora dele, no entender de Lotman, nem os processos de comunicação, nem o desenvolvimento de códigos e de linguagens em diferentes domínios da cultura seriam possíveis. Nesse sentido, _____ é o conceito que se constituiu para nomear e definir a dinâmica dos encontros entre diferentes culturas e, assim, construir uma teoria crítica da cultura.

(MACHADO, I. (Org). **Semiótica da cultura e** _____. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007, p. 16.)

Assinale a alternativa cujo termo preenche corretamente as lacunas, indicando um importante conceito vinculado aos estudos da semiótica da cultura:

- a) Significação.
- b) Culturalidade.
- c) Modelização.
- d) Semiosfera.
- e) Signicidade.

2. Leia a seguinte reflexão:

“A cultura é um texto de ampla complexidade. É definida também como o espaço semiótico em constante transição dos signos culturais que interagem por meio de linguagens.”

(FARIAS, M. C. Q. da S.; ALMEIDA, C. C. de. Interações entre Semiótica da Cultura e organização do conhecimento: conceitos integradores. In: **XII Congreso ISKO España e II Congreso ISKO España-Portugal**. Murcia: Universidad de Murcia, 2015.)

Tomar a cultura como um texto significa considerá-la:

- a) um projeto linguístico.
- b) um conjunto de significação.
- c) um repositório de enunciados.
- d) uma convenção social.
- e) uma unidade autônoma.

3. Observe a seguinte imagem:

Figura | Paisagem urbana



Fonte: iStock.

A partir da observação de elementos da imagem e com base nos conteúdos contemplados nesta seção, julgue as afirmativas a seguir como verdadeiras (V) ou falsas (F).

- () Os traços arquitetônicos distintos – entre edifícios sofisticados, ao fundo, e moradias mais simples, à frente – constituem códigos culturais que integram a paisagem urbana.
- () A significação que emerge dos diferentes modelos arquitetônicos detectados na imagem distancia-se da noção de cultura concebida pela Semiótica.
- () A Sêmiosfera, espaço de significação de códigos culturais, exclui elementos arquitetônicos como os detectados na imagem.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) V - F - V.
- b) V - V - F.
- c) V - F - F.
- d) F - V - F.
- e) F - F - V.

Semiótica greimasiana

Diálogo aberto

O que é sentido para você? Trata-se de um conceito muito comum, tanto em nosso cotidiano (em expressões como “isso não faz sentido”) como no quadro conceitual de muitas teorias, especialmente aquelas que, ligadas aos estudos da linguagem, preocupam-se em desvendar os significados que emergem dos textos. De qualquer forma, independentemente da situação, sempre relacionamos esse termo à ideia de “compreensão” de um dado conteúdo.

Nesta seção, conheceremos a **Semiótica Greimasiana**, uma das teorias que se ocupam do texto na busca por seus sentidos. Nos tópicos a seguir, você encontrará os traços que a definem e a distinguem das demais vertentes, incluindo seus expoentes, suas origens, sua amplitude e uma breve introdução ao modo como ela concebe o texto, o que será aprofundado na Unidade 2. Mantendo a coerência de nossa proposta de estudo, permitindo a você uma visualização concreta da aplicabilidade dos conceitos aqui contemplados, é delineada outra situação-problema.

A caminhada de Paulo na organização do Manual de Introdução à Semiótica está chegando à etapa final. Pronto para ajudá-lo a avançar nesse desafio? Então, depois de ter conhecido duas importantes correntes de estudos semióticos – a Peirceana e a da Cultura –, no lugar de Paulo, você deverá explorar uma terceira vertente, a Semiótica Greimasiana, essencial para a área de Linguagens, justamente aquela em que você e sua equipe editorial estão inseridos. Nessa etapa, será possível perceber que, diferentemente das anteriores, essa abordagem é bastante voltada ao estudo dos sentidos do texto, o que faz com que essa vertente seja bastante conhecida como “teoria semiótica do texto”, numa perspectiva discursiva mais evidente.

Assim, você deverá percorrer esta seção, estudar os conceitos tratados e selecionar as principais informações a serem utilizadas na finalização do seu arquivo de apoio para a elaboração do Manual, tais como o histórico da teoria, seus preceitos metodológicos e sua disseminação. Lembre-se de que esses registros devem estar organizados em *slides*, quadros ou outros recursos, de modo a facilitar a redação final do material a ser desenvolvido por você e sua equipe. Nos tópicos a seguir, você fará uma incursão pelos conceitos de **semântica estrutural**, **sentido** e **semiologia**, numa retomada dos princípios estruturalistas que embasam a vertente greimasiana da Semiótica, o que lhe

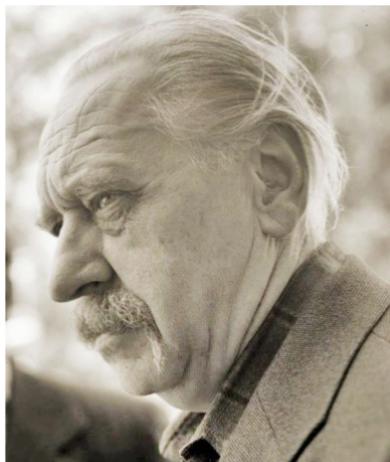
possibilitará uma visão geral de sua base teórica, ligada aos estudos do texto/ discurso. Não deixe de selecionar as principais informações para a composição dos seus registros, durante seus estudos. Certamente, este momento fará muito “sentido” em sua participação nesta disciplina!

Não pode faltar

A chamada semiótica greimasiana resulta de formulações teóricas do linguista lituano Algirdas Julien Greimas (1917-1992). Como professor na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais) de Paris, ele integrou o Grupo de Investigações Semiolingüísticas da instituição, tomado como o centro precursor dessa vertente da teoria. É nesse campo de investigação que Greimas, por meio da ministração de seminários, lançou as bases da Semiótica de linha francesa, também conhecida como semiótica narrativa ou discursiva.

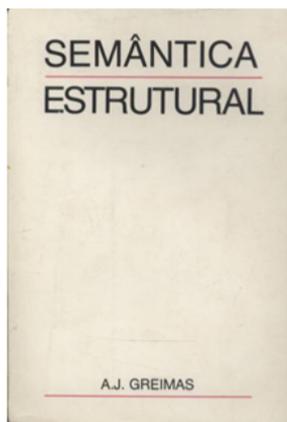
As aulas de Greimas, por meio de seus seminários, levaram à publicação de *Sémantique structurale*, em 1966, considerada a obra fundante dos estudos semióticos greimasianos. No Brasil, você encontra a referência de sua tradução para o português, lançada no início da década de 1970, após visita do autor ao país, sob influência do contato com colegas professores e seus ex-alunos.

Figura 1.12 | Algirdas Julien Greimas



Fonte: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=67759158>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Figura 1.13 | Primeira grande publicação da semiótica greimasiana



Fonte: Greimas (1973).



Refleta

A partir do título dessa obra, que se configurou como o ponto de partida dos estudos semióticos greimasianos, pode ser feita uma reflexão sobre os conceitos nele presentes: o termo “semântica” é comumente ligado à noção de sentido, ao estudo dos fenômenos ligados à significação; já o adjetivo “estrutural” evoca a noção de sistema. Pensando nisso, qual seria a relação entre sentido e sistema? E como isso se aplica à Semiótica?

A obra que Greimas levou a público partia da apresentação de condições para uma semântica científica, passando pela estrutura elementar da significação, contemplando também relações entre linguagem e discurso, evidenciando como os significados se manifestam. Para isso, Greimas organizou exemplos de análises caracterizadas como “sêmicas”, as quais buscavam evidenciar traços semânticos distintivos em oposições detectadas nos textos.

Entretanto, o desenvolvimento dessa vertente teórica não teve um caminho facilitado. Hénault (2006) relata que o texto de Greimas foi visto como “complicado” e “audacioso”. Contudo, essa complexidade e essa audácia atribuídas à obra decorreram do fato de que a sua amplitude, em certa medida, não foi compreendida, já que, além de componentes teóricos e mostras de aplicação prática aparentemente difíceis, o que se tinha era um conjunto de ideias semióticas consistentes. A obra greimasiana marca, na verdade, um ponto de evolução em uma história de mais de um século na busca pela explicação/compreensão dos fenômenos envolvendo linguagem e significação, numa trajetória iniciada ainda com o linguista Ferdinand de Saussure, considerado o “pai da Linguística”, no final do século XIX, o que confirma a clara influência estruturalista sofrida pela produção semiótica francesa.

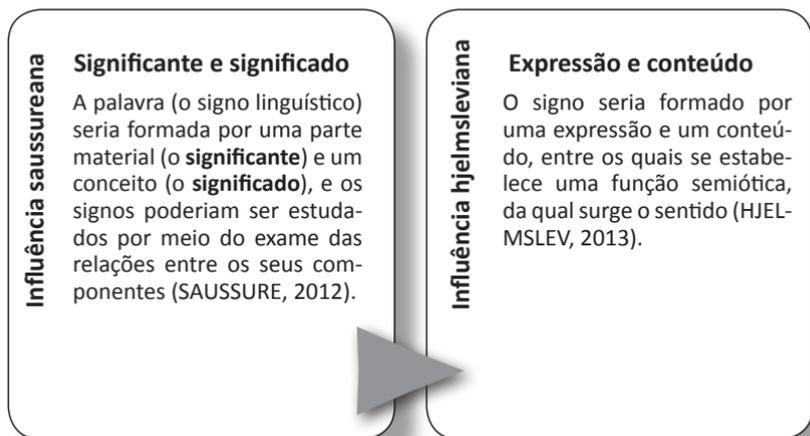
Princípios estruturalistas

Você deve se lembrar de que, na Seção 1.2, fizemos uma breve menção ao estruturalismo, que influenciou a produção inicial da semiótica da cultura. O mesmo ocorre no caso da semiótica greimasiana, que teve os princípios estruturalistas presentes na conformação de suas bases elementares. É fácil compreender essa influência: o estruturalismo, como vimos, assume a concepção de língua como um sistema, no qual leis internas regulam a organização dos elementos que o compõem, delineando toda a sua conformação estrutural. Da mesma forma que um linguista, pelo viés estruturalista, procura desvendar o funcionamento da língua por meio do exame de sua organização interna, o semioticista, pelo viés greimasiano, tem como ponto

de partida os mecanismos de estruturação interna do texto, de modo que se alcancem os seus sentidos e, mais que isso, o modo como foram gerados.

Para que você reconheça de onde partem as propostas de Greimas, dois personagens devem ser mencionados: o linguista genebrino **Ferdinand de Saussure**, citado há pouco; e o linguista dinamarquês **Louis Hjelmslev**. Em síntese, conforme a Figura 1.14, são algumas concepções dos teóricos evocadas pelo modelo semiótico proposto por Greimas:

Figura 1.14 | Princípios estruturalistas na obra greimasiana



Fonte: elaborada pelo autor.

Como você verá adiante, na Unidade 2, a semiótica greimasiana traz um modo particular de conceber o texto, que se alinha às reflexões estruturalistas apresentadas, uma vez que, nesse objeto (o texto), são também identificados planos distintos (uma expressão/significante e um conteúdo/significado), entre os quais se estabelecem relações, numa organização interna específica para a produção de sentidos. E, por falar em “sentido”, o que seria isso?

Sentido e semiologia

Quando passamos a refletir sobre o termo **sentido**, é possível que nos ocorra uma grande quantidade de situações cotidianas em que essa palavra é empregada. Uma das acepções que se identifica é aquela que liga a ideia de sentido ao significado que dado elemento, uma palavra ou um texto, assume em um contexto específico. Uma rápida consulta a um dicionário comum, não especializado, trará uma informação como essa. O fato é que a noção de

“sentido” assume grande relevância no campo semiótico, embora o estabelecimento de limites conceituais seja bastante difuso.

No *Dicionário de Semiótica*, uma importante síntese do quadro epistemológico da teoria (publicado originalmente, em 1979, sob o título em francês *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*), Greimas e Courtés (2016, p. 456) afirmam: “propriedade comum a todas as semióticas, o conceito de sentido é indefinível”. Ora associado à ideia de “significado”, ora tomado como o resultado de uma articulação interna de elementos entre os quais se estabelecem relações, a busca das semióticas – peirceana, da cultura ou greimasiana – se dá pelo sentido, por aquilo que se pode abstrair da composição de dado objeto: o signo, a cultura ou o texto.

É nessa busca pelo sentido que se verifica a natureza da Semiótica, uma teoria que, no quadro teórico greimasiano, conflui com a **Semiologia**, mais uma das heranças estruturalistas de Saussure.

Na obra saussureana, a língua é referenciada como um “sistema de signos que exprimem ideias” (SAUSSURE, 2012, p. 47), e os signos, que se espalham no seio da vida social, podem ser estudados por uma ciência: a semiologia.



Assimile

A “semiologia”, no histórico dos estudos acerca do sentido e da significação, diz respeito a uma ciência geral que tem como base o estudo das significações que recobrem todos os sistemas de signos, confundindo-se, sinonimamente, com a própria Semiótica.

Inicialmente, a semiologia propunha uma extensão do estudo estrutural linguístico, partindo dos códigos verbais em direção aos não verbais, circulantes no meio social. Isso ampliaria o campo de abrangência dos estudos voltados à significação. Por muito tempo, porém, esse foco fez com que Semiótica e a semiologia figurassem como termos designadores de um mesmo referente, uma vez que, em espaços distintos e liderados por grupos teóricos diversos, as investigações dessas áreas confluíam.

Isso perdurou até 1969, quando o comitê fundador da Associação Internacional de Estudos Semióticos, da qual fazia parte Greimas, definiu o termo “semiótica” como o designador desse campo, fazendo com que, internacionalmente, a comunidade científica o empregasse mais comumente para se referir ao estudo dos processos de construção dos significados/sentidos.



Pesquise mais

Você sabia que muitas polêmicas pairaram sobre as escolhas entre os termos “semiologia” e “semiótica”? No artigo indicado a seguir, você terá acesso a mais detalhes sobre o histórico dessas terminologias, deparando-se, inclusive, com curiosidades, como a que liga o termo “semiologia” à área médica, no estudo dos sinais e sintomas. Leia e pesquise mais sobre o assunto.

NÖTH, W. Semiótica e semiologia: os conceitos e as tradições. **Com Ciência - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, n. 74, 10 mar. 2006. Disponível em: <<http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=11&id=82>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

O que a obra de Greimas fez foi, conforme Hénault (2006), a reinterpretação e a concretização de todo um “edifício teórico” precedente. A Semiótica greimasiana, assim, consolidou-se como teoria, atingindo o estatuto pelo qual é reconhecida: uma “teoria do texto” (BARROS, 2007).

A semiótica como uma teoria do texto

Com base nos preceitos estruturalistas, que, como você viu, investigam as relações entre significante e significado (na visão saussureana) ou entre expressão e conteúdo (na visão hjelmsleviana), a Semiótica desenhada por Greimas também concebe o texto como uma estrutura. Para a teoria, essa estrutura permite a análise em níveis distintos, os quais, variando de um polo mais abstrato a um mais concreto, permitem a visualização dos procedimentos envolvidos na construção do texto e, conseqüentemente, dos sentidos nele presentes. Esse modo de visualização do texto (uma estrutura dividida em diferentes níveis) ficou classicamente conhecido como **percurso gerativo de sentido**, a metodologia básica de análise semiótica sob a perspectiva greimasiana.



Exemplificando

Para exemplificar a ideia de texto como um “percurso gerativo de sentido”, numa sucessão de diferentes patamares nos quais o sentido é engendrado, tomemos a essência da famosa fábula *A cigarra e a formiga*. Você se lembra dessa historinha, não é?

Ao longo de todo o verão, a formiga trabalhava para que, no inverno, não enfrentasse problemas com a escassez de alimentos. A cigarra, por sua vez, passava os dias cantando. Com a chegada do frio, toda a sua ociosidade resultou em penúria, enquanto a formiga enfrentava a

estação tranquilamente.

A análise introdutória diz respeito a um primeiro nível, em que se destacam ideias básicas que formam, entre si, uma oposição semântica: trabalho x ócio. É a partir dessa oposição que, num segundo nível, delineiam-se as relações dos personagens (sujeitos) com seus desejos (objetos de valor): a formiga com o alimento (situação positiva) e a cigarra sem ele (situação negativa). Por fim, num terceiro nível, verificam-se as estratégias do produtor do texto para a criação do discurso, evidenciando como temas abstratos (trabalho, ócio) são revestidos por meio de figuras concretas (busca de alimentos, cantoria).

Esse percurso de análise, porém, pode ser bem mais detalhado, com a mobilização de inúmeros conceitos, o que será feito na Unidade 2.

Por sua preocupação com o texto, identificamos na Semiótica Greimasiana uma das correntes teóricas mais seguidas no Brasil, sobretudo no campo dos estudos da linguagem, colaborando para a abordagem dos processos de leitura e interpretação de textos. O ideal é que você perceba a vertente greimasiana da Semiótica como um amplo campo de intersecções teóricas. Embora considerada uma teoria do texto, como tratamos aqui brevemente e como poderemos verificar de modo mais aprofundado na próxima unidade, ela mantém diálogo com as demais correntes semióticas, uma vez que também lida com a significação, com os signos.

Prepare-se, então, para se aventurar ainda mais nessa jornada semiótica!

Sem medo de errar

Na parte introdutória desta seção, mais uma vez, você foi colocado diante de uma situação vivida por Paulo, a quem foi confiada, na editora em que trabalha, a missão de redigir um manual de Introdução à Semiótica, no qual possa ser encontrada uma síntese completa das principais abordagens semióticas disseminadas no mundo.

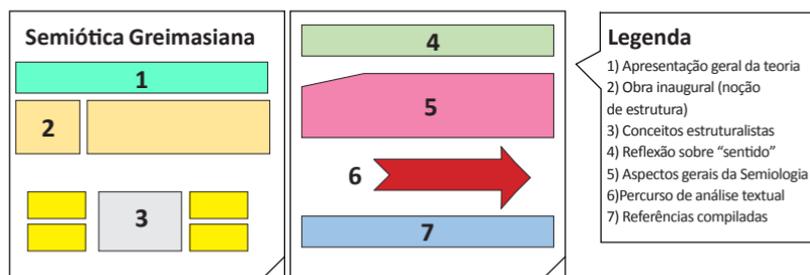
Uma expressiva parcela dos conteúdos necessários para a formulação desse material já foi alcançada por você nas duas primeiras seções, quando discutimos as especificidades da semiótica peirceana e, também, da semiótica da cultura. Nessa etapa final da unidade, fechando esse ciclo preliminar, você foi incumbido de explorar a base teórica da semiótica greimasiana, para que você e sua equipe tenham acesso aos dados necessários para a conclusão do manual.

Ao longo do estudo, você deve ter percebido que essa vertente tem um forte teor estruturalista, em especial devido à retomada de um modo específico de conceber a língua e, também, o texto: um sistema; um percurso dentro do qual se estruturam

mecanismos de produção do sentido. Junto à noção de sentido, é válido o resgate dos conceitos de signo, objeto signifiante que também perpassa outras vertentes da teoria, bem como de semiologia, tomada como uma espécie de sinônimo para a Semiótica enquanto uma ciência geral de estudo dos signos. Por fim, é imprescindível a menção ao fato de que a vertente greimasiana constitui uma teoria do texto, ou seja, que tem o texto como objeto principal de análise.

Assim como sugerido na resolução das duas situações-problema anteriores, de modo a organizar as informações para o arquivo a ser repassado à equipe editorial de apoio, você poderá distribuir os dados coletados em quadros, diagramas, esquemas, ilustrações, entre outros recursos. A Figura 1.15, a seguir, ilustra uma possibilidade de distribuição dos conceitos compilados:

Figura 1.15 | Estrutura do arquivo-base para a construção do manual



Fonte: elaborada pelo autor.

Para reforçar uma ideia já discutida, lembre-se de que o manual fará parte do conjunto de materiais teóricos a serem utilizados por estudantes de cursos de graduação que ainda não tiveram contato com a teoria semiótica. Portanto, procure registrar as explicações em uma linguagem clara e acessível, embora atenda ao rigor científico exigido no nível superior.

O que achou desse percurso? Ele fez sentido para você? O conhecimento construído até aqui é apenas uma parte de tudo o que podemos aprender sobre a Semiótica, por isso, finalize as atividades desta seção e avance para a próxima Unidade, na qual você conhecerá, com mais profundidade, os meandros da abordagem semiótica de textos.

Faça valer a pena

1. “A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.”

(BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2007, p. 7).

A proposta de abordagem da vertente semiótica greimasiana possibilita a sua inserção no quadro das chamadas:

- a) teorias descritivas.
- b) teorias literárias.
- c) teorias do texto/discurso.
- d) teorias gramaticais.
- e) teorias linguísticas.

2. Observe o título da seguinte obra, de autoria do precursor da teoria semiótica de linha francesa:



(GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Edusp, 2014.)

A partir do título da obra, é correto afirmar que:

- a) há dois tipos de sentido, sendo que o segundo é estudado pelos semioticistas.
- b) a ideia de “ensaio” indica o nível incipiente dos estudos semióticos.
- c) há elementos que se situam sobre, ou seja, acima do sentido.
- d) as reflexões sobre o sentido integram o campo de abordagem da semiótica.
- e) a semiótica constituiu um aporte teórico de caráter introdutório.

3. Observe os conceitos a seguir:

Semiótica

Teoria geral das representações, que leva em conta os signos sob todas as formas e manifestações que assumem (linguísticas ou não).

Semiologia

Ciência geral que tem como objeto todos os sistemas de signos e todos os sistemas de comunicação vigentes na sociedade.

(HOUAISS, Antonio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.)

A partir dos conhecimentos ligados aos dois conceitos, analise as asserções a seguir e a relação estabelecida entre elas:

I) Semiótica e Semiologia, por muito tempo, figuraram como conceitos independentes, contemplando aspectos divergentes.

PORTANTO

II) A aproximação semântica estabelecida pelo dicionário entre os dois conceitos é invalidada pelo histórico da teoria semiótica de um modo geral.

Sobre essas asserções, assinale a alternativa correta:

- a) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma conclusão correta da I.
- b) A asserção I é uma proposição verdadeira, mas a II não é uma conclusão correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

Referências

- AMÉRICO, E. V. Iúri Lotman e a Escola de Tártu-Moscou. **Galáxia**, São Paulo, n. 29, p. 123-140, jun. 2015.
- BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- ECO, U. **Tratado geral de semiótica**. 5. ed. Tradução: Antônio de Pádua Danesi e Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural: pesquisa de método**. Tradução: Haqira Osakape e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1973.
- _____. **Sémantique structurale: recherche de méthode**. Paris: Librairie Larousse, 1966.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- HÉNAULT, A. **História concisa da semiótica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.
- HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2. ed. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. 3. ed. Tradução Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- LOTMAN, I. **Semiosfera**. Semiótica de la cultura y del texto. Tradução: Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1996.
- _____. Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, B. (Org.). **Semiótica russa**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 31-41.
- LOTMAN, I.; USPENSKII, B.; IVÁNOV, V. **Ensaio de semiótica soviética**. Tradução: Victoria Navas e Salvato Teles de Menezes. Lisboa: Horizonte, 1981.
- MACHADO, I. Cultura em campo semiótico. **Revista USP**, São Paulo, n. 86, p. 157-166, jun./ago. 2010.
- MACHADO, I.; ROMANINI, I. Semiótica da comunicação: da semiose da natureza à cultura. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 89-97, maio/ago. 2010.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 4. ed. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- SANTAELLA, L. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 2007.
- _____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2016.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SCHNAIDERMAN, B. Semiótica na URSS: uma busca dos "elos perdidos". In: SCHNAIDERMAN, B. (Org.). **Semiótica russa**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 9-27.
- VELHO, A. P. M. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249-257, set./dez. 2009.

Unidade 2

Análise semiótica de textos

Convite ao estudo

Analisar textos é uma tarefa realizada por você ao longo de toda sua trajetória escolar, certo? Ainda hoje, independentemente da área de atuação, o texto sempre está ao seu redor: comunicando, propiciando a interação, transmitindo sentidos. E, como vimos, ele se mostra como um objeto da Semiótica, já que, ao lidar com a significação, essa teoria procura desvendar como os processos significativos se concretizam e quais são os mecanismos responsáveis por isso.

Os conteúdos mobilizados nesta unidade propiciarão a você, então, o delineamento de um novo olhar para o texto, apresentando-lhe uma proposta de análise ancorada nos princípios que sustentam a Semiótica greimasiana, a qual você conheceu anteriormente. Em síntese, você se aprofundará nessa vertente da teoria, tornando-se apto a, em diferentes situações, percorrer a estrutura do texto na busca pelos sentidos nele existentes.

Nesta segunda etapa de nossa incursão no universo semiótico, conheceremos Manuela, uma jornalista que, além de integrar a equipe de redação de uma importante revista, atua como voluntária em um projeto social ao lado de outros profissionais, como professores, designers gráficos, fotógrafos e artistas plásticos, colaborando no atendimento de crianças e adolescentes de uma comunidade da periferia de sua cidade. Por sua experiência e seu perfil comunicativo, no projeto, ela desenvolve oficinas de escrita e realiza sessões de contação de histórias.

Durante suas apresentações, além de abrir espaço para narrativas que explorem elementos lúdicos, Manuela procura inserir a abordagem de temas éticos e morais, justamente para colaborar no processo de formação de valores do público atendido. Nesse sentido, uma alternativa encontrada por ela é a discussão dos conteúdos contidos nas fábulas.

A inquietação de Manuela, porém, está no desafio de ampliar a comum comparação entre o “texto” da fábula e a sua “moral”, aquela frase que costuma sintetizar o ensinamento proposto no enunciado. O que ela deseja é buscar recursos que possam tornar suas análises mais interessantes e completas, mas em uma linguagem acessível às crianças e aos adolescentes, de modo a despertar um maior interesse neles.

O acompanhamento da trajetória de Manuela desafiará você na busca por soluções para os problemas vivenciados por ela, conforme vão lhe mostrar as seções desta unidade. Cada uma contemplará a porção de conhecimento necessária para a sua atuação: a Seção 2.1 trata do conceito semiótico de texto, evidenciando-o como uma unidade formada por dois planos complementares; na Seção 2.2, será explorada a metodologia básica da análise semiótica de textos, conhecida como percurso gerativo de sentido; e, finalmente, com a Seção 2.3, você conhecerá a abordagem das chamadas paixões semióticas, que evidenciam novos olhares para a análise textual.

Como o texto se organiza? De onde emergem os sentidos identificados em sua estrutura? De que modo empreender uma análise textual completa sob a perspectiva da semiótica? Encontre respostas para essas e outras questões com o estudo da Unidade 2.

O texto sob uma perspectiva semiótica

Diálogo aberto

“Texto é um conjunto de palavras”, “texto é uma unidade de sentido”, “texto é isso, e não aquilo”... Ao longo de sua jornada como estudante, você deve ter se deparado com vários conceitos de texto.

É esse o ponto de partida do estudo a ser empreendido nesta seção, a qual trará até você a abordagem do objeto “texto”, considerado por muitas teorias, sob a perspectiva da Semiótica Greimasiana. A proposta é a de que haja um aprofundamento das reflexões iniciadas na unidade anterior, propiciando um olhar específico, voltado à análise de textos, nesse primeiro momento, predominantemente verbais. Para que você possa compreender e aplicar a base conceitual delineada na seção, uma situação-problema será apresentada a você.

Na introdução da unidade, você conheceu Manuela, uma jornalista que atua como voluntária junto a outros profissionais, como professores, designers gráficos, fotógrafos e artistas plásticos, em um projeto social voltado à formação cidadã de crianças e adolescentes em sua cidade. Como uma de suas atividades, ela realiza a contação de histórias, por meio da abordagem de fábulas e outros textos conhecidos, a fim de mobilizar a atenção desses jovens para aspectos humanos e sociais. É justamente nessa tarefa que Manuela enfrenta um desafio: como aprimorar esse processo de análise das histórias que conta?

Manuela deseja, a princípio, ampliar aquela simples comparação que as pessoas costumam fazer ao analisar fábulas, com base na leitura da narrativa em si e de sua moral. Porém, ela sabe que, embora simples, esse procedimento não pode ser desconsiderado. Então, nessa primeira etapa, você deverá colocar-se no lugar da jornalista, planejando uma forma específica de abordagem de uma fábula, primeiramente, com ênfase na estrutura desse tipo de texto: a história vivida pelos personagens e a moral veiculada. A ideia é que seja empreendida uma análise mais detalhada da relação entre essas duas partes do texto, de modo que o seu público possa visualizar com maior clareza os sentidos nele expressos.

Para isso, você deverá propor algum tipo de esquema visual a ser apresentado para os participantes do projeto – um quadro, um diagrama, um mapa conceitual, etc. – evidenciando o que podemos encontrar em uma fábula, tanto na narrativa quanto na moral que a acompanha.

Para realizar essa tarefa, você terá acesso, nesta seção, ao conceito de **texto**, mas sob uma perspectiva semiótica, concebendo-o como um **objeto de**

comunicação e, também, como um **objeto de significação**. Além disso, refletirá sobre as especificidades das chamadas **análise interna** e **análise externa** do texto, bem como sobre os seus constituintes, o **plano de expressão** e o **plano de conteúdo**. Essas informações lhe ajudarão na resolução do desafio proposto.

Certamente, você encontrará a expressão de muito conteúdo por aqui!

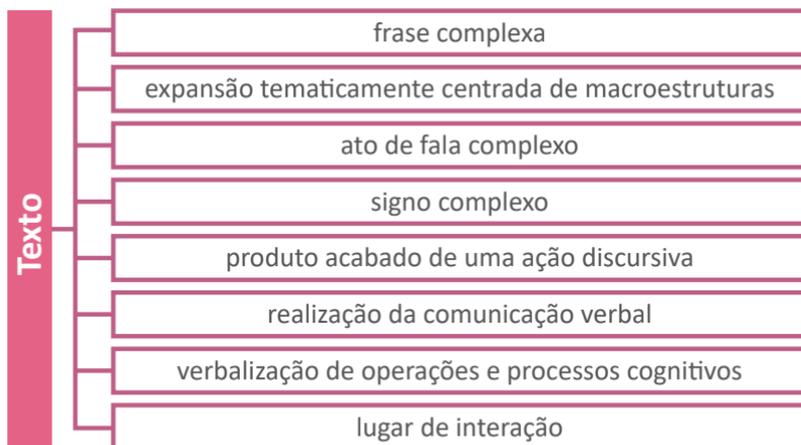
Não pode faltar

Conceito semiótico de texto

Na unidade anterior, ao conhecer as diferentes vertentes semióticas, você foi levado a compreender a Semiótica greimasiana como uma “teoria do texto”, que, ao lado de outras importantes correntes, toma o texto como objeto basilar de análise. É daí, inclusive, que surge a clássica passagem que sintetiza o foco dos estudos greimasianos: procura-se “explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2007, p. 7). Portanto, é essencial refletirmos sobre este conceito: **texto**.

Tradicionalmente, um texto é concebido como “conjunto das palavras escritas”, “trecho ou fragmento de obra” ou “qualquer material escrito que se destina a ser falado ou lido em voz alta” (HOUAISS, 2009, p. 1840). Talvez você tenha ouvido alguma definição parecida com essa na escola. De uma forma um pouco mais aprofundada, no histórico de teorias como a chamada Linguística Textual, o texto apresenta uma conceituação bastante diversificada, conforme evidencia a Figura 2.1, a seguir:

Figura 2.1 | Conceitos de texto



Fonte: adaptado de Koch (2001).

Nesse panorama geral, os termos “textuais” e “discursivos” confluem, o que exige uma breve reflexão sobre as distinções entre “texto” e “discurso”. Você deve se lembrar, inclusive, que a Semiótica greimasiana é também conhecida por Semiótica discursiva. Mas, afinal, há diferença entre essas nomenclaturas?

Greimas e Courtés (2016), em seu *Dicionário de Semiótica*, afirmam que é comum a não distinção entre texto e discurso, os quais são por vezes tomados como sinônimos. Já Barros (2016) ressalta a ideia de que tais conceitos são, sim, diferentes. Nessa abordagem, o texto seria, mais ou menos, a manifestação concreta do discurso, sendo este a última etapa no processo de construção dos sentidos do texto.

Em síntese, o que você deve ter em mente é que, no âmbito da Semiótica greimasiana, o texto, esse grande signo, é tomado como uma estrutura devidamente organizada para a construção dos sentidos, e essa estrutura é vista sob uma dupla visão: como um objeto de significação e como um objeto de comunicação.

Objeto de significação e objeto de comunicação

O que seria significar e o que seria comunicar? Tais ideias estão na essência da dualidade definidora do texto segundo a Semiótica greimasiana, para a qual o texto é, ao mesmo tempo, um **objeto de significação** e um **objeto de comunicação**.

Basicamente, como refletem autores da área (FIORIN, 1995; BARROS, 2007), ao ser tomado como um objeto de significação, o texto é concebido como uma unidade significante estruturalmente organizada por meio da mobilização de recursos (linguísticos) que, juntos, engendram os sentidos. Como um objeto de comunicação, também chamado de objeto histórico, por sua vez, o texto constitui uma unidade de sentido situada em um espaço e em um tempo específicos (contexto), sendo atravessado por elementos externos, como os valores ideológicos que circulam na sociedade.

Percebemos, então, uma espécie de duplo movimento: no primeiro, o da significação, o texto seria uma unidade quase autônoma, a partir da qual emanam os sentidos, identificáveis/ explicáveis por si só; no segundo, o da comunicação, os sentidos do texto são também produto da interação por ele propiciada, como resultado da ação de sujeitos entre os quais circula.

Atente para o fato de que esse duplo modo de conceber o texto não permite a prevalência de uma ou outra visão, já que, conforme Barros (2007), é a partir dessa dualidade que o texto existe: ele significa por meio de sua estrutura e por meio das influências que sofre do contexto em que é produzido e veiculado. Assim, na amplitude da Semiótica, o texto pode ser analisado interna e externamente.



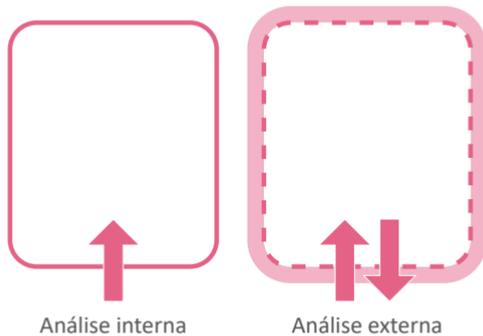
Refleta

“Ler, para alguns autores, é extrair o significado do texto. Para outros é atribuir um significado.” (LEFFA, 1996, p. 9)

De que modo a “extração” ou a “atribuição” de significados se associam à dupla visão de texto (objeto de comunicação e objeto de significação)?

Análise interna e análise externa do texto

Figura 2.2 | Movimentos da análise do texto



Fonte: elaborada pelo autor.

Ao considerarmos essa dupla noção de texto, como você pôde verificar, pressupomos dois movimentos distintos, embora complementares do ponto de vista analítico, conforme ilustra a Figura 2.2:

No caso da **análise interna**, em que o texto é visto como um objeto de significação, são examinados os recursos mobilizados na organização estrutural do texto e o

modo como eles se relacionam/combinam para a produção do(s) sentido(s). No caso da **análise externa**, por sua vez, considerando o texto como objeto de comunicação, é avaliado o contexto sócio-histórico em que a produção é situada, além de como isso determina a significação, sem desconsiderar, no entanto, os recursos da constituição interna. Verifique, com o poema a seguir, um breve exemplo de análise interna e externa do texto:

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados

(ANDRADE, Oswald. Poesias reunidas. In: _____. **Obras completas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 89.)

No que tange a uma análise interna desse poema, como exemplo de um texto verbal, pode-se fazer menção à abordagem dos recursos linguísticos selecionados para a sua construção, de modo que o tema “aspectos da oralidade” fosse concretizado: a oposição entre as formas “milho”, “melhor”, “pior” e “telha” e as formas “mio”, “mió”, “pió” e “teia”, evidenciando um fenômeno fonológico característico da oralidade; e o uso dos verbos conjugados na terceira pessoa do plural (“dizerem”, “dizem” e “vão”), marcando o fenômeno sintático da indeterminação do sujeito. Tais recursos exploram, em *Vício na fala*, o tema da variação linguística, das diferentes manifestações da língua, detectadas na fala de diferentes sujeitos. Em se tratando da análise externa, o texto pode ser ancorado em reflexões ligadas ao fato de que, independentemente de sua fala, um indivíduo mantém seu papel social, trabalhando e cooperando para o funcionamento da sociedade, em contraste com as visões estereotipadas de que há falares melhores e piores (preconceito linguístico).



Assimile

A análise **interna** se volta para o interior do texto, para o produto do processo de seleção e combinação de recursos, a construção textual em si. A análise **externa** extrapola os limites da estrutura textual, relacionando-o ao seu ambiente de produção e circulação.

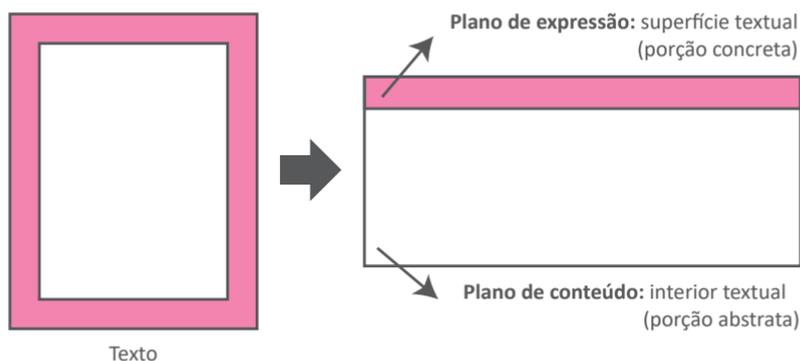
Embora, como salientam Fiorin (1995) e Barros (2007), os seguidores de cada um desses dois tipos de análise, ao longo do tempo, possam não ter uma relação muito próxima, em decorrência de sua divergência – uns vistos como objetivos demais, o que poderia empobrecer o texto; outros vistos como demasiadamente subjetivos, gerando certa amplitude na análise –, tanto a análise interna quanto a externa têm sua aplicabilidade e sua relevância na abordagem do texto. É isso que leva a Semiótica, hoje, a conciliar ambas as propostas, explorando os elementos intradiscursivos (a constituição estrutural do texto) e, também, os interdiscursivos (a relação do texto com o contexto e, inclusive, com outras produções).

Você verá que essa dualidade não se esgota na conceituação ou na análise do texto. Ele tem, também, uma organização dupla, formado por dois planos distintos: o do conteúdo e o da expressão.

Plano de expressão e plano de conteúdo

Um texto, na perspectiva da Semiótica, é concebido como a combinação de um **plano de expressão** e um **plano de conteúdo**. Observe, a seguir, a representação esquemática dessa combinação, na Figura 2.3:

Figura 2.3 | Planos de constituição do texto



Fonte: elaborada pelo autor.

O **conteúdo** seria, basicamente, a porção abstrata do texto, incluindo os temas abordados. A **expressão**, por sua vez, diz respeito a uma porção mais concreta, incluindo as linguagens e os recursos mobilizados para representar os temas. A relação entre ambos os planos dá origem ao que Hjelmslev (2013, p. 53) chama de “função semiótica”, um contato entre grandezas a partir do qual se formam os sentidos. Você deve ter em mente que esses dois planos, mesmo diferentes, são complementares:

“[...] expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo (HJELMSLEV, 2013, p. 54).

É importante considerar, também, que um mesmo conteúdo pode ser transmitido por diferentes expressões, já que diferentes linguagens podem ser mobilizadas para a concretização de um mesmo tema. Ou seja: em síntese, podem existir textos diferentes contemplando um mesmo assunto.



Exemplificando

Observe a imagem contida na Figura 2.4 e o poema a seguir:

Figura 2.4 | O beijo diante do mar



Fonte: iStock .

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe
nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
no breve espaço de beijar.

(ANDRADE, Carlos Drummond. In: _____. **Amar se aprende amando**: poesia de convívio e de humor. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 19.)

A imagem e o poema contemplam o tema do amor, manifestado por meio de um beijo, com referência também a elementos que representam a grandeza do mundo, como o mar. O tema identificado é manifestado de modo distinto por cada um dos textos: na imagem, recorre-se à linguagem visual, por meio de uma ilustração colorida; no poema, ao contrário, é mobilizada a linguagem verbal, com a associação de elementos lexicais. Portanto, chega-se à conclusão de que o plano de expressão de ambas as produções diz respeito às porções materiais/concretas desses textos, diferentes entre si; enquanto o plano de conteúdo diz respeito às porções abstratas/temáticas dos textos, semelhantes entre si.

A relação entre ambos os planos marca a essência constitutiva do texto na visão da Semiótica. Assim, a teoria considera, em suas análises, tanto a expressão quanto o conteúdo, mas a partir de uma trajetória específica: ela parte do conteúdo (mais profundo e abstrato) em direção à expressão (mais superficial e

concreta). É esse movimento que caracteriza a sua metodologia básica de análise, a ser explorada na próxima seção, o **percurso gerativo de sentido**.



Pesquise mais

Vamos aprender mais sobre o conceito semiótico de “texto”?

Você terá acesso, no artigo indicado a seguir, a uma excelente síntese da proposta teórica aqui delineada, com um breve resgate histórico de como a Semiótica chega ao conceito de texto que embasa seu aparato metodológico. Faça uma leitura atenta do material e complemente sua reflexão com mais pesquisas a respeito do tema.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 1995, p. 165-176. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29370/18060>>. Acesso em: 26 set. 2018.

Sem medo de errar

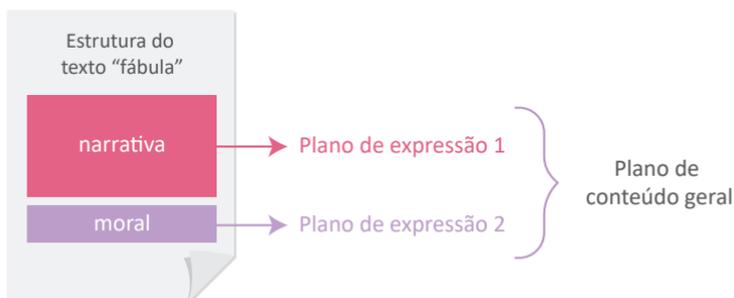
Ao iniciarmos a Seção 2.1, você conheceu Manuela, uma jornalista que atua voluntariamente em um projeto social, ao lado de outros profissionais, como professores, designers gráficos, fotógrafos e artistas plásticos, colaborando para a formação de crianças e adolescentes. Além de um trabalho voltado ao desenvolvimento da competência linguística desses jovens, ela realiza a contação de histórias, buscando, por meio dessa atividade, promover a sua formação cidadã, contemplando valores éticos e morais. Para isso, algumas das histórias selecionadas por elas são exemplos das clássicas fábulas. O grande desafio de Manuela era, contudo, realizar uma análise diferenciada dessas narrativas durante a contação, fugindo da típica ideia: “a história diz isso, e a moral diz isso”.

Com o estudo dessa primeira seção, o seu papel foi o de compreender o conceito de texto, bem como o seu modo de constituição, a fim de auxiliar Manuela no planejamento dessa análise. Você aprendeu que, no âmbito da Semiótica greimasiana, o texto é concebido sob uma dualidade, que perpassa seu conceito, sua estrutura e sua análise. Conceitualmente, ele surge como um objeto de significação (uma estrutura organizada para a produção de sentidos) e um objeto de comunicação (uma produção influenciada por fatores externos, como o contexto). Em termos estruturais, ele é formado por dois planos: o de expressão (a parte mais concreta); e o de conteúdo (a parte mais abstrata). Por fim, no que diz respeito aos procedimentos analíticos, pode haver uma análise interna (que considera

apenas os recursos do/no texto) ou uma externa (que avalia elementos adjacentes).

A partir dessas informações, você deveria pensar em uma alternativa para a abordagem da relação entre a narrativa da fábula e a sua moral. Para isso, as noções de plano de expressão e plano de conteúdo podem ajudar, já que os participantes do projeto podem ser levados a perceber que uma mesma ideia pode ser representada de modos distintos: o tema contemplado na história contada (na fábula) repete-se no texto em si e na moral, ou seja, tem-se dois planos de expressão diferentes explorando um mesmo conteúdo. Manuela pode, inclusive, elaborar um esquema gráfico, que a auxilie durante sua explanação, como este esboçado na Figura 2.5:

Figura 2.5 | Relações entre plano de conteúdo e plano de expressão em fábulas



Fonte: elaborada pelo autor.

Manuela pode realizar essa análise introdutória com base em qualquer fábula estruturada dessa forma (narrativa + moral), desde que os conteúdos sejam condizentes com o perfil do seu público. Além disso, para tornar a proposta mais significativa, ela pode incentivar os participantes a pensarem em exemplos adicionais, de modo que seja verificada a mesma organização. Entretanto, vale ressaltar que os termos técnicos devem ser omitidos: por exemplo, no lugar de “plano de expressão”, pode-se usar “forma do texto”; e no lugar de “plano de conteúdo”, pode-se dizer “assunto do texto”.

A análise, iniciada dessa maneira, já se mostra diferenciada, não é? Tenha em mente, no entanto, que esse é apenas o primeiro passo nessa trajetória de análise. Dê continuidade ao estudo da próxima seção, pois você conhecerá em detalhes o caminho analítico percorrido pela Semiótica na estrutura do texto.

Faça valer a pena

1. “[...] os Estudos do Discurso e do Texto criaram diferentes objetos teóricos, porque cada um deles se dedica a um aspecto dessa realidade ‘multiforme e heteró-

clita' que é a linguagem. Isso não é um defeito das teorias, mas é uma característica do discurso científico. [...] Cada objeto teórico vê o texto de maneira diferente.”

(FIORIN, José Luiz. Entrevista a Artarxerxes Modesto. **Letra Magna**, ano 4, n. 7, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/fiorin.htm>>. Acesso em: 28 set. 2018.)

Se cada teoria “vê o texto de maneira diferente”, a Semiótica greimasiana também o considera de modo específico, a partir de uma dualidade, concebendo-o como um objeto de comunicação e um objeto de:

- a) interação.
- b) reflexão.
- c) significação.
- d) semantização.
- e) modalização.

2. “Para explicar ‘o que o texto diz’ e ‘como o diz’, a semiótica trata de examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto.”

(BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2007, p. 7.)

Com base no tema, analise as asserções a seguir e a relação estabelecida entre elas:

I) A Semiótica considera apenas a análise externa do texto.

PORQUE

II) Ao se voltar para os aspectos internos, a significação do texto seria comprometida.

A respeito dessas asserções, assinale a alternativa correta:

- a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa da I.
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

3. Observe a Figura a seguir, considerando-a um texto:

Figura | Evolução do processo de deterioração de uma maçã



Fonte: iStock .

A partir da observação do texto, analise as afirmativas a seguir:

- I) As imagens das maçãs constituem o plano de expressão do texto.
- II) O contraste entre as ideias de vida e morte integra o plano de conteúdo do texto.
- III) No texto, plano de expressão e plano de conteúdo são semioticamente desconexos.

É correto o que se afirma em:

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) II e III, apenas.

Metodologia de análise semiótica de textos

Diálogo aberto

A produção de sentidos faz parte da essência do processo comunicativo. Sempre que produzimos textos, pretendemos gerar significação, e, ao lermos textos, buscamos a compreensão desses sentidos.

Esta seção parte, então, da leitura de textos, mas sob um viés semiótico, tomando como referência os preceitos greimasianos para a análise de produções, nesse primeiro momento, especialmente verbais. A ideia é que você conheça e compreenda um processo de análise textual, de modo que se explique o que diz um texto e como se chegou a isso. Mais uma vez, então, você será levado a vivenciar uma nova situação-problema, a fim de que possa visualizar a aplicação dos conteúdos aqui tratados com mais clareza.

Aqui, vamos nos recordar de Manuela, aquela jornalista que, em um projeto social, atua como contadora de histórias, na busca pela formação cidadã das crianças e adolescentes participantes das atividades. Você a ajudou, na seção anterior, elaborando um esquema para a análise introdutória de uma fábula, com ênfase na relação entre a narrativa e a moral nela contida. Para isso, ficou evidente a ideia de que, no geral, essas duas partes estruturais de uma fábula tratam de um mesmo conteúdo, expresso de modo distintos.

Agora, seu papel será, no lugar de Manuela, organizar uma forma diferente de contar a história de uma fábula, evidenciando o modo como o texto é internamente organizado para construir os sentidos: que ideias o embasam, o que buscam os personagens, as relações entre eles, etc. Em síntese, você deverá ajudá-la a mostrar ao seu público como a compreensão de uma simples fábula vai muito além da superfície do texto (seu plano de expressão).

Retomando a ideia da seção anterior, você poderá, para cumprir essa parte de seu desafio, ilustrar a análise por meio de quadros, esquemas, mapas conceituais, enfim, pelos recursos que julgar mais adequados para mostrar aos jovens atendidos uma forma diferenciada de interpretar as histórias.

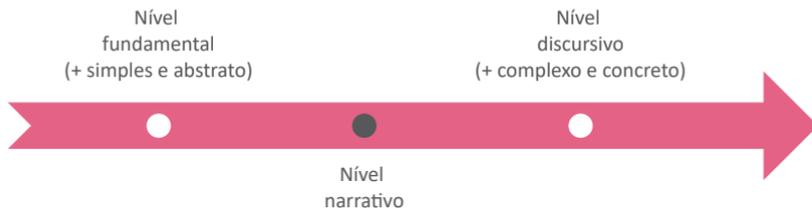
Para lhe ajudar nessa análise “diferente”, você conhecerá o chamado **percurso gerativo de sentido**, em seus diferentes níveis – o **fundamental**, o **narrativo** e o **discursivo** –, conhecendo elementos como a **oposição semântica**, os **sujeitos** e **objetos**, além dos **temas** e **figuras**. O desafio proposto a você será facilmente solucionado com a mobilização dessas informações. Caminhe por esse percurso e descubra os sentidos dos textos!

Você ainda se lembra de como o texto é concebido sob a perspectiva da Semiótica greimasiana, certo? Basicamente, trata-se da junção do plano de conteúdo e do plano de expressão: o primeiro referente à porção mais abstrata do texto, aquilo de que ele trata; o segundo referente à superfície mais concreta do texto, o modo como os temas são representados.

De acordo com Greimas e Courtés (2016), todo texto é tomado como um objeto semiótico cuja leitura/análise deve considerar o seu modo de produção, ou seja, como os componentes mobilizados em sua construção relacionam-se entre si para a produção dos sentidos. Portanto, para alcançar o que é dito pelo texto e como ele o faz, o semioticista explora, em primeiro lugar, o seu plano de conteúdo, analisando as origens do sentido, para depois avançar em direção ao plano de expressão, com a análise da materialidade concreta do texto.

A exploração desses dois planos se dá por uma metodologia clássica de análise, que, embora considerada estrutural demais por alguns, ainda hoje é mobilizada para a leitura de textos, especialmente verbais: o **percurso gerativo de sentido**. Esse percurso constitui uma trajetória formada por três níveis, como você pode visualizar na Figura 2.6:

Figura 2.6 | Níveis de análise do percurso gerativo de sentido



Fonte: elaborada pelo autor.

Basicamente, esses três níveis podem ser assim apresentados:

- **Nível fundamental:** etapa considerada mais simples e abstrata, em que a origem dos sentidos do texto é detectada pela identificação de ideias opostas, cujos significados perpassam todo o texto e a partir das quais toda a estrutura textual se desenvolve.
- **Nível narrativo:** etapa intermediária, em que as ideias opostas identificadas no nível anterior são revestidas por valores, negativos ou positivos, determinando a relação entre os diferentes componentes do texto (como os sujeitos/personagens, por exemplo).
- **Nível discursivo:** etapa mais complexa e concreta, em que o texto é observado não apenas pelo seu conteúdo, mas por sua expressão, sua

materialidade, com ênfase nas estratégias discursivas, os recursos linguísticos empregados na sua elaboração, e os elementos que concretizam as ideias abstratas contempladas por ele.

Os níveis fundamental, narrativo e discursivo são, em certa medida, independentes, mas são também complementares. Isso significa que você pode proceder a uma análise dos níveis em separado, embora o percurso completo evidencie a construção do texto de forma global. Por isso, a seguir, você conhecerá, por meio de uma proposta de análise, as especificidades de cada etapa.

Texto-base para a análise

Para que você conheça os procedimentos de análise semiótica de um texto, vamos considerar a fábula a seguir. Leia a narrativa e já comece a refletir: que sentidos são evocados e como eles são construídos?

“A galinha dos ovos de ouro

Havia um agricultor que era dono da galinha mais extraordinária que se possa imaginar: todos os dias, a ave punha um ovo de ouro.

O agricultor levava os ovos ao mercado e começou a enriquecer, mas não tardou que se tornasse impaciente com a galinha, pois esta só punha um ovo por dia. Sentia que não estava a enriquecer com rapidez suficiente.

Então, um dia, depois de ter acabado de contar o dinheiro, teve a ideia de que poderia obter os ovos de ouro todos de uma vez se matasse a galinha e lhos tirasse de dentro.

Mas, quando levou esta ideia à prática, descobriu que, por dentro, a galinha era igual a qualquer outra, e que agora já não poria mais ovos. (ESOPO, 2012, p. 193)

Nível fundamental

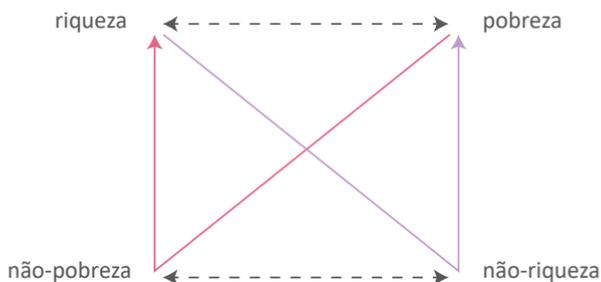
Com a análise do **nível fundamental** do percurso gerativo de sentido, você tem a exploração da etapa mais simples, mais profunda e mais abstrata. É nessa fase que se identifica a origem dos sentidos do texto.

Um primeiro item a ser observado é a organização semântica desse nível, com base na identificação de categorias que mantêm entre si uma relação de contraste: a **oposição semântica fundamental**. É a partir dessa oposição, gênese dos sentidos do texto, que se desenrolam as demais reflexões relativas ao processo de construção do objeto de análise (o texto).

Na fábula “A galinha dos ovos de ouro”, você viu a história de um agricultor ambicioso que, na ânsia por um enriquecimento mais consistente, acaba por destruir a fonte de sua fortuna. Assim, o nível fundamental desse texto evidencia uma oposição bastante nítida: riqueza *versus* pobreza. Esses termos opostos pertencem a um mesmo eixo significativo – condições sociais decorrentes da relação dos indivíduos com bens –, e deles emerge a significação.

Estruturalmente, a Semiótica greimasiana propõe a distribuição dos elementos componentes dessa oposição em um esquema clássico: o **quadrado semiótico**. Nessa representação, que você pode visualizar na Figura 2.7, a seguir, a relação entre esses elementos torna-se mais nítida:

Figura 2.7 | Oposição semântica no quadrado semiótico



Fonte: elaborada pelo autor.



Assimile

O **quadrado semiótico** constitui um esquema de organização da análise dos sentidos identificados no nível fundamental do texto, de modo que se visualize com maior clareza as oposições que se estabelecem. Ele não é explicitamente exigido para a análise, ficando a sua elaboração a critério do semioticista.

A partir da representação, os termos “riqueza” e “pobreza”, formadores da oposição, são tomados como contrários. No texto, esses termos são recobertos por valores qualitativos, pautados nas ideias de **euforia** e **disforia**: o valor é eufórico quando é positivo; ou disfórico quando é negativo. No caso da fábula, a “riqueza” apresenta um valor positivo, eufórico, já que o

agricultor a busca incessantemente, ao passo que a “pobreza”, repelida por ele, apresenta um valor disfórico, negativo.

Perceba que esses valores, positivos ou negativos, decorrem das possibilidades de negação e de afirmação das categorias que formam a oposição. No quadrado da Figura 2.7, por exemplo, você visualiza estes dois movimentos: afirmação da pobreza > negação da pobreza > afirmação da riqueza; e afirmação da riqueza > negação da riqueza > afirmação da pobreza.

Na fábula, tem-se inicialmente o primeiro movimento (da afirmação da pobreza, passando por sua negação, até a afirmação da riqueza), pois subentende-se que o agricultor não era rico antes, mas “começou a enriquecer” com a venda dos ovos. Depois, com o desenrolar da história, o percurso é o inverso, com o segundo movimento (da afirmação da riqueza, passando por sua negação, até a afirmação da pobreza), pois, mesmo tendo começado a enriquecer, o agricultor avalia negativamente essa riqueza, julgando-a insuficiente, e destrói a fonte dos ovos, matando a galinha e retornando ao seu estágio inicial.

Ganha evidência no texto, obviamente, a perspectiva do agricultor. Num outro percurso de leitura, você poderia, talvez, identificar oposições com base na trajetória da galinha, a partir da oposição “vida x morte”. Isso mostra que leituras semióticas diferentes são possíveis.

Nível narrativo

Saindo do nível fundamental, você chega a uma segunda etapa de análise, o **nível narrativo**, uma fase intermediária do percurso, na qual as categorias formadoras da oposição semântica são tomadas como objetos de valor por sujeitos, o que dá origem à narratividade do texto.

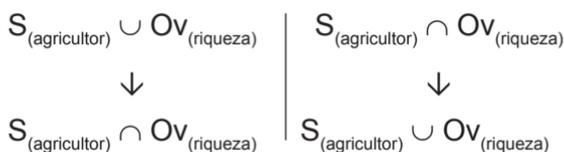
O seu primeiro passo nesse momento da análise é a identificação dos chamados actantes (participantes da narrativa): o **sujeito** e o **objeto de valor**. O sujeito diz respeito àquele que busca um dado objeto, que tem certo valor para ele. Ao alcançar o seu objeto de valor, dizemos que o sujeito atingiu uma relação de **conjunção** ($S \cap Ov$), uma situação eufórica (positiva). Quando não alcança o seu objeto de valor, dizemos que o sujeito está em uma relação de **disjunção** ($S \cup Ov$), uma situação disfórica (negativa).

No caso da fábula que estamos analisando, por exemplo, há o sujeito “agricultor”, que tem como objeto de valor a “riqueza” (os ovos de ouro). Antes do enriquecimento, decorrente da venda dos ovos, esse sujeito encontrava-se em uma situação de disjunção com seu objeto de valor por ainda não tê-lo. Ao enriquecer, passa a um estado de conjunção. Depois,

novamente atinge um estado de disjunção, ao matar a galinha e ficar sem os ovos (sem a riqueza).

A partir da observação das relações entre sujeitos e objetos, você pode perceber, no texto, dois tipos de enunciados semióticos: **enunciados de estado** (quando afirmamos que o sujeito está em conjunção ou disjunção com seu objeto de valor); e **enunciados de fazer** (quando é apresentada uma transformação de estado do sujeito). Em síntese, trata-se de como o sujeito está e daquilo que o sujeito faz.

Instaura-se, nesse ponto da análise, a chamada **narratividade**, considerada por Fiorin (2008, p. 27) um “componente de todos os textos”. Basicamente, a narratividade diz respeito à transformação do estado do sujeito, que pode migrar de um estado eufórico (de conjunção com o objeto de valor) a um estado disfórico (de disjunção) ou vice-versa: estado inicial > transformação > estado final. No percurso do sujeito “agricultor” em relação à sua busca pela riqueza, a narratividade se mostra em dois momentos: primeiro, ele alcança a riqueza (da disjunção para a conjunção); depois, ele perde a riqueza (da conjunção para a disjunção).



Você deve saber, também, que o sujeito pode desempenhar diferentes “papéis actanciais” em um texto, ou seja, diferentes funções, diferentes formas de agir (FIORIN, 2007). Assim, o sujeito pode ser: **de estado** (que mantém uma relação de conjunção ou disjunção com um objeto de valor); **do fazer ou operador** (que realiza uma ação para alcançar um objeto de valor ou para levar outro sujeito a essa condição); **destinador ou manipulador** (que leva outro sujeito a agir); **destinatário ou manipulado** (que executa uma ação sob influência de outro sujeito); ou **jugador** (que avalia as ações dos sujeitos, premiando-os ou punindo-os).

A ação que o sujeito realiza para o alcance de um objeto de valor é a chamada **performance**, para a qual o sujeito precisa ter a **competência**. Essa competência decorre de algumas modalidades: **poder, saber, dever e querer**. Assim, o sujeito precisa poder e saber realizar uma ação para alcançar seu objeto; além disso, também é necessário que ele queira e, por vezes, que ele deva realizar essa ação.

É importante que você compreenda que a performance que colocará o sujeito em conjunção com seu objeto de valor pode ser empreendida por outro

sujeito, em decorrência de um processo de **manipulação**. Semioticamente, conforme Barros (2007) e Fiorin (2008), são quatro os tipos de manipulação: tentação (com a oferta de recompensas ao sujeito); sedução (com elogios ao sujeito); intimidação (com ameaças ao sujeito); ou provocação (com deprecições lançadas ao sujeito).

Na fábula sob análise, o sujeito “agricultor” pode ser tomado como um sujeito do fazer, ao “cuidar” da galinha e ao vender a produção de ovos para o seu enriquecimento. Ao mesmo tempo, ele também atua como um sujeito destinador, que manipula o sujeito “galinha”, talvez com a oferta de benefícios, como o alimento, para que ela ponha os ovos diariamente. Ela, por sua vez, nesse caso, torna-se o sujeito destinatário (manipulado) e do fazer, cuja performance (botar ovos) levará o sujeito “agricultor” ao alcance do seu objeto de valor (a riqueza).

Vale ressaltar que, enquanto sujeito do fazer, o agricultor é também manipulado, mas em um processo que parte dele em direção a ele mesmo: é a sua ambição que o manipula, por meio da tentação, sob a oferta de cada vez mais lucro com a produção incessante de ovos de ouro. É essa mesma ambição que, ao final da narrativa, o sanciona negativamente, pois o sujeito “agricultor” é castigado após realizar a performance de matar a galinha para tentar conseguir mais ovos de ouro, ficando sem nada, retornando a um estado disfórico de disjunção com seu objeto de valor.

Nível discursivo

O **nível discursivo**, a última etapa do percurso gerativo de sentido, é aquele em que o semioticista estará voltado mais para o plano de expressão do texto, diferentemente das etapas anteriores, em que o plano de conteúdo fora privilegiado. Assim, é o momento de você observar como os componentes dos níveis fundamental e narrativo são mobilizados pelo enunciador do discurso, o que dá forma àquilo que chamamos de texto, em sua materialidade.

Basicamente, são dois os principais focos dos movimentos de análise nessa etapa: a projeção da enunciação no discurso, a partir da exploração das categorias de **pessoa**, **espaço** e **tempo**; e a concretização, no plano de expressão, dos elementos do plano de conteúdo, com a identificação das relações entre os chamados **temas** e **figuras**.

Em se tratando das categorias de pessoa, espaço e tempo, observa-se o texto como um produto da enunciação, ou seja, da “linguagem em funcionamento” (BENVENISTE, 1989), identificando-se os participantes do discurso, o espaço e o momento da interação. Nesse sentido, pode-se ter textos em primeira pessoa, com a instauração de um *eu-aqui-agora*, o que gera um efeito

de subjetividade, de aproximação – a chamada **debreagem enunciativa**; ou textos em terceira pessoa, com um *ele-alhures-então*, de que decorrem efeitos de objetividade e distanciamento – a chamada **debreagem enunciva**.

A fábula que você conheceu, *A galinha dos ovos de ouro*, mobiliza uma debreagem enunciva, já que o texto é todo construído em terceira pessoa, levando a um efeito de objetividade e distanciamento, em decorrência do fato de que o enunciador não se projeta no discurso como um “eu”. O plano de expressão do texto materializa isso, por meio de recursos linguísticos: fazem-se referências a terceiras pessoas (“agricultor”/ele e “galinha”/ela) por meio de pronomes e verbos em terceira pessoa; não há espaços bem delimitados (apenas menções esparsas, como o “mercado”, um “não aqui”) tampouco há tempos específicos, o que se percebe pelo emprego dos verbos, especialmente no pretérito (um “não agora”). Isso garante a força do enunciado da fábula, em um discurso que não se prende a datas e pode ser replicado constantemente.



Refleta

Alguns textos recorrem ao emprego da 3ª pessoa “para a criação da ilusão de objetividade”, ou seja, “finge-se um distanciamento da enunciação” (BARROS, 2007, p. 56).

É mesmo possível que o enunciador, aquele que constrói o discurso, se afaste dos textos que produz?

Quanto aos temas e às figuras, analisam-se os procedimentos da **tematização** e da **figuratização**, considerados por Fiorin (2008, p. 90) “dois níveis de concretização do sentido”, que colaboram na manutenção da coerência do texto. Para você compreendê-los, é bastante simples: imagine um texto que tenha como tema, no plano de conteúdo, a “violência”. No plano de expressão, esse tema, de base abstrata, pode ser representado por meio da instauração de figuras, elementos mais concretos, como “socos” e “pontapés” entre crianças numa briga na escola ou, ainda, como “tiros” entre policiais e bandidos num tiroteio. Lembre-se de que, como já estudamos, um mesmo plano de conteúdo pode se manifestar por meio de planos de expressão distintos, dependendo das intenções do enunciador.

Tomando como referência o texto analisado até aqui, o Quadro 2.1 traz algumas das possíveis relações entre temas e figuras:

Quadro 2.1 | Relações entre temas e figuras na fábula

Temas	Figuras
Riqueza	“ovos de ouro” “galinha mais extraordinária que se possa imaginar” “levava os ovos ao mercado” “contar o dinheiro”
Pobreza	“só punha um ovo por dia” “a galinha era igual a qualquer outra” “agora já não poria mais ovos”
Ambição	“ideia de que poderia obter os ovos de ouro todos de uma vez”
Exploração (relações de trabalho)	“impaciente com a galinha” “se matasse a galinha e lhos tirasse de dentro”

Fonte: elaborada pelo autor.

Pode-se, ainda, estabelecer uma relação mais ampla entre a narrativa da fábula em si, considerada um texto figurativo, e a frase que popularmente é citada como a sua moral (no caso da fábula de Esopo, no exemplo anterior, seria “Quem tudo quer tudo perde”), considerada um texto temático.



Exemplificando

Para que você visualize de modo bem claro a relação entre textos temáticos e figurativos, observe estes dois enunciados:

- I) “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.”
- II) “Com persistência, é possível alcançar os objetivos.”

O enunciado I, um provérbio (frase popularmente utilizada para ensinamentos), constitui um texto repleto de figuras, ou seja, ele é revestido concretamente de elementos que remetem ao mundo real, criando um efeito de realidade. O enunciado II, por sua vez, constitui um texto de caráter mais abstrato, portanto temático, repleto de elementos linguísticos que organizam os sentidos.

Ambos os enunciados, embora em planos de expressão distintos, contêm um mesmo conteúdo. A diferença está no modo como esse conteúdo é representado: com ou sem figuras.

Todos esses efeitos e relações têm relevância na medida em que estabelecem o jogo enunciativo entre o enunciador, responsável pela produção do texto, e o enunciatário, a quem o discurso se dirige. Ao tornar o texto mais genérico em termos de pessoalidade, espacialidade e temporalidade, e ao

permitir associações/analogias entre temas complexos e aspectos da realidade, cria-se um efeito de verdade, indispensável para a aceitação do texto.



Pesquise mais

Como a metodologia de análise semiótica do percurso gerativo de sentido pode ser aplicada na leitura de textos não verbais? Na Unidade 3, trataremos da abordagem de outras linguagens pela Semiótica, mas, para você iniciar esse processo de conhecimento, leia o artigo a seguir, no qual você encontrará um exemplo de análise que evidencia a possibilidade de aplicação prática da teoria na interpretação dos sentidos expressos por uma imagem.

LARA, Gláucia Muniz Proença. Lendo textos verbais e não verbais: uma abordagem semiótica. **CASA**, Araraquara, v. 5, n. 2, p. 1-13, dez. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/542>>. Acesso em: 09 out. 2018.

Antes de finalizarmos, é importante saber que, embora o percurso gerativo de sentido possibilite uma análise mais evidente de textos narrativos, em que contamos com “personagens”, os quais podem ser assumidos como os sujeitos do nível narrativo, é perfeitamente possível que façamos análises semióticas de textos de outra natureza, como os dissertativo-argumentativos, por exemplo. Nesses casos, porém, pode ser feita uma exploração com maior ênfase na identificação das oposições semânticas (nível fundamental) e nas estratégias discursivas, como os temas e as figuras (nível discursivo). Isso está em consonância com o que dissemos anteriormente: os três níveis desse percurso metodológico, embora complementares, permitem análises independentes. O semioticista não precisa analisar todos os elementos de todos os níveis, bastando que compreenda o modo como o texto está organizado internamente para a transmissão dos sentidos.

Sem medo de errar

Na introdução da Seção 2.2, você foi orientado a, mais uma vez, colocar-se no lugar de Manuela, a jornalista que, como parte integrante de sua colaboração em um projeto social, conta histórias para crianças e adolescentes, explorando diferentes narrativas para a formação ética e moral desses indivíduos. Na primeira etapa, você teve de ajudá-la a explorar melhor a relação entre o texto de uma fábula em si e a moral que a acompanha. Desta vez, o desafio estava no planejamento de uma análise mais aprofundada da

história, de modo que todos aqueles que assistissem à contação feita por Manuela pudessem compreender como um texto se organiza para transmitir os sentidos.

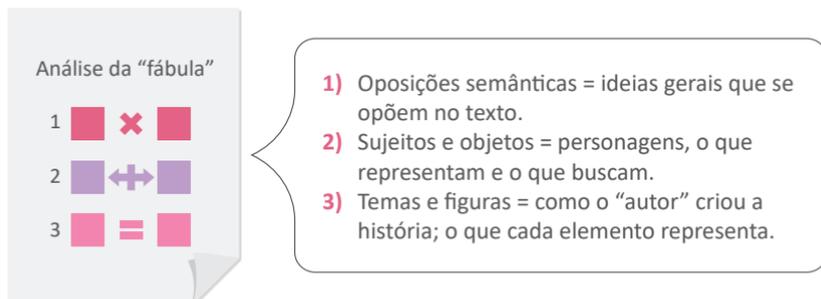
Ao longo do estudo desta segunda seção, você conheceu o percurso gerativo de sentido e, por meio dele, visualizou a trajetória que pode ser percorrida por um semiótico – ou mesmo um leitor comum – na identificação dos sentidos de um texto.

Com o nível fundamental, você pôde perceber que a origem da significação textual está ligada à existência de uma oposição semântica, uma relação entre termos contrastantes que são evocados no conteúdo da história. Essa oposição evidencia as ideias que são afirmadas e/ou negadas no texto e, ao mesmo tempo, já no nível narrativo, constituem valores que são buscados e/ou repelidos por sujeitos, os quais podem manter relação com outros sujeitos para o alcance daquilo que desejam. Por fim, tudo isso se desdobra, no nível discursivo, em elementos mais concretos, que materializam, no plano de expressão, os elementos do plano de conteúdo do texto, revestindo-o de um tom de verdade.

São essas, portanto, as noções principais que podem ser exploradas para o planejamento da análise da fábula a ser contada por Manuela ao seu público: oposição semântica; sujeitos e objetos; e temas e figuras. Porém, em se tratando de um contexto distante do universo teórico-acadêmico, essa análise não deve fazer uso de termos técnicos, de modo que a linguagem seja acessível a quem lhe assistir, cumprindo apenas o objetivo de levar os jovens participantes do projeto a “enxergarem”, nas histórias ouvidas, algo além do superficial, o que pode fazê-los refletir e, conseqüentemente, aprender.

Na Figura 2.8, a seguir, você encontra uma proposta de abordagem desses elementos, em uma linguagem mais cotidiana, que pode orientar Manuela em seu desafio:

Figura 2.8 | Proposta de abordagem semiótica de uma fábula



Fonte: elaborada pelo autor.

Como você pode perceber no esquema, há uma possibilidade de referência aos termos do percurso, sem que sejam utilizadas nomenclaturas complexas, deixando a análise mais leve e compreensível. Além disso, para essa análise, Manuela pode, obviamente, utilizar a mesma fábula que ela selecionou na primeira etapa, quando explorou a estrutura desse tipo de texto, com as relações entre a narrativa e a moral. Assim, ela dará continuidade às discussões decorrentes da história contada, levando seu público a refletir, de modo mais aprofundado, sobre os temas evocados. E esses temas, dependendo da fábula escolhida, podem ser variados: a ambição, como no caso de “A galinha e os ovos de ouro”; o trabalho e a procrastinação, como em “A cigarra e a formiga”; a falsidade, como em “O galo e a raposa”; e tantos outros.

O que achou dessa proposta? Continue avançando, pois, na próxima seção, você verá que, mesmo de um texto tão pequeno como o que analisamos, ainda mais informações podem ser extraídas, capazes, inclusive, de suscitar emoções.

Faça valer a pena

1. “No nível das estruturas _____ é preciso determinar a oposição ou as oposições _____ a partir das quais se constrói o _____ do texto.”

(BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2007.)

Considerando os conhecimentos relativos ao percurso gerativo de sentido, assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do enunciado apresentado:

- a) linguísticas; significantes; objeto.
- b) textuais; semióticas; signo.
- c) fundamentais; semânticas; sentido.
- d) narrativas; subjetivas; valor.
- e) discursivas; enunciativas; tema.

2. “Os temas – conteúdos semânticos tratados de forma abstrata – e as figuras – o investimento semântico-sensorial dos temas – constituem a semântica discursiva e asseguram a coerência semântica, temática e figurativa do discurso.”

(BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Publicidade e figurativização**. Alfa, São Paulo, v. 48, n. 2, 2004, p. 12.)

A partir do conhecimento sobre temas e figuras, analise os enunciados a seguir e classifique-os em figurativos (F) ou temáticos (T):

() O arrependimento é vão.

- () Não adianta chorar pelo leite derramado.
- () Uma andorinha só não faz verão.
- () A união faz a força.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) T - T - F - F
- b) T - F - F - T
- c) T - F - T - F
- d) F - F - T - T
- e) F - T - F - T

3. Considere os seguintes enunciados:

- I. O promotor queria a condenação do réu, mas este foi absolvido.
- II. O rapaz desejava a aprovação no vestibular e passou em 1º lugar.
- III. A mãe pediu ao filho que organizasse o quarto, e ele a atendeu.

A partir da análise dos enunciados, sob a perspectiva da relação entre sujeitos e objetos de valor, conforme nível narrativo do percurso gerativo de sentido, julgue as afirmativas a seguir verdadeiras (V) ou falsas (F):

- () Em I, o sujeito “promotor” passa de uma situação eufórica para uma situação disfórica.
- () Em II, o sujeito “rapaz” passa de uma situação disfórica para uma situação eufórica.
- () Em III, o sujeito “mãe” passa de uma situação eufórica para uma situação disfórica.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) V - V - F
- b) V - F - V
- c) V - F - F
- d) F - V - F
- e) F - F - V

Paixões semióticas

Diálogo aberto

Um texto é uma fonte imensa de sentidos e, também, de emoções. Um texto é capaz de provocar-nos sensações e permite desvendar sentimentos que se instauram entre seus componentes.

Com esta seção, continuaremos a explorar, dentro do aporte teórico da Semiótica greimasiana, as especificidades da análise de textos via percurso gerativo de sentido. Essa abordagem será ampliada, especialmente no que tange à investigação do nível narrativo, no qual podem ser identificados os chamados “estados de alma” dos sujeitos, que integram alguns desdobramentos da teoria.

Assim, para garantir uma aprendizagem significativa, você visualizará esses conceitos a partir de uma nova situação-problema, em continuidade àquelas que já solucionou nas seções anteriores. Mais uma vez, a experiência da jornalista Manuela como contadora de histórias em um projeto social será a base de nossas reflexões. Como vimos nas seções anteriores, ela está na busca por uma forma de apresentar histórias, tais como as fábulas, de modo diferenciado às crianças e aos adolescentes atendidos em seu voluntariado. Até aqui, você a ajudou a explorar a relação contida entre a narrativa de uma fábula e a sua moral, bem como o modo de organização interna de um texto como esse para a transmissão dos sentidos.

Dessa vez, seu papel será, ainda no lugar de Manuela, fechar a análise diferenciada que vem sendo construída a partir de uma fábula, de modo que, na discussão com seu público, também sejam exploradas as emoções expressas nessas histórias. Afinal, considerando que o objetivo primeiro da jornalista, no papel de voluntária na instituição, é a formação dos valores cidadãos desses jovens, considerar aquilo que os indivíduos podem sentir, a partir dos sentimentos suscitados pela narrativa analisada, é importante nesse contexto.

Para cumprir essa etapa, você deverá reunir os elementos necessários para a finalização da análise, organizando esquemas, ilustrações, etc. O importante é que os jovens que assistirem à contação de histórias e à análise feita por Manuela cheguem à conclusão de que o plano de expressão de um texto é apenas a visualização de algo muito mais complexo e profundo, o seu plano de conteúdo, que pode nos ensinar muito mais sobre ele.

Como auxílio para a execução da última etapa de seu desafio, você

conhecerá o conceito de **paixão**, mas sob uma perspectiva semiótica. Para compreendê-lo, outros serão mobilizados, como os **arranjos modais**, as **paixões simples** e **complexas**, além da ideia de **tensividade**, que emerge desse contexto. Dessa forma, com essas informações, você terá muita facilidade em atingir os objetivos desta seção. Avance em seu estudo e apaixonese por esse conteúdo!

Não pode faltar

Paixão

Quando ouve o termo “paixão”, você pensa em quê? Geralmente, associamos essa ideia ao amor, às relações entre as pessoas, quando uma gosta da outra, enfim, tem-se em mente um sentimento. No entanto, além dessa acepção cotidiana, a paixão constitui um elemento que, ao longo da história, apareceu como objeto de interesse em estudos filosóficos, o que remonta, então, à sua abordagem por filósofos como Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), ainda na Antiguidade, e René Descartes (1596-1650), já na era moderna.

Com Aristóteles, por exemplo, em um dos livros de sua famosa obra *Arte Retórica*, as paixões são estudadas junto ao *pathos* do auditório, ou seja, a emoção extraída do público a partir de discursos persuasivos. Já Descartes, na obra *Paixões da Alma*, aborda o dualismo entre corpo e mente, com espaço para reflexões sobre a alma, tomando as paixões como percepções, sentimentos e emoções.

Por muito tempo, a paixão foi tomada como uma *morbus animi*, uma “doença da alma”, uma patologia. Porém, aos poucos, ela gradativamente deixou de ser associada à “loucura”, para ser ancorada na “razão”, concebida como algo capaz de levar o indivíduo à ação. Mas, você deve estar se perguntando: e a Semiótica nisso tudo?

Como você pôde estudar na seção anterior, quando foi explorado o percurso gerativo de sentido, ficou evidente que a base das reflexões semióticas estaria exclusivamente no “fazer” dos sujeitos, ou seja, a performance, a ação, que os coloca em conjunção ou disjunção com um objeto de valor.

Isso decorria do fato de que, para a Semiótica, considerar o “ser” dos sujeitos, suas emoções, poderia tornar as análises subjetivas demais. Aos poucos, porém, a teoria abriu-se para novas perspectivas, contemplando as chamadas paixões.

Paixão semiótica

Com o desenvolvimento da Semiótica greimasiana, chegou-se à percepção de que haveria **estados de alma** decorrentes de **estados de coisas** (GREIMAS; FONTANILLE, 2003). Em outras palavras, o sujeito, na busca por seus objetos de valor, as “coisas”, com as quais pode estar em um estado eufórico, de conjugação (de posse), ou em um estado disfórico, de disjunção (de não posse), poderia vivenciar experiências emocionais geradas por essas situações.

É aí que entra, então, o conceito de paixão semiótica, um “estado de alma” dos sujeitos (BARROS, 2007; FIORIN, 2007) que pode ser modificado no decorrer de um percurso narrativo.



Assimile

A **paixão**, semioticamente, diz respeito ao estado de alma do sujeito em decorrência de sua busca por seu objeto de valor. Em outras palavras, trata-se daquilo que o sujeito pode “sentir” nesse percurso.

É importante que você tenha em mente, conforme aponta Fiorin (2007, p. 10), que “as paixões estão sempre presentes nos textos”, uma vez que as emoções humanas perpassam os discursos e orientam a produção dos sentidos. Elas, porém, podem se apresentar de variadas formas, a depender dos arranjos modais instaurados no texto.

Arranjos modais

Para a Semiótica Greimasiana, as relações dos sujeitos com os objetos de valor, no nível narrativo do percurso gerativo de sentido, podem ser modificadas pela **modalização**, uma espécie de fator determinante. São quatro as determinações modais:

- Querer;
- Poder;
- Dever;
- Saber.

O sujeito muitas vezes **quer** o objeto de valor; é capacitado para alcançá-lo, portanto **pode**; é impelido a realizar a performance, portanto **deve**; e tem o conhecimento necessário para a ação, portanto **sabe**. Cada uma dessas modalidades pode, porém, ser recoberta por um caráter negativo, levando o sujeito a não querer, não poder, não dever e/ou não saber realizar uma ação.

Ou seja: o percurso do sujeito é determinado por essas condições. Porém, estamos falando do “sujeito do fazer”, que age.

No caso das paixões semióticas, concebidas como “estados de alma”, nosso foco é o “sujeito do ser”, que é, que sente. Assim, as paixões constituem resultados da associação das modalidades com a ideia de “ser”:

- Querer ser;
- Poder ser;
- Dever ser;
- Saber ser.



Exemplificando

Imagine uma criança que, cotidianamente, faz uma série de perguntas aos seus pais por ser extremamente curiosa. Certo dia, ela faz a seguinte pergunta: “como nascem os bebês?”

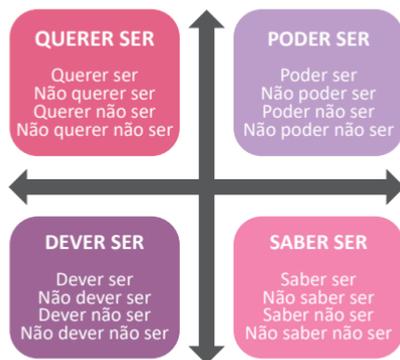
Do ponto de vista semiótico, como sujeito do fazer, essa criança quer entrar em conjunção com seu objeto de valor: o conhecimento sobre um fato específico. Para alcançar esse objeto, ela realiza uma performance: perguntar aos pais.

Como sujeito do ser, essa criança apresenta uma “curiosidade”, a qual pode ser definida como um estado de alma desse sujeito, uma paixão, representada pela modalidade do “querer ser” – o sujeito “quer ser” o detentor de dado conhecimento.

As modalidades do ser – querer ser / saber ser / dever ser / poder ser – podem igualmente ser revestidas por negações a depender das paixões a que se referem, dando origem a diferentes arranjos modais, conforme expressa a Figura 2.9:

O arranjo modal do “querer ser”, além da curiosidade citada no exemplo, pode representar outras paixões, como a “ambição”, por exemplo. Veja que um sujeito, seja curioso seja ambicioso, tem suas

Figura 2.9 | Arranjos modais do “ser”



Fonte: elaborada pelo autor.

ações pautadas por uma mesma modalidade: ele “quer ser” – ou o detentor de algum conhecimento ou o detentor de algum bem.

Porém, você deve ter em mente que as paixões não decorrem de modalidades isoladas, mas sim de toda uma “sintaxe intermodal” (FONTANILLE, 1986). Em outras palavras, as paixões podem ser resultado da combinação de diferentes modalidades, apresentando-se de modo mais simples ou de modo mais complexo.



Refleta

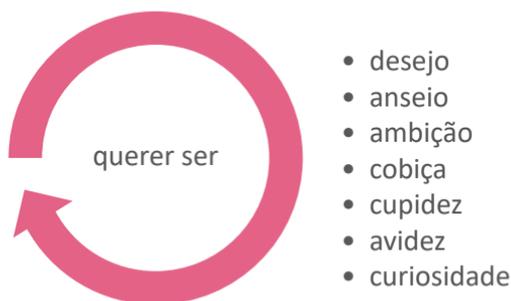
Ao buscarmos o conceito de “paixão” em um dicionário, uma das muitas definições é esta: “ânimo favorável ou contrário a alguma coisa e que supera os limites da razão” (HOUAISS, 2009, p. 1.413).

Sob uma perspectiva semiótica, em que medida as paixões representam ser favoráveis ou desfavoráveis em relação a algo?

Paixões simples e complexas

As **paixões simples** são aquelas que se estruturam a partir de um único arranjo modal oriundo da relação entre sujeito e objeto de valor. O “querer ser”, por exemplo, um arranjo modal simples, pode representar as seguintes paixões:

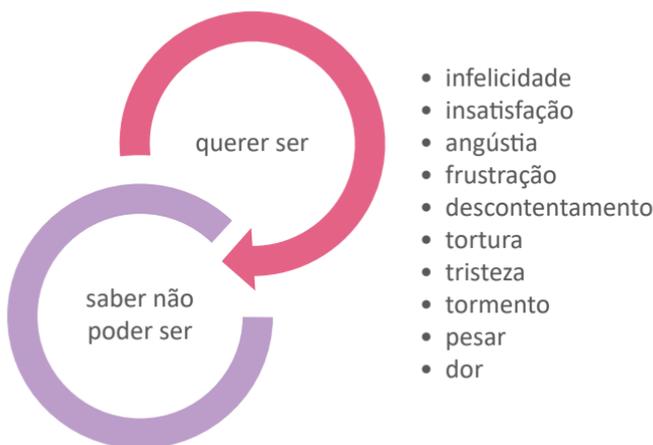
Figura 2.10 | Paixões simples decorrentes do “querer ser”



Fonte: elaborada pelo autor.

As **paixões complexas**, por sua vez, são aquelas que derivam de toda uma organização narrativa anterior, ou seja, estados de alma prévios que levam a novos estados de alma. Por exemplo, ao se observar as relações entre sujeito e objeto de valor, pode ser percebida a associação de um “querer ser” mais um “saber não poder ser” (o sujeito quer alcançar um dado valor, mas sabe que não pode alcançar). Tem-se, assim, um arranjo modal complexo, que se desdobra nas seguintes paixões:

Figura 2.11 | Paixões complexas decorrentes do “querer ser” + “saber não poder ser”



Fonte: elaborada pelo autor.



Exemplificando

Para exemplificarmos a diferença entre paixões simples e paixões complexas, vamos pensar em um sujeito cujo objeto de valor era o posicionamento de sua microempresa como a melhor no seu segmento. Porém, após anos de atuação no mercado, com falta de planejamento e de investimento, o empresário deu-se conta de que estar entre os melhores não era o destino de seu negócio.

Numa primeira perspectiva, pode ser detectada a paixão da cobiça, marcada por um arranjo modal simples – “querer ser”: o sujeito que alcança a glória mercadológica, com o destaque de sua empresa entre as demais.

Ao não se detectar o alcance desse objeto de valor, depreende-se a paixão da frustração, marcada por um arranjo modal complexo – “querer ser” + “saber não poder ser”: o sujeito deseja alcançar o reconhecimento, mas sabe que isso não é possível.

Em síntese, as paixões complexas resultam de uma sucessão de ações.

As paixões semióticas, a depender do que representam na narrativa, podem ainda ser avaliadas com base no nível de “tensão” que expressam na narrativa, o que caracteriza o estudo da tensividade.



Refleta

Até aqui, temos falado sobre as paixões como “estados de alma” decorrentes de ações, embora elas também sejam propulsoras dessas ações, levando os sujeitos a agir.

Em sua rotina diária, que situações lhe conduzem a paixões específicas? E que paixões provocam suas ações?

Tensividade

De um modo bastante simples, a **tensividade** pode ser associada a uma ideia de gradação, expressa no modo como as paixões se apresentam, considerando-se aspectos como sua duração e sua força. Conforme aponta Mello (2005), o grau de tensividade das paixões semióticas pode se dar em duas direções, com aumento ou diminuição da tensão:

- tensão > distensão > relaxamento
- relaxamento > intensão > tensão

No primeiro movimento, parte-se de uma paixão com maior nível de tensão, cuja força vai diminuindo gradativamente, até a percepção de um relaxamento. No segundo, por sua vez, parte-se de uma tensão com maior grau de relaxamento que sofre um aumento gradual da tensão.

Paixões como a “felicidade”, a “infelicidade”, o “alívio” e a “aflição” representam esses diferentes níveis: a felicidade ocorre se o sujeito deseja entrar em conjunção com seu objeto de valor e sabe que isso é possível (relaxamento); a infelicidade é expressa quando o sujeito sabe que a conjunção é impossível (intensão); a aflição, por sua vez, caracteriza a situação em que o sujeito vê a conjunção com seu objeto de valor como algo incerto (tensão); e, por fim, o alívio se mostra quando a conjunção do sujeito com o objeto de valor é dada como inevitável, ou seja, acontecerá de fato (distensão) (MELLO, 2005). A depender de como você percebe essas paixões em uma narrativa, você pode visualizar percursos diferentes.



Exemplificando

Imagine, como exemplo, um sujeito que deseja ser promovido na empresa em que trabalha, nestas quatro situações:

- Ele quer ser e sabe que pode ser, então sente-se **feliz**;
- Ele quer ser, mas sabe que não pode ser, então sente-se **infeliz**;
- Ele quer ser, mas sabe que pode não ser, então sente-se **afrito**;
- Ele quer ser e sabe que não pode não ser, então sente-se **aliviado**.

Esse sujeito pode partir da aflição (tensão), quando ainda não tem a confirmação de que será promovido, em direção à felicidade (relaxamento), ao receber a notícia da promoção; ou o sujeito pode partir da felicidade (relaxamento), ao acreditar em rumores de uma suposta promoção, em direção à aflição (tensão), ao perceber situações na empresa que representem a promoção de outra pessoa.

É importante que você tenha em mente que observar as paixões é apenas mais um desdobramento das possibilidades de análise semiótica de um texto. Isso não significa, portanto, que elas devam sempre ser analisadas; o foco da análise sempre dependerá das pretensões do semioticista, ou seja, daquilo que ele pretende enfatizar. Afinal, como vimos, os diferentes níveis do percurso gerativo de sentido, embora complementares, podem resultar em análises individuais de cada etapa do processo de construção de sentidos no texto. Para lembrar esses conceitos, reveja o percurso de análise, agora com o estudo das paixões, a seguir.

Retomando o percurso gerativo de sentido

Você estudou, na seção anterior, o método de análise de textos desenvolvido pela Semiótica greimasiana. Para retomarmos os conceitos e aprofundarmos a análise com a identificação das paixões, leia a fábula a seguir:

“O galo e a raposa

Fugindo de uma raposa, algumas galinhas e o seu galo subiram a uma árvore. A raposa, vendo que ali não os podia alcançar, quis usar de cautela, e disse ao galo:

— Podes descer com segurança, que acabou de se proclamar a paz universal entre todas as aves e animais. Portanto desce e vamos festejar este dia.

O galo percebeu que era mentira, mas com dissimulação respondeu:

— Essas novidades por certo são boas e alegres, mas vejo além três cães a chegar; deixemo-los chegar e todos juntos festejaremos.

A raposa, sem mais esperar, encolheu-se dizendo:

— Tenho medo que eles ainda o não saibam e me matem.

E depressa se pôs a fugir, ficando as galinhas seguras.

Moral: [...] se o falso encontra homem avisado, quase sempre cai nos laços que armou. (ESOPO, 2012, p. 50-51)

No **nível fundamental**, identificamos uma oposição semântica fundamental que organiza os sentidos do texto: veracidade *versus* falsidade. A veracidade é negada nas ações da raposa, que, para alcançar o que deseja, faz uso de um falso discurso.

No **nível narrativo**, consideramos dois sujeitos principais – a raposa e o galo. A primeira atua como o sujeito manipulador, que tenta, por meio da tentação, convencer o galo para que ele desça da árvore, sob o pretexto de ganhar uma comemoração, e assim possa ser capturado, o que colocaria a raposa em conjunção com o seu objeto de valor: o seu alimento, ou seja, o próprio galo. Porém, o galo não cede ao processo manipulatório e não realiza essa performance, uma vez que percebe o caráter dissimulado da raposa e tem como objeto de valor a própria vida, agindo para que se mantenha em conjunção com ela.

Por fim, no **nível discursivo**, como características da fábula, percebemos um texto em 3ª pessoa, com o distanciamento do enunciador, permitindo a construção de um discurso adaptável a qualquer tempo e espaço. Para isso, ele contempla temas como a amizade e a inimizade, por exemplo, retratando-os por meio de figuras como o galo e as galinhas, amigos, e a raposa, inimiga.

Sobre as paixões, que você aprendeu nesta seção, devemos nos voltar ao nível narrativo, em que discutimos as relações entre sujeitos e objetos de valor. A raposa, como vimos, quer alimentar-se e, por isso, tenta ludibriar o galo. Esse estado disfórico (negativo) de disjunção com seu objeto de valor leva-a a sentir algo: o desejo – ela deseja alcançar seu objeto. Tem-se, então, uma paixão simples, decorrente de um único estado e que pode ser representada pelo seguinte arranjo modal: querer ser (o sujeito “raposa” quer ser o detentor do objeto de valor “galo”).

O galo, porém, para proteger-se, também faz uso de um discurso falso para afastar a raposa. Para isso, ao afirmar que se aproximam cães, ele a afugenta, uma vez que ela passa a sentir medo. O medo, nesse caso, é uma paixão complexa, pois ela decorre de uma sucessão de ações anteriores, podendo ser representada pelo seguinte arranjo modal: não querer ser + saber poder ser (o sujeito “raposa” não quer ser alvo dos cães, mas sabe que pode ser, e isso basta para sua fuga).



Pesquise mais

O estudo das paixões, à primeira vista, parece relativamente complexo. Assim, para que você leia um pouco mais sobre o assunto, de modo a verificar outros aspectos dessa análise, leia o artigo a seguir, que explora o modo como certas paixões se configuram nos textos a partir do percurso dos sujeitos em busca de seus objetos de valor.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. **Cruzeiro Semiótico**, Porto, n. 11-12, p. 60-73, 1989. Disponível em: <<http://www.felsemiotica.org/site/wp-content/uploads/2017/01/cruzeirosemiotico1112.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2018.

Sem medo de errar

No início da Seção 2.3, ao ser orientado a colocar-se no lugar da jornalista Manuela em um novo desafio, você recebeu a incumbência de ajudá-la na finalização da análise de uma fábula para a sua contação de histórias, de modo que, ao lhe assistirem, as crianças e adolescentes atendidos pelo projeto social em que ela atua como voluntária possam ter a clara dimensão de tudo o que se esconde por baixo da superfície de um texto.

Nessa etapa final, o foco a ser contemplado por Manuela são as emoções que permeiam os discursos. Por isso, com o estudo da seção, você conheceu o conceito de “paixão semiótica”, associado ao chamado “estado de alma” do sujeito, ou seja, aquilo que ele pode sentir em sua trajetória de busca por um objeto de valor.

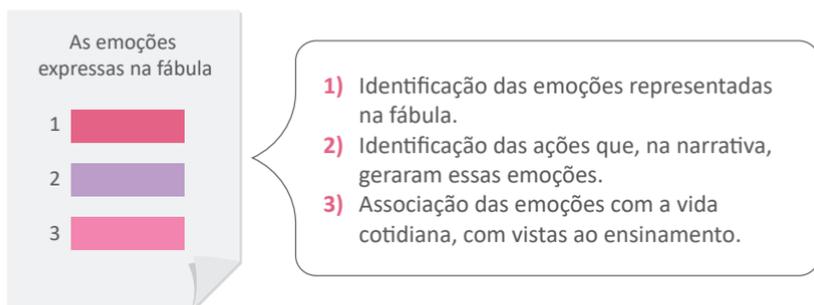
Você pôde perceber que as paixões colocam em evidência não apenas o “fazer” dos sujeitos, mas o “ser” desses actantes. Assim, além da análise de sua performance, são analisadas as sensações que lhes são provocadas quando alcançam seu objeto de valor, quando o perdem, quando se relacionam com outros sujeitos, etc. Cada paixão tem uma característica específica: ela pode ser simples, surgindo a partir de uma única situação; ou complexa, quando decorre de uma sucessão de ações. E, ainda, as paixões podem ser avaliadas com base na sua intensidade.

Diante disso, considerando que Manuela está propondo a análise de uma fábula, a abordagem das paixões vai depender da narrativa selecionada. No caso da história *A galinha dos ovos de ouro*, analisada na Seção 2.2, por exemplo, podem ser depreendidas paixões como a “ambição”, expressa na figura do agricultor que “queria ser” o detentor de riquezas cada vez maiores, ou o “arrependimento”, quando esse sujeito realiza uma ação, na busca gananciosa por mais ovos de ouro, e acaba por perder tudo.

Para a abordagem dessas ideias com o seu público, obviamente, Manuela deverá evitar os termos semióticos, inclusive o de “paixões”, que podem ser tratadas simplesmente como “emoções” ou “sentimentos”, para facilitar a compreensão. O que ela deve fazer, então, é mostrar como esses elementos aparecem retratados no discurso, fomentando uma discussão sobre como tudo isso pode ser traduzido para a vida de todos nós.

A Figura 2.12 exhibe uma sequência básica dessa abordagem:

Figura 2.12 | Sequência da abordagem das “paixões” contidas em uma fábula



Fonte: elaborada pelo autor.

A partir dessa proposta, junto às demais, Manuela fará uma análise completa, que poderá, além de atrair uma maior atenção do seu público-alvo, mostrar-lhe novos modos de olhar para um texto, na busca por seus sentidos.

Não deixe, agora, de avançar para a Unidade 3, em que você refletirá sobre a mobilização de princípios semióticos voltados à análise de textos construídos com outras linguagens além da verbal, no âmbito da Semiótica Visual ou Sincrética.

Faça valer a pena

1. Considere a passagem a seguir:

“A Semiótica, durante muito tempo, deixou de lado os estudos sobre as _____ humanas, temendo cair no subjetivismo da análise. Porém, com o aprofundamento nos estudos sobre a modalização do _____, o caminho tornou-se mais seguro. Ao estudar os valores investidos pelos sujeitos no objeto, foi possível detectar certos estados de _____ desses sujeitos. É nesse momento que a Semiótica dedica-se ao estudo das paixões.”

(MELLO, Luiz Carlos Migliozi Ferreira de. Sobre a semiótica das paixões. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, v. 8, n. 2, p. 47-64, dez. 2005.)

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

- a) posições; poder; disjunção.
- b) relações; ter; conjunção.
- c) condições; querer; valor.
- d) emoções; ser; alma.
- e) avaliações; dever; análise.

2. Considere a passagem a seguir:

“Para explicar as paixões, é necessário, portanto, recorrer às relações actanciais, aos programas e percursos narrativos.”

(BARROS, Diana Luz Pessoa de. Sintaxe narrativa. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; LANDOWSKI, Eric (Orgs.). **Do inteligível ao sensível**: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: Educ, 1995, p. 81-99.)

A partir da reflexão evocada pela autora, analise as asserções a seguir e a relação estabelecida entre elas:

I) A abordagem das paixões situa-se no nível fundamental do percurso gerativo de sentido.

POIS

II) É no nível das estruturas fundamentais que se identificam os actantes do discurso, como sujeitos e objetos de valor.

Sobre essas asserções, assinale a alternativa correta:

- a) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma justificativa correta da I.
- b) A asserção I é uma proposição verdadeira, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

3. Observe a seguinte Figura:

Figura | Diversidade de emoções



Fonte: iStock .

A partir da associação da imagem com reflexões sobre as paixões semióticas, julgue as afirmativas a seguir como verdadeiras (V) ou falsas (F):

- () Pode-se afirmar que cada uma das emoções retratadas na imagem ilustra uma paixão.
- () Entre as emoções retratadas, traços de felicidade indicam prováveis estados de disjunção do sujeito com objetos de valor.
- () Entre as emoções retratadas, traços de infelicidade indicam prováveis estados de conjunção do sujeito com objetos de valor.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) V - V - F
- b) V - F - V
- c) V - F - F
- d) F - V - F
- e) F - F - V

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. O texto na semiótica. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016, p. 71-91.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. Trad. Guimarães *et al.* Campinas: Pontes; Edunicamp, 1989.
- ESOPO. **Fábulas de Esopo ilustradas**. Trad. Carlos Pinheiro. [S.l.]: [s.n.], 2012, p. 50-51. Disponível em: <https://lerebooks.files.wordpress.com/2012/12/fabulasdeesopo.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2018.
- FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 165-176, 1995.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- FIORIN, José Luiz. O sujeito na semiótica narrativa e discursiva. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 24-31, 2007.
- FIORIN, José Luiz. Semiótica das paixões: o ressentimento. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 9-22, 2007.
- FONTANILLE, Jacques. **Le tumulte modal: de la macro-syntaxe à la micro-syntaxe passionelle**. Paris: Institut National de la Langue Française, 1986.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 2003.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2. ed. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Linguística Textual: quo vadis? **Delta**, São Paulo, n. 17, ed. especial, p. 11-23, 2001.
- LEFFA, Wilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.
- MELLO, Luiz Carlos Migliozi Ferreira de. Sobre a Semiótica das Paixões. **Signum: Estud. Ling.**, Londrina, v. 8, n. 2, p. 47-64, dez. 2005.

Unidade 3

Semiótica visual

Convite ao estudo

As imagens estão constantemente ao nosso redor, não é? Para onde quer que voltemos nosso olhar, sempre haverá um texto – parcial ou totalmente – composto por elementos visuais. Assim, por serem revestidos de significação, são tomados como objetos de análise da Semiótica, uma vez que apresentam uma organização orientada para a produção de sentidos.

Diante disso, os conteúdos contemplados por esta unidade permitirão que você conheça algumas especificidades da chamada Semiótica visual, a partir da abordagem de aspectos ligados à multiplicidade de linguagens e aos arranjos composicionais dos textos imagéticos. A ideia é que você conheça novas propostas de análise, tornando-se apto para a busca da significação em objetos multissemióticos.

Na terceira etapa dessa caminhada no estudo da Semiótica, conheceremos Vitor, um profissional graduado em Artes Plásticas, recém-contratado pela equipe de curadoria de um museu. Ele terá como função colaborar para o desenvolvimento de estratégias voltadas à melhoria da instituição no que tange ao atendimento ao público visitante, com a oferta de atividades diferenciadas que possam atrair um maior número de pessoas interessadas no acervo disponível nas diversas galerias do prédio.

Por meio de algumas pesquisas junto aos visitantes, a diretoria do museu constatou que muitos deles, embora apreciem as obras com que têm contato, como esculturas, instalações e, especialmente, pinturas, não entendem muito de arte ou não têm o olhar moldado para a leitura desses “textos” de modo a conseguir identificar os sentidos neles expressos.

Com base nesses dados, então, Vitor recebeu a incumbência de propor algum tipo de ação voltada à comunidade, a fim de que o museu contribua para o desenvolvimento daqueles que apreciam a arte, propiciando-lhes o acesso a conteúdos que ampliem o seu nível de letramento artístico. Assim, ele pretende ofertar um minicurso voltado à leitura de imagens, mobilizando conhecimentos semióticos que adquiriu ao longo de sua formação.

Portanto, a fim de acompanhar a trajetória de Vitor, colaborando na solução dos desafios enfrentados por ele, cada uma das seções desta unidade

trará um repertório de conteúdos necessários para sua atuação: a Seção 3.1 tratará das diferentes linguagens, verbais e não verbais, e como elas atuam na composição dos chamados textos sincréticos; já a Seção 3.2 explorará o conceito de imagem e as relações semissimbólicas estabelecidas entre seus planos de expressão e conteúdo; e, por fim, na Seção 3.3, você terá contato com procedimentos de análise de imagens com base na abordagem da sua plasticidade.

O que é uma imagem? Como os elementos que a constituem se organizam para a produção dos sentidos? Solucione essas e outras dúvidas com o estudo da Unidade 3.

Múltiplas linguagens semióticas

Diálogo aberto

A linguagem é o meio pelo qual nós nos comunicamos, dando forma a diferentes manifestações textuais – orais, escritas e não verbais –, cujas características se originam a partir dos códigos selecionados para sua construção. Nesta seção, considerando essa ideia, iniciaremos um novo momento de nosso estudo semiótico, com os aspectos iniciais da abordagem dos textos visuais. Neste primeiro momento, o enfoque será nas reflexões ligadas à multiplicidade de linguagens que um enunciador tem à sua disposição para o estabelecimento da significação em seus textos.

Assim, para garantir uma aprendizagem significativa, você visualizará esses conceitos a partir de uma nova situação-problema, em continuidade àquelas que já solucionou nas seções anteriores. Na introdução da unidade, você conheceu Vitor, um profissional graduado em Artes Plásticas que, contratado para integrar a equipe de curadoria de um museu, recebeu a missão de colaborar no desenvolvimento de atividades voltadas ao público externo. A proposta dele é a oferta de um minicurso para o desenvolvimento de habilidades para a leitura de imagens, como pinturas.

Inicialmente, Vitor pensou em explorar a ideia de que, em uma composição textual, diferentes linguagens podem ser mobilizadas para a produção de sentidos. Portanto, você deverá planejar uma parte do minicurso cuja ênfase estará na multiplicidade de códigos semióticos disponíveis para a construção de textos.

Assim, o seu papel será auxiliar Vitor na elaboração de uma proposta de introdução ao tema do minicurso. Para isso, você deverá selecionar um exemplo de imagem construída a partir de diferentes linguagens, com códigos verbais e não verbais, além de montar um esquema básico de análise que evidencie a função de cada um desses elementos na constituição dos sentidos e, também, o modo como eles se relacionam para a composição de uma unidade.

A resolução desse desafio está condicionada à compreensão da existência de **diferentes linguagens** que podem ser mobilizadas na composição dos textos. Assim, você terá acesso às especificidades dos **códigos verbais e não verbais**, bem como às ideias de **sincretismo** e **multimodalidade**, que caracterizam as manifestações textuais decorrentes da associação de mais de um modo de significação.

Estude esse conteúdo e desvende as nuances semióticas dos textos!

Códigos verbais e não verbais

A interação, processo pelo qual os indivíduos de dada sociedade mantêm contato nas mais diversas práticas, estabelece-se por meio da linguagem. E, como você sabe, a linguagem manifesta-se sob variadas formas, dentre as quais se destacam a verbal e a não verbal.

A **linguagem verbal** tem como base a “palavra”, correspondendo a todo e qualquer recurso de base linguística vinculado a determinada língua, seja em uma representação gráfica/escrita, seja em uma representação sonora/oral. Em síntese, em todos os materiais gráficos em que encontramos “letras” ou em materiais sonoros em que encontramos “fonemas” (sons articulados pela fala), lá está a linguagem verbal.

A **linguagem não verbal**, por sua vez, tem a “imagem” ou algum outro recurso visual como seu ponto de sustentação, podendo se expandir, ainda, para outros domínios além da visualidade (percepções sensoriais variadas – táteis, auditivas ou olfativas, por exemplo, desde que com significado). Ela comporta os desenhos, as cores, os sons (inarticulados, ou seja, não provenientes da fala), os gestos, enfim, tudo aquilo que, em dado contexto, seja mobilizado para a comunicação.



Assimile

A **linguagem verbal** corresponde ao uso do sistema de dada língua manifestado por meio da oralidade ou da escrita. Já a **linguagem não verbal** diz respeito a todo e qualquer código não pertencente a esse domínio linguístico.

Imagine, por exemplo, que você está caminhando por uma cidade, como a representada na fotografia da figura a seguir:

Figura 3.1 | Comunicação verbal e não verbal na paisagem urbana



Fonte: iStock .

Na fotografia, percebemos um espaço urbano repleto de marcas deixadas pelo emprego de diferentes códigos, verbais e não verbais. São enunciados e logotipos que indicam marcas, fazem anúncios, captam olhares, convidam indivíduos à “visão”. Tem-se, aí, a síntese do que Ferrara (1997, p. 19-20) aponta:

“O texto não-verbal espalha-se em escala macro pela cidade e incorpora as decorrências de todas as suas microlinguagens [...] A cidade, enquanto texto não-verbal, é uma fonte informacional rica em estímulos criados por uma forma industrial de vida e de percepção. [...] Os textos não-verbais acompanham nossas andanças pela cidade, produzem-se, completam-se, alteram-se ao ritmo dos nossos passos e, sobretudo, da nossa capacidade de perceber, de registrar essa informação.

A paisagem urbana é, por si só, um grande sistema semiótico, um grande texto, e essas “microlinguagens”, diferentes códigos, levam a manifestações textuais específicas, marcadas pela confluência de elementos significativos, o chamado sincretismo.

Sincretismo

Talvez você já tenha ouvido ou lido o termo “sincretismo” em algum momento anterior, embora com alguma acepção relacionada, por exemplo, à mistura de doutrinas religiosas ou filosóficas. Porém, no âmbito da Semiótica, o **sincretismo** caracteriza a fusão de diferentes linguagens em um mesmo ato enunciativo, ou seja, o acionamento de diferentes linguagens de manifestação, por superposição, em um mesmo texto (GREIMAS; COURTÉS, 2016). Com essa mistura de elementos em sua estrutura, o texto se torna, então, uma composição sincrética, ou um **texto sincrético**.



Exemplificando

Para verificar um exemplo de composição sincrética, observe a imagem da Figura 3.2.

Figura 3.2 | Placa comunicativa como texto sincrético



Fonte: iStock .

Por meio da placa, o ato enunciativo tem a finalidade de orientar os visitantes do local para que não trafeguem com seus veículos pela área, com circulação restrita apenas a pedestres. Para essa orientação, foram mobilizados dois diferentes códigos: o verbal, expresso no enunciado linguístico “Área de pedestre”; e o não verbal, identificável na ilustração de um carro sobreposto pelo símbolo de proibição (o círculo com o corte transversal). A combinação das duas linguagens dá origem a uma composição sincrética.

É importante refletir que, em um texto sincrético, as diferentes linguagens não são consideradas como elementos isoladamente estanques, ou seja, não há uma linguagem separada da outra (do ponto de vista enunciativo, e não necessariamente visual); há, por outro lado, linguagens que atuam, ao mesmo tempo, em conjunto, para enunciar algo, comunicar, significar. Assim, a significação sincrética surge da combinação de diferentes códigos, os quais mantêm entre si uma relação de complementaridade. Em síntese, “há uma única enunciação sincrética, realizada por um mesmo enunciador, que recorre a uma pluralidade de linguagens de manifestação para constituir um texto sincrético” (FIORIN, 2009, p. 38).

No esquema da Figura 3.3, a seguir, há uma lista de exemplos de manifestações textuais decorrentes da associação de múltiplos códigos semióticos, facilmente identificáveis no cotidiano, ou seja, exemplos de textos sincréticos:

Figura 3.3 | Alguns exemplos de textos de base sincrética



Fonte: elaborada pelo autor.

A abordagem desses textos, que se constituem a partir da associação de mais de um código semiótico, é feita em diferentes perspectivas teóricas: para a Semiótica greimasiana, uma das vertentes que estudamos até aqui, eles são considerados sincréticos; porém, para a chamada Semiótica social, um desdobramento teórico que busca as significações emergentes nas práticas sociais, eles são chamados de multimodais, recobertos pela multimodalidade.

Multimodalidade

A **multimodalidade** refere-se, basicamente, à “variedade dos modos de comunicação existentes”, tomados como “recursos dos quais nos apropriamos para produzir significados” (STREET, 2018). Segundo essa perspectiva, as interações sociais de que participamos baseiam-se na circulação de textos, os quais têm origem na combinação de linguagens que permeiam certos contextos e que constantemente vão se modificando, em especial, recentemente, impactadas pela evolução tecnológica.

Nesse processo interacional, selecionamos recursos, códigos, modos específicos para nos comunicarmos, significarmos. Desse movimento, a ideia de “texto” dissocia-se da concepção tradicional de “produção exclusivamente escrita” para dar conta de produções de outra natureza, que congregam, além dos caracteres verbais, a imagem – estática ou em movimento –, as cores, os sons, as diferentes formas significantes, que são os **textos multimodais** ou multissemióticos.



Refleta

“[...] já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam” (ROJO, 2018).

Que competências e habilidades são necessárias para a leitura de textos em que confluem diferentes linguagens?

O que você tem até aqui são duas definições bastante próximas – o sincretismo e a multimodalidade, não é? Qual a diferença, então, entre essas perspectivas de leitura de “textos mistos”?

Sincretismo ou Multimodalidade?

Conforme brevemente relatado, o sincretismo integra o quadro teórico da Semiótica greimasiana, enquanto a multimodalidade associa-se à Semiótica social. A primeira, como você já viu, de linha francesa, busca no texto as explicações para os sentidos que ele produz. A segunda, por sua

vez, de desenvolvimento mais recente, está ancorada nas funções sociais da linguagem e vê a significação como um processo também social.

A diferença entre os conceitos trazidos por essas duas teorias para referir-se aos “textos de múltiplas linguagens” pode ser explicada, conforme Teixeira (2008), a partir da análise de como essas produções são nomeadas, o que revela a forma de tratamento desses textos:

sincretismo > unidade e integração

multimodalidade > quantidade e dispersão

Na concepção dos textos sincréticos, tem-se a ideia de que as diferentes linguagens se associam de forma uníssona, e os sentidos surgem a partir de um mesmo processo enunciativo. Elas não são vistas separadamente, mas como um *continuum*, uma fusão. Na perspectiva da multimodalidade, os sentidos decorrem das linguagens separadamente e são unidos no ato interpretativo.

Desse modo, considerando as estratégias a serem estudadas nas próximas seções para a abordagem semiótica dos textos visuais, que convergirão para a associação de elementos, e não a sua separação, a preferência a ser dada é pela noção de textos sincréticos. E, ainda sobre esses textos sincréticos, você não pode perder de vista que, devido à sua natureza, eles são capazes de provocar impressões sensoriais, o que evoca a ideia de sinestesia.

Sinestesia

Há pouco, ao contemplarmos aspectos da natureza sincrética de alguns textos, você pôde constatar que os códigos não verbais se expandem para além da imagem, permitindo que se utilizem sons, cores, odores, texturas, enfim, uma série de elementos que, para a significação, demandam a ativação de sentidos outros que não apenas a visão. Textos assim, hoje, circulam ao nosso redor cotidianamente – pinturas em galerias ou, até mesmo, nos muros das grandes cidades; anúncios publicitários inovadores nas páginas das revistas, permitindo a interatividade do consumidor com aquilo que não é mais apenas “papel”, mas sim fonte de luz, de cheiro, etc.; canções que ecoam dos mais inusitados instrumentos, clássicos ou não; entre tantas outras formas.

Conforme Teixeira (2009, p. 51), o contato com artefatos como esses permite que, num nível profundo, ocorra “a síntese de diferentes ordens sensoriais, que se embaralham, misturam e acabam por produzir um efeito de imersão no objeto e perda da capacidade de discretizar, separar, categorizar”. Trata-se, assim, da **sinestesia**, um efeito de sentido, uma experiência sensorial decorrente do contato do sujeito com o mundo, com os textos. Imagine-se, por exemplo, numa situação como a representada na Figura 3.4:

Figura 3.4 | Experiência sensorial na observação de textos sincréticos



Fonte: iStock.

Ao andar por uma galeria de arte, por exemplo, você pode ter contato com uma série de textos sincréticos, como as telas observadas pela personagem na imagem: textos compostos por cores, traços, formas, luzes, etc. A experiência da recepção e da interpretação desses textos constitui, para a pessoa que os vê, um processo sinestésico, na medida em que os elementos ali empregados provocam sensações, efeitos de sentido, e todos os efeitos de sentido provocados por textos visuais podem ser explicados pela Semiótica.



Pesquise mais

As reflexões empreendidas até aqui partiram de uma situação nada incomum: a ideia de que poucas pessoas sabem como “ler imagens”, o que motivou o desafio evidenciado na situação-problema descrita. Por isso, devemos começar a refletir sobre as estratégias de que podemos lançar mão para ler textos sincréticos, tema do artigo sugerido a seguir.

- DOMINGOS, A. A. A desmontagem do texto sincrético. **Revista Estudos Linguísticos - GEL**, São Paulo, n. 32, maio 2002.

Sem medo de errar

No início da Seção 3.1, você conheceu Vitor, um profissional da área das Artes Plásticas que, no museu em que começou a trabalhar recentemente, está envolvido na promoção de atividades voltadas ao público visitante. Você foi orientado a colocar-se no lugar dele, iniciando a organização de um minicurso voltado à formação para a leitura de imagens, de modo que as pessoas que frequentam aquele espaço possam ter uma noção mais clara do que é possível observar em uma pintura, por exemplo.

Nessa fase introdutória do planejamento do minicurso, Vitor desejava explorar as diferentes linguagens – verbais e não verbais – que podem ser empregadas na composição de uma imagem. Como você estudou ao longo da seção, as linguagens verbais e não verbais constituem códigos empregados num ato enunciativo – as primeiras caracterizadas pelo uso da palavra, e as segundas, pelo teor imagético. Além disso, esses tipos de linguagem não são excludentes, uma vez que, em um mesmo texto, podem ser mobilizados dois ou mais códigos semióticos, o que revela a existência das chamadas manifestações sincréticas (ou multimodais), em que cada código tem um papel específico na formação da unidade visual.

A partir dessas informações, você deveria selecionar um texto imagético – uma pintura – formado por códigos verbais ou não verbais, propondo um esquema de análise desses aspectos, a fim de que Vitor pudesse utilizá-lo na fase inicial do minicurso. Você poderia, por exemplo, apresentar uma imagem como a da Figura 3.5 para tratar do sincretismo:

Figura 3.5 | Composição sincrética de uma pintura



Fonte: iStock.

A partir da observação da imagem, um possível esquema de análise seria este:

Quadro 3.1 | Esquema de análise dos aspectos sincréticos da pintura

Composição sincrética	
Códigos verbais	Códigos não verbais
Enunciado linguístico / palavras “You are power”	Elementos pictóricos / desenho “indivíduo com boca aberta”
Significação alcançada	
Por meio da fala, por sua voz, a pessoa tem o “poder”.	

Fonte: elaborado pelo autor.

Um exemplo desse (no caso, uma pintura em muro, como um grafite, mas que poderia ser substituída por uma tela) possibilitaria a Vitor mostrar aos participantes do minicurso como uma pintura pode conter, além de elementos imagéticos (desenhos), marcas verbais (palavras), ou, ainda, elementos de outra natureza, em uma combinação significativa baseada na complementaridade.

Agora, avance para a próxima seção, a fim de conhecer outros aspectos importantes da análise semiótica de textos visuais, os quais serão muito importantes para incrementar a proposta aqui apresentada.

Faça valer a pena

1. Observe as definições dos dois tipos de linguagem, a seguir:

Linguagem verbal: aquela que tem como base a “palavra”, expressando-se por meio da fala ou da escrita.

Linguagem não verbal: aquela que se manifesta a partir de outros códigos significativos que não a palavra.

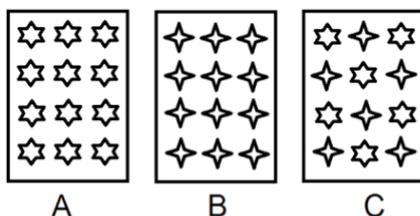
Considerando as especificidades dos tipos de linguagem apresentados, classifique os textos a seguir em predominantemente verbais (1) e predominantemente não verbais (2):

- () Semáforo
- () Conversa
- () Receita
- () Fotografia

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) 1 - 1 - 2 - 1
- b) 1 - 2 - 1 - 2
- c) 2 - 1 - 2 - 1
- d) 2 - 1 - 1 - 2
- e) 2 - 2 - 1 - 2

2. Observe a seguinte imagem:

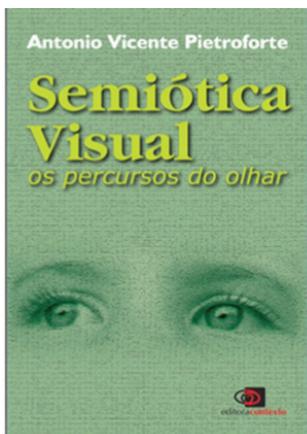


Fonte: elaborada pelo autor.

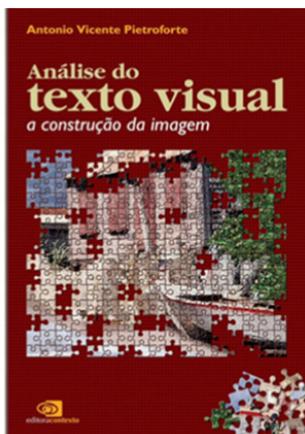
A partir da análise da constituição dos textos A, B e C, pode-se afirmar que:

- a) O texto A é sincrético.
- b) O texto B é sincrético.
- c) O texto C é sincrético.
- d) Os textos A e B são sincréticos.
- e) Os textos B e C são sincréticos.

3. Observe as capas das seguintes obras:



(PIETROFORTE, A. V. **Semiótica visual**: os percursos do olhar. São Paulo: Contexto, 2004.)



(PIETROFORTE, A. V. **Análise do texto visual**: a construção da imagem. São Paulo: Contexto, 2007.)

A partir dos títulos das obras e da composição de suas capas, analise as afirmativas a seguir:

- I) Em relação ao uso de linguagens para a composição das capas das obras, conclui-se que apenas a capa da obra à esquerda é sincrética.
- II) A “Semiótica visual”, citada no título da capa à esquerda, pode ser tomada como o aporte teórico para a “análise do texto visual”, expressa no título da obra à direita.
- III) As “peças de quebra-cabeças” que aparecem na capa da obra à direita representam os diferentes componentes que podem ser mobilizados para a composição de uma imagem.

É correto o que se afirma em:

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

Relações semissimbólicas

Diálogo aberto

“Uma imagem vale mais que mil palavras.” É essa uma máxima popular que evoca a onipresença dos signos visuais em nossa vida cotidiana: comunicamo-nos por imagens, pela linguagem não verbal, a todo instante, e com eficácia. Partindo da sua relevância, esta seção tomará as imagens como objetos semióticos repletos de especificidades que as definem como tal, como sua estrutura composicional, o seu eventual caráter simbólico e o modo como elas emanam, visualmente, propriedades do seu plano de conteúdo.

Por isso, de modo que você tenha um contato significativo com os conceitos relativos a essa discussão teórica, você os perceberá de forma diluída em uma situação-problema. Desta vez, vamos relembrar a trajetória de Vitor, o curador de um museu que está ofertando, a pedido da direção institucional, um minicurso voltado ao público externo, com ênfase na leitura de imagens. Na seção anterior, você o ajudou na elaboração de um esboço de análise de um texto imagético, focalizando a confluência de múltiplas linguagens empregadas na composição significativa.

Em continuidade, ainda no lugar de Vitor, sua tarefa será definir a abordagem da relação entre os aspectos visuais das imagens e aquilo que elas representam, ou seja, os sentidos que elas veiculam. A ideia é mostrar aos participantes do minicurso que os dois planos do texto visual – o da expressão e o do conteúdo – são complementares e podem relacionar-se de forma direta. Assim como na seção anterior, para finalizar sua colaboração no planejamento do minicurso, você deverá selecionar um exemplo de imagem, como uma pintura, e propor um esboço de análise que possa ser utilizado por ele no contato com os participantes do evento.

Para chegar à resolução do desafio, será necessária a assimilação de conteúdos estudados nesta etapa: o conceito de **imagem** e as especificidades que tornam um texto um produto imagético; os elementos que elevam uma imagem ao *status* de **símbolo**; além das relações detectadas entre componentes do plano de expressão de um texto e outros do seu plano de conteúdo, atreladas ao conceito de **semissimbolismo**.

Explore a seção e reconheça o valor simbólico dessas ideias para a Semiótica!

Imagem

O conceito de imagem é bastante multifacetado e, com certeza, em seu dia a dia, você já percebeu isso. Uma imagem pode ser desde algo mais concreto, como uma representação visual (uma fotografia, uma ilustração, uma pintura, por exemplo), até ter uma conotação mais abstrata, como aquilo que representamos para as pessoas à nossa volta, ou seja, a nossa “imagem” pessoal.

Nesta seção, concebemos a **imagem** como uma manifestação textual revestida por significação e constituída de elementos que demandam a mobilização de nossos sentidos para a captação de sua visualidade. Ou seja, a imagem é um texto para ser “visto”, para ser percebido visualmente. Um texto, como vimos na seção anterior, predominantemente não verbal.

Para Gibson (1950), a percepção do mundo visual e, portanto, das imagens compreende a identificação de algumas propriedades fundamentais desses elementos: sua extensão e profundidade; sua verticalidade, estabilidade e ausência de fronteiras; suas cores, sombras, iluminação e texturas; suas superfícies, bordas, formas e interespaços; e, acima de tudo, seu significado. Trata-se, então, de uma complexa rede de elementos que, associados, são capazes de atrair e de comunicar.

Por toda essa complexidade e força comunicativa, as imagens exercem forte influência nas práticas sociais e, no campo teórico, têm suscitado o interesse de muitos pesquisadores, como aqueles que têm se dedicado a desvendar o seu poder persuasivo na publicidade – Roland Barthes, Umberto Eco, Jacques Durand, Georges Péninou, Jean Marie Floch, Martine Joly e Andréa Semprini, por exemplo (SOUZA; SANTARELLI, 2008).



Pesquise mais

Quer conhecer uma dessas perspectivas de análise propostas por esses estudiosos? Leia o texto a seguir, do semiólogo francês Roland Barthes, em que ele discute a possibilidade de verificar, em uma imagem, uma espécie de constituição retórica, uma organização composicional que guia o olhar na identificação dos sentidos. Tal análise é feita a partir de um texto publicitário.

- BARTHES, R. A retórica da imagem. In: BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**: ensaios sobre fotografia, cinema, texto e música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 27-43.



Refleta

“No princípio era o **verbo**.” (Jo 1.1).

“No começo, havia a **imagem**.” (JOLY, 1996, p. 17)

As citações fazem menção ao caráter pioneiro, ora da “palavra” ora da “imagem”. Qual o elemento mais importante na evolução da comunicação na sociedade? A palavra ou a imagem?

No quadro teórico-metodológico da Semiótica, a imagem constitui um objeto de análise que permite ricas reflexões, uma vez que expande as estratégias adotadas por semioticistas na busca pela significação. É alcançado, assim, um olhar multissemiótico, capaz de desvendar a significância de componentes visuais em substituição a um olhar voltado exclusivamente aos textos verbais, de modo que sejam apreendidos os processos de construção dos sentidos em textos de diferentes naturezas, ou seja, em diferentes signos.

Signo visual

Conforme Nöth (2013, p. 1) “a semiótica visual estuda as **imagens** como **signos**”. Um **signo**, conforme você estudou na Unidade 1, é concebido de modo particular em cada vertente semiótica, porém, de um modo geral, trata-se de um elemento que tem significação, que representa uma ideia. Assim, conceber a imagem como um **signo visual** pressupõe a afirmação de que, nela, há sentido. Para que você compreenda essa ideia, observe a Figura 3.6:

Figura 3.6 | A imagem como um signo



Fonte: iStock .

Na imagem, apreendemos os seguintes componentes visuais: a figura de um lápis colorido, cuja estrutura se esfacela, desdobrando-se em unidades menores, as quais, por sua vez, evocam a ideia da escrita, já que refletem códigos alfabéticos. Tem-se, então, nessa imagem, a representação da ideia contemplada na seção anterior, de que diferentes linguagens (no caso, verbal e não verbal) podem atuar juntas na construção do sentido. Em síntese, a imagem explora a propriedade comunicativa da imagem, a qual, por meio

de elementos visuais, pode ser decodificada/traduzida/explicada por meio de elementos linguísticos. A imagem apresentada é, portanto, um signo.

Uma reflexão que surge nesse contexto diz respeito à comunicabilidade dos signos visuais. Segundo Eco (2008, p. 376), “a comunicação por imagens resulta mais eficaz e imediata do que a verbal”, uma vez que sua percepção e associação a um dado referente é mais instantânea do que o processamento convencional da escrita. É por esse motivo que muitas imagens, muitos signos visuais, ao comunicarem de forma instantânea uma ideia, circulam na sociedade de forma difundida, representando conteúdos simbólicos.

Símbolo

“A pomba branca é o símbolo da paz”; “a cruz é um dos símbolos do cristianismo”; “aquele atleta é o símbolo da superação nesses jogos!” Esses enunciados podem facilmente ser reconhecidos como discursos reproduzidos socialmente, e todos eles têm algo em comum: evocam a representatividade de dado referente (um animal, um objeto ou, até mesmo, um indivíduo) para determinada comunidade. Daí a sua natureza simbólica.

Um **símbolo**, segundo uma acepção dicionarizada, é “aquilo que, por convenção ou por princípio de analogia formal ou de outra natureza, substitui ou sugere algo” ou, ainda, é o “signo que apresenta relação arbitrária, baseada apenas em convenção, com o objeto ou a ideia que representa” (HOUAISS, 2009, [s.p.]).

De modo geral, o símbolo constitui um elemento de natureza concreta que é ancorado, semanticamente, em uma abstração. Em outras palavras, o símbolo surge a fim de que as pessoas tenham a possibilidade de, nas práticas interacionais, expressar ideias de modo mais direto, facilmente reconhecível. Observe, por exemplo, os elementos representados na Figura 3.7:

Figura 3.7 | Exemplos de símbolos socialmente difundidos



Fonte: iStock .

Na imagem, percebemos um conjunto de fitas de diferentes cores, conhecidas como “fitas conscientizadoras”. Você, com certeza, já deve ter visto a fita vermelha, em campanhas de prevenção da AIDS; a fita rosa, integrante das ações do chamado “Outubro Rosa”, voltado à prevenção do câncer de mama nas mulheres; ou a fita azul, no recentemente criado “Novembro Azul”, em que se incentiva a prevenção do câncer de próstata nos homens. Essas fitinhas, estampando o peito inclusive de funcionários de muitas empresas que aderem a essas campanhas nacionais, são consideradas símbolos desse processo de conscientização.

Perceba que, nelas, não há nada que remeta diretamente às doenças citadas. Sua escolha é arbitrária, ou seja, não segue a regras, é convencional. Assim, disseminadas socialmente como componentes desses discursos preventivos, elas tornam-se símbolos.



Assimile

O **símbolo**, de forma geral, diz respeito a um elemento concreto, difundido socialmente, empregado nas práticas comunicativas e que, de modo convencional, representa uma ideia, um conceito.

As imagens, então, tornam-se símbolos à medida que passam a ser mobilizadas, semioticamente, para a transmissão de certas ideias. Porém, nem sempre a arbitrariedade é evidente, já que, em certas imagens, podem ser estabelecidas relações diretas entre o seu plano de expressão e o seu plano de conteúdo – as chamadas relações semissimbólicas.

Semissimbolismo

No item anterior, discutimos o fato de que uma imagem pode ser associada convencionalmente a uma ideia na sociedade. Isso caracteriza uma relação simbólica, que torna o texto visual um símbolo, por meio de um processo arbitrário. No caso das relações semissimbólicas, estamos falando de uma motivação detectável nos textos, o que permite uma associação entre expressão e conteúdo.

Chega-se, assim, ao conceito de **semissimbolismo**, que ocorre, conforme Barros (2007, p. 89), “quando uma categoria da expressão, e não apenas um elemento, se correlaciona com uma categoria do conteúdo”, estabelecendo relações análogas (de semelhança). Isso pode ser ilustrado com a observação da Figura 3.8:

Figura 3.8 | Relações semissimbólicas em texto visual



Fonte: iStock .

No texto visual apresentado, é depreendida uma oposição semântica bastante clara: pobreza *versus* riqueza. Essa oposição integra os elementos do plano de conteúdo do texto; já o plano de expressão diz respeito aos traços figurativos observados: pés calçados e pernas vestidas de modo distinto, à esquerda e à direita.

Associando-se diretamente os dois planos do texto, chegamos à conclusão de que as categorias “rasgado/aberto/sujo” da expressão ancoram-se na categoria “pobreza” do conteúdo. Paralelamente, as categorias “inteiro/ fechado/limpo” da expressão ligam-se à categoria “riqueza” do conteúdo. Observe com atenção a força das ideias aberto *versus* fechado na representação de pobreza *versus* riqueza: enquanto “aberto”, o indivíduo se despe de toda ambição, evidenciando sua prodigalidade; enquanto “fechado”, o indivíduo marca uma possível mesquinhez. Essas relações podem ser estabelecidas na análise de quaisquer textos, não apenas visuais.



Exemplificando

Para que você conheça um exemplo de semissimbolismo em um texto verbal, observe o poema a seguir:

A onda

a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda

aonde?
aonde?
a onda a onda

(BANDEIRA, Manuel. “A onda”. In: _____. **A estrela da tarde**. São Paulo: Global, 1960.)

No plano de conteúdo, o texto traz como tema o movimento das ondas do mar, numa alusão ao ir e vir das águas. No plano de expressão, alcança-se a representação desse efeito pelo emprego reiterado de sons consonantais (especialmente, a consoante nasal /n/) e vocálicos (sobretudo a vogal nasal /o/). A pronúncia desses sons permite um encadeamento sonoro de avanços e retrocessos, com movimentos articulatórios (da boca) que remetem ao movimento das ondas, explícito na estrutura temática do poema. A essa relação direta entre expressão e conteúdo, no texto, dá-se o nome de semissimbolismo.

Vale ressaltar que, no âmbito do estudo do semissimbolismo em textos imagéticos, a Semiótica desenvolveu métodos de análise daquelas que convencionou chamar de categorias plásticas, as quais dizem respeito às cores, às formas e à disposição delas no espaço ocupado pelas imagens, conforme você visualizará na próxima seção.

O que nos fica evidente até aqui, porém, conforme ressalta Domingos (2002, [s.p.]), é que, “quanto mais nos aprofundamos na tentativa de ler o não-verbal como texto, mais ficamos convencidos da proximidade do verbal com o não verbal”. Em outras palavras, os textos visuais são também estruturas organizadas, das quais emanam significações a serem lidas pela Semiótica.



Pesquise mais

Que tal conhecer um pouco mais sobre análises de textos visuais pautadas no conceito do semissimbolismo? No artigo a seguir, são exploradas as relações semissimbólicas em uma pintura. Assim, você pode compreender como se dá esse processo com mais detalhes, além de antecipar o contato com conceitos teóricos brevemente citados nesta seção e que serão aprofundados na próxima etapa da unidade – as categorias plásticas.

MORATO, E. F. A significação através do semissimbolismo na pintura de Manoel da Costa Ataíde. **Revista Rascunhos Culturais**, Coxim, v. 1, n. 2, p. 135-148, jul./dez. 2010.

Na parte introdutória da Seção 3.2, você teve contato com mais uma situação vivenciada pelo artista plástico Vitor, a quem foi confiada, no museu em que trabalha, a missão de promover ações voltadas ao público da instituição. Seu papel era, no lugar dele, continuar o planejamento do minicurso que ele pretende ofertar aos visitantes, propiciando-lhes o desenvolvimento de um olhar mais apurado para a leitura de imagens, como as que compõem o acervo museológico.

Depois de já ter explorado as diferentes linguagens que integram uma imagem, a proposta de Vitor é mostrar, no minicurso, que os sentidos identificados em textos visuais nem sempre são arbitrários, ou seja, podem ser motivados.

Conforme o estudo da seção, uma imagem constitui um elemento de grande destaque na contemporaneidade, e muitos de seus exemplares, de tão difundidos socialmente, acabam sendo considerados símbolos, representando ideias e valores em dada comunidade. Muitas vezes, aquilo que representam destoa totalmente do modo como são constituídas, porém é possível identificar, no plano de expressão de certas imagens, elementos que se relacionam diretamente ao conteúdo que veiculam.

Em posse desses dados, seu desafio era escolher um texto visual (um desenho, uma ilustração, uma pintura, etc.), do qual pudessem ser depreendidas relações semissimbólicas, ou seja, categorias do plano de expressão ligadas a categorias do plano de conteúdo. Na Figura 3.9, a seguir, há um exemplo de imagem que poderia ser mobilizada com essa finalidade:

Figura 3.9 | Composição semissimbólica de uma imagem



Fonte: iStock .

A análise da imagem, sob a perspectiva do semissimbolismo, poderia dar origem a um esquema parecido com este:

Quadro 3.2 | Esquema de análise das relações semissimbólicas na imagem

Relações semissimbólicas	
Categorias da expressão	Categorias do conteúdo
cores quentes curvas ascendentes posição superior	alegria (comédia)
cores frias curvas descendentes posição inferior	tristeza (drama)

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao contemplar um exemplo como esse, Vitor conseguiria deixar claro aos seus espectadores o modo como os dois planos constituintes de um texto visual podem ser analisados conjuntamente, com o estabelecimento de correspondências análogas entre elementos concretos (da expressão) e abstratos (do conteúdo). Ele poderia, inclusive, solicitar aos participantes que propusessem breves análises de textos imagéticos conhecidos por eles em que ocorre o mesmo fenômeno.

Na próxima seção, as relações semissimbólicas serão aprofundadas, possibilitando um aprimoramento da proposta aqui delineada.

Faça valer a pena

1. Considere o conceito a seguir:

Visualidade

Qualidade ou estado de ser visual ou visível; visibilidade.

(HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.)

A visualidade diz respeito a uma propriedade inerente:

- Ao texto.
- Ao código.
- À imagem.
- À palavra.
- À semiótica.

2. Observe a seguinte imagem:



Fonte: iStock .

Na imagem, percebem-se diferentes representações de uma pomba branca, com um pequeno ramo de folhas. Tais imagens são, convencionalmente, associadas à paz. Essa associação eleva esses desenhos ao *status* de:

- a) Ícones.
- b) Índices.
- c) Insignias.
- d) Símbolos.
- e) Signos.

3. Observe a seguinte imagem:



Fonte: iStock .

Na imagem, percebemos situações comuns em um museu: visitantes apreciando obras, entre esculturas e pinturas, por exemplo. Uma prática comum entre eles é a tentativa de encontrar, nas obras, elementos que justifiquem os títulos dados a elas. Sobre isso, analise as afirmativas a seguir:

- I) Ao analisarem o título das obras, os visitantes do museu estão considerando o seu plano de conteúdo.
- II) A observação dos componentes da obra em si, suas cores e formas, integra a análise do plano de expressão.
- III) Ao identificarem relações entre aspectos do plano de conteúdo e do plano de expressão, os visitantes estabelecem relações semissimbólicas.

É correto o que se afirma em:

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

Princípios de semiótica plástica

Diálogo aberto

Dizem por aí que “as cores têm poder”! Alguns defendem que elas acalmam, outros, que elas têm a capacidade de convencer alguém, e, de fato, elas podem ser tomadas como elementos que geram significações. Com base nessa ideia, o intuito desta seção é abordar aspectos constitutivos dos textos visuais, como as cores, além de outros, como as formas e o seu arranjo espacial, evidenciando o papel semiótico desses elementos na construção dos significados dessas manifestações textuais.

É essencial, então, que você tenha acesso a esses conteúdos a partir de uma situação-problema, que vai lhe propiciar a reflexão sobre a aplicabilidade prática dos conceitos relativos a esse tema. A ideia, agora, é continuar o apoio a Vitor, o integrante da equipe de curadoria de um museu que está planejando uma série de atividades voltadas aos seus visitantes para o desenvolvimento de seu nível de conhecimentos artísticos. Conforme acompanhamos nas seções anteriores, ele está planejando um minicurso focado em estratégias para a leitura de imagens, como as pinturas do acervo da instituição, e você tem lhe ajudado na seleção de exemplos e na elaboração de esboços de análise para a composição do encontro.

Nessa fase final, no lugar de Vitor, você deverá concluir a proposta do minicurso, contemplando aspectos mais pontuais de composição significativa das imagens, como as cores, as formas e a disposição delas no espaço. Desse modo, haverá uma maior ênfase na constituição plástica desses artefatos. Assim, para que você possa cumprir esse desafio, você deverá, novamente, selecionar um texto imagético para ser usado como exemplo aos visitantes participantes do minicurso, esboçando também uma análise prévia da significação decorrente de suas categorias plásticas (cores, formas e disposição). O importante é tornar completa a proposta de leitura semiótica de imagens.

Solucionar esse desafio demanda a compreensão dos conteúdos apresentados nesta seção, como o conceito de **plasticidade** e as **categorias plásticas** que colaboram no estabelecimento das relações semissimbólicas entre expressão e conteúdo de um texto visual: as categorias **cromáticas** (relativas às cores), **eidéticas** (referentes às formas) e **topológicas** (ligadas ao arranjo espacial das formas). Descubra novas formas de análise semiótica avançando pela seção!

Plasticidade e significação

A **plasticidade**, conceito comum no campo da Arte, definida como a qualidade do que é plástico, ou seja, daquilo que é capaz de dar/alterar/elaborar formas (HOUAISS, 2009), integra o universo de reflexões da Semiótica na medida em que a teoria abre espaço para a leitura e a análise de textos visuais. Assim, podemos falar na existência de uma **Semiótica plástica**, uma área de atuação de semioticistas interessados na exploração das significações que emergem dos componentes visuais dos textos.



Refleta

O determinante “plástico” é comumente encontrado em áreas como as “Artes Plásticas”. Aqui, ele aparece modificando a teoria que você está estudando: “Semiótica Plástica”.

Qual seria a relação entre uma área como a Arte e uma teoria como a Semiótica?

Conforme Teixeira (2016, p. 3), a leitura de um texto visual pressupõe “considerar que o conteúdo se submete às coerções do material plástico e que essa materialidade também significa”. Em outras palavras, aquilo que você vê em uma imagem, no seu plano de expressão, é o resultado de um conjunto de elementos plásticos, como cores e formas, que, devidamente arranjadas/combinadas, são capazes de guiar o processo de leitura, permitindo o alcance dos sentidos que revestem o seu plano de conteúdo.



Assimile

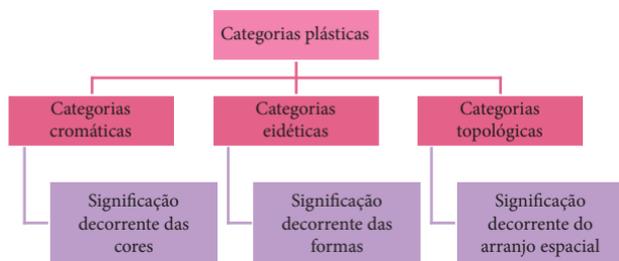
Um texto visual, como uma imagem, é, portanto, um **texto plástico**, uma vez que sua expressividade está ancorada na associação de elementos de natureza plástica.

Os textos plásticos são, porém, estruturas altamente complexas, que, para serem tomadas como significantes visuais de modo satisfatório, dependem de formulações analíticas baseadas em categorias plásticas, a partir das quais podem ser apreendidas combinações diversas, entre unidades mínimas de significação (GREIMAS, 1984).

As categorias plásticas

As **categorias plásticas** dizem respeito a combinações, na estrutura dos textos visuais/plásticos, de unidades de significação. Ou seja, dizem respeito a elementos que podemos visualizar no plano de expressão de um texto imagético. Elas desdobram-se em três agrupamentos principais, expressos na Figura 3.10:

Figura 3.10 | As categorias plásticas para análise de textos visuais



Fonte: elaborada pelo autor.

Em uma imagem – uma ilustração, uma fotografia, uma pintura, etc. –, é provável que você perceba elementos coloridos, além de formas diversas, as quais aparecem dispostas dentro dos limites de um espaço ocupado pelo material significativo. A partir do momento em que consideramos essa imagem um texto visual, estamos pressupondo seu caráter significativo. E, ao sabermos que a ideia de texto diz respeito, para a Semiótica, a uma estrutura organizada para a produção de sentidos, é evidente que são os componentes plásticos, percebíveis no plano de expressão dos textos visuais, os responsáveis por sua significação – as cores, as formas e o modo como elas estão arranjadas.

Os sentidos emanados pelos componentes plásticos decorrem de contrastes entre eles. Tais contrastes dizem respeito, conforme Teixeira (2016, p. 4), à “co-presença, numa mesma superfície, de dois termos contrários de uma categoria”. Em linhas gerais, estamos falando de sentidos que decorrem da oposição entre matizes cromáticas diferentes, entre formas diferentes e entre diferentes combinações espaciais.

Essas oposições do plano de expressão aparecem ligadas diretamente, numa relação semissimbólica, a oposições do plano de conteúdo. Sendo assim, no estudo do semissimbolismo, como você aprendeu na seção anterior, a abordagem das categorias plásticas é essencial. Veja, a seguir, aspectos ligados a cada uma dessas categorias.

Categorias cromáticas

O termo “cromática” diz respeito à “arte de combinar as cores” e, também, ao “ramo da óptica que estuda as propriedades das cores” (HOUAISS, 2009). Assim, as **categorias cromáticas**, como vimos, no âmbito da análise semiótica plástica, comportam oposições decorrentes do contraste entre diferentes propriedades ligadas à coloração das imagens, tais como o nível de pureza das cores, o brilho, a saturação, os efeitos de luz e sombra, etc. Tais contrastes aparecem sintetizados na Figura 3.11:

Figura 3.11 | Categorias cromáticas



Fonte: adaptado de Teixeira (2016) e Barros (2016).

Em um texto visual, por exemplo, cuja oposição semântica básica detectada no nível fundamental seja representada pelo contraste entre A e B (traços semânticos quaisquer), podem ser apreendidas significações de cores que evoquem a ideia contida em A em contraste com aquelas que reforcem a ideia contida em B.



Exemplificando

Para exemplificar a análise das categorias cromáticas em um texto visual, considere a Figura 3.12, a seguir, com a obra “Doze girassóis numa jarra”, do pintor holandês Vincent van Gogh:

Figura 3.12 | Doze girassóis numa jarra



Fonte: Vincent van Gogh, agosto de 1888. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vincent_Willem_van_Gogh_128.jpg>. Acesso em: 15 nov. 2018.

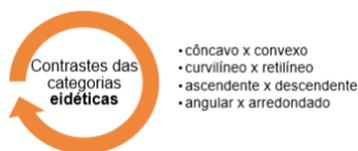
Observando-se aspectos figurativos da pintura, percebemos alguns girassóis vivos no vaso, enquanto outros já parecem mortos. Isso sintetiza a oposição semântica básica do texto: vida x morte.

Conforme análise de Barros (2016), em termos de categorias cromáticas, é constatada a oposição **claro x escuro**, a qual mantém relação semissimbólica com a oposição vida x morte: as flores vivas são recobertas por uma tonalidade clara, luminosa; as flores mortas, por sua vez, são revestidas por tons escurecidos.

Categorias eidéticas

A noção de “eidético” é, segundo Houaiss (2009), relativa à “essência das coisas”. Partindo dessa ideia, considerando que a “essência” de uma imagem é sua visualidade, as **categorias eidéticas** abarcam oposições oriundas do contraste entre as diferentes formas que compõem os textos visuais, sejam elas retilíneas, curvas, arredondadas, uniformes, disformes, segmentadas, etc. Esses contrastes são descritos, a seguir, na Figura 3.13:

Figura 3.13 | Categorias eidéticas



Fonte: adaptado de Teixeira (2016) e Barros (2016).

Assim como no caso das categorias cromáticas, as categorias eidéticas permitem a associação entre contrastes de formas e contrastes semânticos detectáveis no plano de conteúdo de um texto.



Exemplificando

De modo que você visualize a análise das categorias eidéticas em um texto imagético, retome a obra “Doze girassóis numa jarra”, do pintor holandês Vincent van Gogh, exibida há pouco na Figura 3.12.

Atentando à composição figurativa da pintura, constatamos que o plano de expressão evoca, por meio dos girassóis vivos e mortos, a oposição vida x morte do plano de conteúdo.

Segundo Barros (2016), as categorias eidéticas, nessa pintura, sintetizam-se na oposição **pontiagudo x arredondado**. Se você observar com atenção a imagem, verá que as flores vivas têm suas pétalas aparentes, pontiagudas; já as flores mortas, murchas, perderam essa forma,

mostrando-se como massas arredondadas. Adicionalmente, poderia ser apontada a oposição **ascendente x descendente** para marcar a mesma significação: as flores vivas estão voltadas para cima; enquanto as flores mortas curvam-se para baixo. Desse modo, mais uma vez, é estabelecida uma relação semissimbólica entre categorias da expressão e categorias do conteúdo, ou seja, entre as formas mobilizadas pelo artista e as ideias que a pintura evoca (de vida e de morte).

Categorias topológicas

O caráter topológico associa-se à ideia de “topologia”, ou seja, o estudo da “colocação ou disposição, na frase, de certas categorias de palavras” (HOUAISS, 2009). No caso dos textos imagéticos, assim como nos textos verbais, as **categorias topológicas** delineiam-se a partir da observação do arranjo das formas no espaço ocupado pelos componentes plásticos, sejam eles dispostos uns sobre os outros, uns aos lados dos outros, em quaisquer direções. Contrastes dessa natureza são sugeridos pela Figura 3.14:

Figura 3.14 | Categorias topológicas



Fonte: adaptado de Teixeira (2016) e Barros (2016).

As categorias topológicas, da mesma forma como se comportam as categorias cromáticas e eidéticas na composição significativa dos textos visuais, marcam contrastes visuais que resgatam contrastes semânticos.



Exemplificando

Mais uma vez, resgate a obra “Doze girassóis numa jarra”, do pintor holandês Vincent van Gogh, mostrada na Figura 3.12, a fim de que você acompanhe a análise das categorias topológicas em um texto imagético.

Tomando como base a figuratividade da pintura impressionista, você pôde perceber que a oposição vida x morte, do plano de conteúdo, é reiterada no plano de expressão, por meio dos girassóis vivos e mortos.

A partir da análise de Barros (2016), as categorias topológicas, nesse

caso, estabelecem-se especialmente na oposição **alto x baixo**. A leitura atenta da imagem permite que você constate os espaços ocupados pela vida e pela morte: as flores vivas estão no alto e as flores mortas ocupam a porção inferior, no baixo. Além disso, em relação à disposição das formas no espaço de criação da pintura, proporcionalmente, percebemos que as flores vivas ocupam a maior parte da tela. O semissimbolismo é reforçado, então, mais uma vez, com o diálogo direto entre expressão e conteúdo, marcando, aparentemente, a prevalência da vida sobre a morte.

É importante que você tenha ciência de que uma análise como essa poderia ser ampliada, uma vez que, na mesma imagem, por exemplo, outro semiotista poderia enfatizar outras oposições no âmbito de cada uma dessas categorias – cromáticas, eidéticas e topológicas. Isso porque, como vimos, um texto visual é uma rede complexa de combinações, das quais têm origem significações igualmente complexas, pelas quais a Semiótica nutre muito interesse.



Pesquise mais

O que achou da análise de textos visuais pautada na exploração de seus constituintes plásticos? Para saber um pouco mais sobre esse tipo de abordagem semiótica, leia o artigo a seguir, que traz a análise de uma charge, um gênero do universo jornalístico essencialmente imagético, com ênfase nas categorias plásticas.

- BAEDER, B. M. Olhar semi-simbólico de um desenho-charge de Angeli. **Estudos Semióticos**, São Paulo, n. 3, 2007.

Sem medo de errar

No item introdutório da Seção 3.3, foi apresentada a você uma nova situação envolvendo o artista plástico Vitor, integrante da equipe de curadoria de um museu e responsável por comandar o planejamento de ações direcionadas aos visitantes. Você foi incumbido, nessa fase, de finalizar o planejamento do minicurso que ele está organizando com o objetivo de colaborar no desenvolvimento de novos “leitores de obras artísticas”.

Até agora, Vitor já havia explorado os diferentes tipos de linguagem que compõem os textos imagéticos e as relações que são estabelecidas entre o plano de expressão e o plano de conteúdo, no âmbito do semissimbolismo. Agora, para aprofundar as discussões do minicurso, ele pretende explorar, junto aos participantes, o modo como as significações decorrem de elementos

específicos desses textos, como suas cores e formas.

A partir do estudo desta seção, ficou evidente que uma imagem, tomada como um texto visual, é uma rede complexa de combinações entre unidades significativas. Tais combinações contemplam as matizes cromáticas mobilizadas, as formas delineadas na imagem, bem como a disposição de todos esses elementos no espaço ocupado por ela. Tudo isso forma a “plasticidade” da imagem, levando à análise das chamadas categorias plásticas.

Assim, sua atuação estava centrada na escolha de um novo texto visual (como uma pintura ou qualquer outro tipo de imagem), a fim de que fosse subsidiada a análise das significações decorrentes das cores (categorias cromáticas), das formas (categorias eidéticas) e de sua disposição (categorias topológicas). A Figura 3.15, na sequência, sugere um exemplo viável para essa tarefa:

Figura 3.15 | A plasticidade de uma imagem



Fonte: iStock .

Numa breve análise da imagem, considerando seus componentes plásticos, poderia ser elaborado um esquema como este:

Quadro 3.3 | Esquema de análise das categorias plásticas na imagem

Oposição semântica fundamental (plano de conteúdo)	
vida	morte
Oposições expressas pelas categorias plásticas (plano de expressão)	
Categorias cromáticas	
puro (folha verde, sem manchas)	mesclado (folha marrom, manchada)
Categorias eidéticas	
simetria (folha intacta)	assimetria (folha deteriorada)
Categorias topológicas	
direita (folha viçosa)	esquerda (folha murcha)

Fonte: elaborado pelo autor.

Com esse exemplo, ou com outro parecido, Vitor finalizaria sua proposta de formação para a leitura de imagens, fechando um percurso claro e consistente, capaz de evidenciar aos participantes que, diante de imagens, podemos detectar sentidos que, antes de qualquer outro lugar, estão ali, diante de nossos olhos. Afinal, “o olhar estará sempre à espera de algo que possa seduzi-lo, do mesmo modo que haverá sempre imagens errantes à procura de um par de olhos” (KLEIN, 2007, p. 151).

Agora, depois de ter percorrido uma longa jornada de conhecimento sobre a Semiótica, que tal pensar um pouco mais sobre sua aplicabilidade profissional? A Unidade 4 trará a você boas perspectivas sobre o tema.

Faça valer a pena

1. Considere o seguinte conceito:

Plástico

1. Capaz de ser moldado ou modelado;
2. Que dá forma ou é capaz de dar forma ou de alterar uma forma;
3. Cujo objeto é a elaboração de formas.

(HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.)

A ideia de “plasticidade”, evocada pelas acepções apresentadas, integra as chamadas categorias plásticas na análise semiótica de textos visuais. Isso porque, por meio dessas categorias, a imagem tem analisados seus componentes constitutivos, ou seja:

- a) Seus signos, suas semioses e seu caráter verbal.
- b) Suas cores, suas formas e seu arranjo espacial.
- c) Seus tons, seus movimentos e sua efemeridade.
- d) Suas estruturas, suas molduras e seu recorte visual.
- e) Seus domínios, seus sentidos e sua volatilidade.

2. Considere a seguinte situação:



Fonte: iStock .

Três semioticistas, durante uma visita a um museu, detiveram-se na análise de uma obra específica. Cada um deles disse o seguinte:

I) Aquelas cores quentes, como o vermelho, reforçam o tema da dor presente na obra.

II) Se observarmos com atenção, as formas pontiagudas também reiteram a ideia.

III) E toda a disposição desses elementos garante a manutenção do tema na pintura.

Com base nos aspectos observados na análise de textos visuais, assinale a alternativa que apresenta as categorias plásticas referentes às proposições dos semioticistas, na ordem em que foram apresentadas:

a) Topológicas / eidéticas / cromáticas.

b) Eidéticas / cromáticas / topológicas.

c) Eidéticas / topológicas / cromáticas.

d) Cromáticas / eidéticas / topológicas.

e) Cromáticas / topológicas / eidéticas.

3. Observe a seguinte imagem:



Fonte: iStock .

A partir da análise do texto visual apresentado, analise as afirmativas a seguir:

I) A cor verde da garrafa plástica, em destaque na imagem, evoca o tema da preservação ambiental.

II) A horizontalidade da garrafa plástica, na constituição visual do texto, sintetiza a amplitude das ações de preservação.

III) A anterioridade da garrafa plástica em relação aos demais componentes da cena remete ao impacto da degradação sobre o ambiente.

É correto o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) III, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

- A **BÍBLIA Sagrada**. Trad. Centro Bíblico Católico. 8. ed. São Paulo: Ave Maria, 1996.
- BARROS, D. L. P. O texto na semiótica. In: BATISTA, R. O. (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016, p. 71-91.
- BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- DOMINGOS, A. A. A desmontagem do texto sincrético. **Revista Estudos Linguísticos - GEL**, São Paulo, n. 32, maio 2002.
- ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FERRARA, L. D. **Leitura sem palavras**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- FIORIN, J. L. Para uma definição das linguagens sincréticas. In: OLIVEIRA, A. C.; TEIXEIRA, L. (Orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 15-40.
- GIBSON, J. J. **The perception of the visual world**. Boston: Houghton Mifflin, 1950.
- GREIMAS, A. J. Semiótica figurativa e semiótica plástica. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, São Paulo, n. 4, p. 18-46, jun. 1984.
- GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996.
- KLEIN, A. Fuga da invisibilidade: mutações semióticas na imagem publicitária. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n. 9, p. 139-151, mar. 2007.
- NÖTH, W. Semiótica visual. **Triade: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, v. 1, n. 1, jun. 2013.
- ROJO, R. Textos multimodais. **Glossário Ceale**. Disponível em: <http://www.glossarioceale.com.br>. Acesso em: 31 out. 2018.
- SOUZA, S. M. R.; SANTARELLI, C. P. G. Contribuições para uma história da análise da imagem no anúncio publicitário. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 133-156, jan./jun. 2008.
- STREET, B. V. Multimodalidade. **Glossário Ceale**. Disponível em: <http://www.glossarioceale.com.br>. Acesso em: 02 nov. 2018.
- TEIXEIRA, L. Achados e perdidos: análise semiótica de cartazes de cinema. In: LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 169-198.
- TEIXEIRA, L. Para uma leitura de textos visuais. **Centro de Pesquisas Sociosemióticas**, 2016. Disponível em: https://www.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/2016/teixeira__l__para_uma_leitura_de_textos_visuais__.pdf. Acesso em: 15 nov. 2018.6
- TEIXEIRA, L. Para uma metodologia de análise de textos verbovisuais. In: OLIVEIRA, A. C.; TEIXEIRA, L. (Orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 41-78.

Unidade 4

Semiótica aplicada

Convite ao estudo

Todas as áreas do conhecimento lidam com linguagens próprias. Em cada contexto de trabalho, buscamos a qualidade dos processos, e isso perpassa a comunicação, a significação. Desse modo, é essencial que, no desenvolvimento de suas atividades, independentemente do campo de atuação, os profissionais busquem meios de facilitar suas tarefas ou aprimorar suas estratégias de trabalho. E, para muitos desses profissionais, a Semiótica é uma teoria que se configura como uma importante ferramenta de apoio.

A partir dessa premissa, esta unidade prevê a abordagem de conteúdos e exemplos capazes de ilustrar algumas possíveis formas de aplicação prática da Semiótica. O intuito é o de que você se coloque no lugar de diferentes personagens, compreendendo que, em muitas situações, essa teoria trará os recursos metodológicos necessários para a solução de desafios.

Nesta quarta e última etapa de nossa jornada de estudos semióticos conheceremos Danilo, um professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio; sua colega Carla, responsável pela disciplina de Arte, na mesma instituição; Leonardo, jornalista responsável pela edição final de reportagens em uma revista; e Lívia, publicitária que coordena a equipe de criação em uma agência. Todos esses profissionais, embora de diferentes segmentos, têm algo em comum: lidam com linguagens e sua significação. Lidam, portanto, com objetos semióticos.

Todos eles, no momento, lançaram-se na busca por soluções a desafios que se interpuseram em sua rotina profissional: Danilo e Carla, com seus alunos do Ensino Médio, buscam estratégias para empreenderem um trabalho diferenciado com a leitura de textos (verbais e visuais) em sala de aula; Leonardo procura aprimorar o processo de composição editorial da revista para a qual trabalha, por meio da seleção de fotografias que reflitam melhor a essência das reportagens publicadas pelo veículo; e Lívia, por sua vez, está envolvida, junto à sua equipe, na criação da logomarca de uma empresa, a pedido de um novo cliente, de modo que o produto final sugira, por suas cores e formas, o segmento comercial em que a companhia se insere.

A partir de agora, então, de modo a acompanhar esses profissionais no desenvolvimento de seus trabalhos, você percorrerá cada uma das seções

desta unidade, as quais revisitarão conceitos aprendidos até aqui: a Seção 1 terá como foco a aplicabilidade da Semiótica na área educacional, contemplando aspectos da leitura de textos verbais e visuais; no caso da Seção 2, a ênfase está na presença da teoria no campo midiático, com propostas de reflexões ligadas à análise semiótica de fotografias; e, finalmente, com a Seção 3, a discussão baseia-se no papel da Semiótica na criação publicitária, resgatando elementos como as categorias plásticas de significação.

Semiótica no ensino de linguagens

Diálogo aberto

Ensinar, independentemente da área de atuação de um professor, não é uma tarefa simples. No caso da área de linguagens, um dos objetivos buscados é o da preparação dos estudantes para que se tornem bons leitores, o que é, por si só, algo bastante complexo.

Nesta seção, daremos início à etapa final de nossa caminhada pelo universo semiótico, discutindo as diferentes possibilidades de aplicação da teoria. A ênfase da primeira etapa recai, então, sobre a área do ensino, de modo a verificarmos como a Semiótica tem espaço nas salas de aula, como um instrumento metodológico ao dispor de professores.

Diante disso, no intuito de propiciar uma aprendizagem contextualizada, você está convidado a descobrir uma nova situação-problema, construída a partir dessa temática.

Na introdução da unidade, você conheceu Danilo e Carla, dois colegas professores que, atuantes no Ensino Médio, estão interessados na seleção de estratégias voltadas ao aprimoramento de suas aulas, no que tange à abordagem da leitura. Eles têm percebido a necessidade de desenvolver a competência leitora de seus alunos, de modo que eles extraiam as informações de textos verbais e não verbais com mais propriedade.

Uma vez que suas disciplinas integram a área de Linguagens, com conteúdos cobrados em exames nacionais e vestibulares, os dois professores acreditam poder articular teorias e métodos ligados à área da significação. A partir de reuniões, chegaram à Semiótica, com a qual tiveram contato durante a graduação, tanto no Curso de Letras, frequentado por Danilo, quanto no Curso de Artes Visuais, concluído por Carla.

De início, pensaram em levar para a sala de aula aspectos metodológicos sugeridos por essa teoria para a leitura de textos e imagens. Assim, a sua tarefa será auxiliar Danilo ou Carla na elaboração de um roteiro de aula para contemplar a leitura semiótica de textos com seus alunos. Para isso, você deverá elaborar um quadro com informações relativas ao modo como eles podem desenvolver esse trabalho – conceitos a serem contemplados; encaminhamentos metodológicos possíveis; e sugestões de atividades.

Para alcançar a resolução do desafio expresso nessa situação, será necessário refletir sobre a **aplicabilidade da Semiótica na área do ensino de linguagens**.

Assim, ao longo da seção, você terá a oportunidade de explorar esse tema em diferentes perspectivas: a presença da teoria na **formação do professor**, a mobilização do método semiótico em **atividades de leitura**, bem como o desenvolvimento de habilidades que caracterizam um **leitor semiótico**.

Estude esse conteúdo e perceba como é possível aprender Semiótica para ensinar Semiótica!

Não pode faltar

A Semiótica na formação do professor

Você já se imaginou atuando como um professor?

Há cursos específicos para isso, como as licenciaturas. Porém, é possível que profissionais formados em outras áreas, depois de cursos de pós-graduação, por exemplo, possam ingressar na carreira docente, atuando em instituições de ensino superior e tendo que ensinar ou lidar até mesmo com teorias como a própria Semiótica.

No caso da educação básica, diferentes disciplinas acabam lidando com diferentes conteúdos, os quais integram toda a rede de conhecimento que está à nossa volta. Os conteúdos ligados à significação, no entanto, acabam se concentrando em uma grande área, a de Linguagens, dentro da qual encontramos disciplinas como, por exemplo, Língua Portuguesa e Arte.

Pare por um instante e faça um retrospecto de suas experiências de leitura em aulas dessas disciplinas. Como os professores conduziam as atividades? Diante de um texto ou de uma imagem, o que lhe era solicitado para que observasse?

Conforme aponta Fiorin (2008, p. 9) – e talvez você tenha vivenciado algo parecido –, geralmente, em atividades de leitura e interpretação textual, é comum a adoção de questionários que “não representam nenhum desafio intelectual para o aluno e que não contribuem para o entendimento global do texto”. Nessas situações, muitos professores tendem a afirmar que, para compreender bem um texto, é necessário sensibilidade ou, então, ler o material inúmeras vezes.

O fato é que “não basta recomendar que o aluno leia atentamente o texto muitas vezes”, pois “é preciso mostrar o que se deve observar nele” (FIORIN, 2008, p. 9). A grande questão evocada por essa afirmação é: o professor sabe mostrar isso aos seus alunos?

Diante desse cenário, é essencial que, durante o seu processo formativo, ainda na graduação, os professores de áreas como essas sejam expostos a aportes teórico-metodológicos que subsidiem sua futura atuação no tratamento do texto – verbal ou não verbal – pelo viés da leitura. A Semiótica desponta, então, como um importante recurso para essa finalidade, e essa afirmação encontra respaldo, inclusive, na legislação que orienta a organização do currículo escolar no país.

No caso da disciplina de Língua Portuguesa, o texto é tomado como objeto de trabalho, e por meio dele são contempladas as chamadas **práticas de linguagem**: oralidade, leitura, produção e **análise linguística/semiótica**. Esse último item, revestido de um caráter semiótico, envolve os procedimentos e estratégias de análise da materialidade dos textos – orais, escritos ou multissemióticos – responsáveis pelos efeitos de sentido (BRASIL, 2017, p. 78). Em outras palavras: o professor dessa área deve considerar que os textos são distintos, contemplam diferentes linguagens e exigem estratégias específicas para o seu processamento na leitura.

Se considerarmos a disciplina de Arte, por sua vez, vamos encontrar a ideia de que o ensino nessa área perpassa algumas dimensões, as quais revelam, em síntese, possibilidades de relações do indivíduo com as manifestações artísticas: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão.



Assimile

A ideia de **estesia** liga-se à capacidade ou sensibilidade para perceber sensações, sentimentos, a beleza das coisas. Trata-se de uma espécie de senso estético. A **fruição**, por sua vez, diz respeito ao aproveitamento prazeroso de dado elemento. Ambos os conceitos se conectam, uma vez que, para “aproveitar”, é preciso “perceber”.

No caso da **reflexão**, trata-se da “atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador, seja **como leitor**” (BRASIL, 2017, p. 193). Em outros termos: o professor dessa área deve propiciar situações nas quais os alunos possam explorar a significação decorrente das linguagens visuais por meio de procedimentos que os levem à compreensão da significação presente nos textos artísticos.

Assim, você pode verificar que a inserção da Semiótica no processo de formação de um profissional dessa área torna-se relevante e, mais que isso, essencial para o desenvolvimento de sua prática pedagógica. Afinal, para ensinar a ler um texto escrito ou uma imagem, buscando os mecanismos de estruturação que geram os seus sentidos, é necessário que, primeiro, se aprenda a fazer isso.

Essa ideia é atestada por Simões (2004, p. 127): “[...] a inclusão de subsídios semióticos nos currículos escolares e de disciplinas de semiótica nos cursos de graduação documenta a necessidade de preparação de recursos humanos especializados em estudos semióticos”. Ou seja, a Semiótica é aplicável na atuação profissional em diferentes áreas.



Refleta

Diferentes cursos de graduação podem apresentar, em suas matrizes curriculares, disciplinas relacionadas à Semiótica, sob diferentes nomenclaturas. Se você fizer uma busca simples na internet, pode encontrar resultados muito interessantes, como estes: Semiótica Aplicada ao Design; Semiótica e Comunicação; Semiótica e Linguística; Semiótica e Moda; Semiótica e Retórica na Administração; Semiótica e Mídia; Estética e Semiótica; Semiótica Literária; Semiótica e Produção de Sentido; Semiótica e Linguagens Visuais; Semiótica Aplicada à Arquitetura; Semiótica e Significação; Semiótica dos Produtos Midiáticos; Teoria da Informação e Semiótica.

O que essa grande diversidade de disciplinas revela sobre a aplicabilidade da Semiótica no campo profissional?

Semiótica em atividades de leitura

A **leitura** pode ser tomada como uma “prática social” (KLEIMAN, 2004).

Partindo dessa premissa, podemos associar a leitura às práticas de linguagem, que são também práticas sociais, a partir das quais interagimos – com as pessoas e, também, com os textos. É por meio da interação com o texto, ao explorarmos sua organização, que temos acesso à sua significação, aos seus sentidos. Isso você pôde constatar nas unidades anteriores, nas quais discutimos diferentes procedimentos de leitura de textos verbais e visuais.

Desse modo, considerando que, como vimos, ao se trabalhar com a linguagem e com os textos em sala de aula, os professores devem mostrar aos alunos o que se deve observar nessas produções, é essencial que pensemos em possibilidades de aplicação pedagógica da Semiótica, refletindo sobre como poderiam ser desenvolvidas atividades de leitura pautadas em orientações metodológicas da teoria.

O ponto de partida para uma abordagem semiótica do texto em sala de aula, seja uma manifestação verbal seja um produto imagético, é discutir com os alunos a ideia de que esse material constitui uma unidade de significação

estruturada pela mobilização de diferentes mecanismos de produção de sentido e que, ao lê-lo, devemos buscar o que ele diz, mas também como ele o faz.

Assim, o professor estabelecerá as bases para evidenciar aos alunos que **um texto tem diferentes níveis de leitura**, alguns mais superficiais, outros mais profundos, os quais devem ser percorridos para que se chegue à significação. Nesse processo, o texto não será observado apenas em sua materialidade concreta, o seu plano de expressão, mas também em sua porção mais abstrata, o seu plano de conteúdo.

Para esse trabalho, você, como professor, poderia lançar mão de várias estratégias, como a adoção do percurso gerativo de sentido, nos textos verbais, por exemplo, ou a abordagem das categorias plásticas, para o caso dos textos visuais. Desse modo, os alunos perceberiam que o que é lido em um texto escrito nada mais é do que a expressão de ideias que se articulam e vão sendo revestidas por elementos concretos, e que, mesmo em uma simples imagem, toda uma rede de significação pode ter como base as cores e as formas selecionadas em sua composição.

Essa abordagem, para ser efetiva, depende da seleção de bons textos, do planejamento do professor e da adoção de uma linguagem condizente com o nível de seu público – é possível ensinar a leitura semiótica sem fazer uso de terminologias tão técnicas e específicas.



Exemplificando

Para uma **introdução à leitura de textos verbais** pelo viés da Semiótica, um professor de Língua Portuguesa, por exemplo, poderia adotar algo parecido com esta proposta:

1. Apresentar um texto para leitura, como o poema do exemplo a seguir:

Tic-tac

Esse tic-tac dos relógios
é a máquina de costura do Tempo
a fabricar mortalhas.

(QUINTANA, Mário. **Poesia completa**. São Paulo: Nova Aguilar, 2005.)

2. Explorar o plano de expressão do texto com os alunos, identificando a sua temática geral (os temas, como o “passar do tempo” e a “morte”) e de que maneira ela aparece refletida por meio das palavras (as figuras, como o “relógio” e as “mortalhas”).

3. Construir esquemas gráficos que estabeleçam relações entre as ideias que se opõem no texto, como, no caso do exemplo, as noções de “vida” e “morte”.

4. Identificar os valores, positivos ou negativos, que possivelmente recobrem as ideias contempladas no texto.

Essa proposta de introdução aos procedimentos de leitura semiótica poderia ter como base outros tipos de textos (contos, crônicas, artigos de opinião, etc.) e poderia ser ampliada, no caso dos textos que contêm personagens, com reflexões sobre os “sujeitos” e os “objetos de valor”. Na sequência, outros textos poderiam ser disponibilizados, para que os alunos empreendessem o percurso de leitura com mais autonomia, ampliando-se gradativamente a complexidade dos textos e das leituras.



Exemplificando

No caso de uma **introdução à leitura de textos visuais** pelo viés da Semiótica, um professor de Arte, por sua vez, poderia desenvolver uma proposta como esta:

1. Apresentar uma imagem para leitura, como a da Figura 4.1, a seguir:

Figura 4.1 | Estágios de vida de uma flor



Fonte: iStock.

2. Explorar o plano de expressão da imagem, identificando traços composicionais que levam ao plano de conteúdo, com a oposição “vida x morte”.
3. Discutir aspectos ligados à significação decorrente das cores na imagem: o verde e o rosa ligam-se à ideia de vida; e o marrom e o preto ancoram-se na ideia de morte.
4. Evidenciar a relação entre as formas da expressão, como o retilíneo/ascendente e o curvo/descendente, e as categorias do conteúdo, vida e morte, respectivamente.

Uma proposta como essa poderia ser gradativamente ampliada com a abordagem de outros artefatos visuais, que não fotografias, como diferentes obras artísticas (pinturas, esculturas, etc.). Da mesma forma que no exemplo anterior, uma vez feita a introdução dos procedimentos de análise, diferentes textos visuais poderiam ser distribuídos para que os alunos empreendessem suas próprias análises.

Formação de leitores semióticos

Sugestões de encaminhamentos metodológicos para aulas de leitura como as que você acabou de observar são importantes na medida em que lançam um outro enfoque sobre a abordagem do objeto texto – verbal ou visual. O aluno é levado a buscar a significação que está além das famosas perguntas que se multiplicam nos materiais didáticos, como ilustra a Figura 4.2: “o que o autor quis dizer?”

Figura 4.2 | Enunciado clássico em atividades de leitura e interpretação de textos

- 3 Explique o que o autor quer dizer no quarto parágrafo com: “Impõe-se igualmente a visualização de um objetivo definido”.

Fonte: Terra e Nicola (2008, p. 20).

Uma questão como a apresentada, componente do questionário de verificação da leitura de um texto em um livro didático voltado a alunos do Ensino Médio, induz o aluno a realizar um movimento quase impossível: buscar, na materialidade do texto que leu, a intenção que o seu autor teve na fase de produção do material. Considerando que os momentos de produção e recepção de um texto são distintos, especialmente no caso das manifestações escritas, o ideal é levar o aluno a investigar os sentidos que estão no próprio texto, já produzido. Assim, retomando uma ideia já discutida por nós, a pergunta a ser feita é: **o que o texto disse e como fez isso?**

Um questionamento pautado nessa dimensão contempla a ideia de que “um texto é um universo aberto em que o intérprete pode descobrir infinitas interconexões”, e, nesse contexto, “a glória do leitor é descobrir que os textos podem dizer tudo, exceto o que seu autor queria que dissessem” (ECO, 2005, p. 45-46).

Está aí a gênese de um trabalho que busca a formação de um **leitor semiótico**, definido como aquele que realiza um exame profundo do texto,

buscando compreender como se deu a sua construção, de modo a entender melhor sua significação (ECO, 2003). Trata-se, em síntese, de um leitor com maior potencial de criticidade, imerso na busca pelos sentidos do texto.



Assimile

Um **leitor semiótico** é aquele capaz de, diante de uma manifestação textual, de modo crítico e profundo, mobilizar estratégias para a identificação do(s) sentido(s) decorrente(s) dos diferentes códigos semióticos mobilizados em sua constituição.

A abordagem da Semiótica em sala de aula, por meio da atuação pedagógica de profissionais docentes preparados, colabora na formação de leitores semióticos, os quais, além das atividades de leitura, podem aplicar seus conhecimentos em outras práticas de linguagem, como as de escrita.

Semiótica em atividades de produção textual

Conforme Simões (2004), os leitores semióticos desenvolvem, por consequência, habilidades de produção textual. Isso pode ser visualizado por você a partir da seguinte reflexão: imagine que um indivíduo é exposto a técnicas de leitura semiótica e aprende a realizar análises de textos verbais, por exemplo, com base no percurso gerativo de sentido. Ele, então, busca as oposições semânticas do texto; verifica como essas categorias se traduzem em valores que circulam entre sujeitos; explora as relações entre temas e figuras; enfim, examina os mecanismos de estruturação interna do texto que possibilitaram a geração de sentidos. Além do texto verbal, ele também aprende a analisar textos imagéticos, verificando a significação decorrente de todos os seus elementos constituintes: cores, formas e arranjo. Ele é, portanto, um leitor semiótico.

Agora, imagine que esse mesmo indivíduo é submetido a uma situação na qual deve produzir um texto. Ele saberá, com base no conhecimento semiótico adquirido, selecionar as melhores estratégias para essa tarefa, o melhor caminho a ser percorrido para a estruturação do seu texto, o qual, posteriormente, será objeto de leitura para outro sujeito. Ele poderá, por exemplo, partir do tema que pretende abordar, gerar uma oposição semântica com base na qual desenvolverá todas as suas ideias. Selecionará as figuras que revestirão concretamente os temas, empreenderá procedimentos enunciativos e dará forma a uma composição textual organizada e significativa.

Em síntese, a Semiótica possibilita o trabalho com a linguagem, em todas as suas formas.



Pesquise mais

Para refletir um pouco mais sobre a presença dos estudos semióticos no contexto da sala de aula, acesse a obra *Semiótica & ensino: uma proposta - Alfabetização pela imagem*, de Simões (2009), e explore parte do capítulo que versa sobre as contribuições da teoria no processo de leitura e que podem ser consideradas pelos professores da área de linguagens.

- SIMÕES, Darcília. Contribuições semióticas na leitura. In: **Semiótica & ensino: uma proposta - Alfabetização pela imagem**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009, p. 28-40. Disponível em: <<https://bit.ly/2UBSzkd>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Sem medo de errar

Na introdução da Seção 1, você teve acesso a uma situação-problema baseada nas experiências profissionais de Danilo e Carla, dois professores que desejam aprimorar a competência leitora de seus alunos, em suas disciplinas – Língua Portuguesa e Arte, respectivamente. Você foi orientado a ajudar um deles na elaboração de um roteiro de aula de leitura, com a mobilização de conceitos semióticos que possam levá-los ao alcance de seus objetivos.

Para isso, então, é necessário que sejam retomados aspectos estudados ao longo das unidades anteriores, nas quais você aprendeu a realizar análises semióticas de textos verbais e não verbais. Além disso, o estudo desta seção evidenciou que, em sala de aula, a abordagem da leitura pelo viés semiótico contribui para que os estudantes aprendam não apenas a identificar os sentidos do texto, mas igualmente a produzir sentidos. O professor, porém, deve mediar os percursos de seus alunos, sem se aprofundar em conceitos técnicos especializados, e sim orientando-os na identificação de diferentes estratégias de análise.

Considerando as especificidades das disciplinas de atuação de Danilo e de Carla, embora ambos estejam inseridos na área de Linguagens, é provável que o foco dele esteja, num primeiro momento, centrado na leitura de textos verbais, como os literários, por exemplo, enquanto ela deva privilegiar a leitura de textos visuais, como pinturas ou outros recursos. Diante disso, o Quadro 4.1 e o Quadro 4.2, na sequência, sugerem um breve roteiro de aula para cada um dos professores:

Quadro 4.1 | Sugestão de abordagem da leitura em aula de Língua Portuguesa

Leitura de textos verbais	
Conceitos teóricos	<ul style="list-style-type: none"> • Oposições semânticas • Sujeitos e objetos de valor • Temas e figuras
Encaminhamentos metodológicos	<ul style="list-style-type: none"> • Propor a leitura inicial do texto. • Sugerir a existência de ideias opostas relacionadas ao assunto do texto. • Orientar a identificação dos personagens (se houver) e a relação deles com as ideias opostas detectadas. • Guiar a identificação e a análise de elementos abstratos (temas) e concretos (figuras) do texto.
Sugestões de atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura individual e conjunta de textos. • Elaboração de esquemas de análise das oposições semânticas (baseadas na noção do “quadrado semiótico”). • Organização de quadros de análise, com as relações entre temas e figuras. • Produção de textos com enredo definido a partir de oposições semânticas pré-estabelecidas.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 4.2 | Sugestão de abordagem da leitura em aula de Arte

Leitura de textos não verbais	
Conceitos teóricos	<ul style="list-style-type: none"> • Linguagens verbais e não verbais • Sincretismo • Expressão e conteúdo • Semissymbolismo
Encaminhamentos metodológicos	<ul style="list-style-type: none"> • Propor a leitura inicial da imagem. • Sugerir a existência de relações entre elementos da expressão e do conteúdo (o que se vê x o que se lê). • Orientar a identificação de sentidos decorrentes de cores e formas do texto.
Sugestões de atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura individual e conjunta de imagens. • Elaboração de esquemas de análise dos sentidos baseados nas categorias plásticas. • Produção de textos visuais a partir de sentidos previamente definidos.

Fonte: elaborado pelo autor.

Guiando-se por ideias como essas, professores como Danilo e Carla podem inserir novos métodos de leitura de textos – verbais e não verbais – em sala de aula, colaborando na formação de leitores semióticos, competentes, capazes de lidar com diferentes linguagens e de identificar, de modo crítico e consistente, os sentidos das manifestações textuais analisadas.

Agora, tendo refletido sobre a aplicabilidade da Semiótica na área do ensino, a próxima seção possibilitará a verificação de como essa teoria colabora na área midiática.

Faça valer a pena

1. Um professor de Língua Portuguesa, em uma aula voltada à abordagem de estratégias de leitura, recorreu a aspectos da teoria semiótica para colaborar no desenvolvimento da competência leitora de seus alunos. Observe os procedimentos adotados por ele e enumere-os, numa sequência de 1 a 3, considerando o método semiótico de análise de textos verbais:

- () Orientação dos alunos para a identificação dos personagens e aquilo que buscam.
- () Orientação dos alunos para a identificação de aspectos figurativos e temáticos do texto.
- () Orientação dos alunos para a identificação de ideias opostas no texto.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) 1 - 2 - 3
- b) 1 - 3 - 2
- c) 2 - 1 - 3
- d) 2 - 3 - 1
- e) 3 - 1 - 2

2. “[...] o conhecimento explícito dos mecanismos de produção do sentido textual permite melhorar significativamente a competência de interpretar e produzir textos.”

(FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.)

A partir das reflexões dos autores, analise as asserções a seguir e a relação estabelecida entre elas:

- I) Além do ensino de leitura, a Semiótica colabora no ensino de produção textual.
PORQUE
- II) Se o aluno, ao ler os textos, aprende a identificar as estratégias de construção dos sentidos, pode aplicar esses mesmos procedimentos ao redigi-los.

Sobre essas asserções, assinale a alternativa correta:

- a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.

- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

3. Em uma atividade voltada à leitura de textos visuais, um professor de Arte apresentou aos seus alunos a seguinte imagem, pedindo a eles que expusessem os sentidos que identificassem:



Fonte: iStock.

Durante as propostas de análise, os alunos expuseram ideias como:

- I) As cores vibrantes, no lado direito, ligam-se mais à emoção, diferentemente das cores mais frias e apagadas, no lado esquerdo, ligadas mais à razão.
- II) As formas simétricas, ao mesmo tempo em que se opõem, são complementares e refletem a constituição de um todo, que é o conhecimento.
- III) A disposição das duas porções contrastantes em uma espécie de confronto sintetiza as distinções entre diferentes formas de conhecimento.

O estudo das categorias plásticas aparece refletido na(s) análise(s) contida(s) em:

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

Semiótica na comunicação

Diálogo aberto

A mídia é um universo em que uma enorme rede de significação se materializa, por meio da produção e disseminação de textos voltados a diferentes finalidades – entreter, divulgar, denunciar, informar. Nesse meio, destacam-se notícias e fotografias, textos e imagens que se associam numa infundável trama comunicativa e, por vezes, persuasiva.

Nesta seção, terão prosseguimento nossas reflexões sobre a aplicabilidade da teoria semiótica nos ambientes profissionais, com especial atenção, neste momento, ao mundo jornalístico, da comunicação midiática. A ideia é verificar como os conceitos semióticos podem colaborar no processo de análise e construção do discurso veiculado na mídia, a fim de que textos e imagens sejam, de fato, significativos, críveis e confiáveis.

A partir desse contexto, você será inserido em mais um cenário profissional, visualizando a presença desse tema em uma situação-problema.

Em continuidade ao desvendamento da aplicabilidade da Semiótica em diferentes áreas profissionais, desta vez, vamos acompanhar Leonardo, o jornalista responsável pelo processo de edição final de reportagens a serem publicadas em uma revista. Junto a colegas de sua equipe, ele tem seguido o objetivo de considerar, com mais cuidado, a significação das fotografias que acompanham os textos elaborados, de modo que, cada vez mais, elas reflitam a essência dessas produções.

Leonardo, durante um curso de pós-graduação que realizou, teve contato com procedimentos de análise de fotografias, dentre os quais alguns de natureza semiótica. Ele, então, tem consciência de que uma simples foto é capaz de influenciar e, até mesmo, deturpar a mensagem na qual está ancorada. Assim, prezando pela manutenção da credibilidade do veículo jornalístico em que atua, ele deseja aplicar esses conhecimentos teóricos na rotina de sua equipe.

Como nem todos os seus colegas dominam, como ele, essas técnicas, Leonardo pensou em, inicialmente, propor um encontro de formação, dentro da própria redação, a fim de que todos tenham um olhar mais crítico sobre as fotografias. Nesse contexto, sua tarefa é ajudar Leonardo no planejamento desse encontro. Você deverá, então, selecionar uma das fotografias já publicadas na revista ou em algum outro material jornalístico, a fim de que seja

analisado, sob um viés semiótico, o seu teor significativo, como um exemplo de parâmetros a serem seguidos pela equipe nas próximas produções.

A solução desse desafio será balizada pela compreensão da **aplicabilidade da Semiótica na área da comunicação**. A partir dessa ideia, com o estudo da seção, você percorrerá a abordagem de elementos como: a constituição do **discurso midiático**; os aspectos que marcam o **discurso fotográfico**; e, especialmente, a **análise semiótica de textos e fotografias** que circulam na mídia.

Explore esse conteúdo e perceba como é possível aprender Semiótica para comunicar e informar!

Não pode faltar

O discurso midiático

“Mídia” é uma palavra comum na sociedade, aparecendo em situações como estas: “apareceu na mídia”; “está na mídia”; “a mídia manipula”, etc. Nesses casos, o termo funciona como o nome de algo. Em outros, a ideia evocada assume um papel qualificador, em expressões como: “universo midiático”; “força midiática”; “veículo midiático”; “discurso midiático”; entre tantas outras. De um modo geral, falar em “mídia” ou “midiático” nos faz refletir sobre uma ampla rede informacional, na qual circulam diferentes linguagens, diferentes textos, com os mais variados propósitos.



Assimile

A **mídia** é compreendida, em síntese, como o gigantesco conjunto de dispositivos voltados à propagação da informação, abrangendo veículos como jornais, revistas, TV, rádio, internet, entre outros. Trata-se de um emaranhado de discursos que, em diferentes direções, disseminam princípios, valores, crenças, ideologias, e orientam/refletem, em certa medida, a vida em sociedade.

Hoje, a mídia mobiliza recursos tecnológicos e digitais cada vez mais sofisticados, os quais coexistem com outros artefatos, gerando um visível contraste entre o tradicional/antigo e o moderno/contemporâneo, como é possível observar na Figura 4.3, a seguir, em que jornais impressos, em inúmeras páginas de papel, aparecem junto às suas versões on-line, compatíveis com dispositivos móveis.

Figura 4.3 | Exemplo de transformação dos recursos midiáticos



Fonte: iStock.

Se você refletir minimamente sobre os conteúdos aos quais tem acesso através da mídia, chegará à constatação de que os discursos veiculados nessa esfera de práticas sociais são carregados de significação. Muitos deles tendem a ser mais objetivos, correspondendo o mais próximo possível à realidade, ou seja, à verdade. Outros, por sua vez, são manipulados, inverídicos ou, por vezes, não são tão explícitos, exigindo uma leitura que vá além de sua superfície, com sentidos espreado-se pelas entrelinhas.

Produto da ação da mídia, o **discurso midiático** é, portanto, variável, tanto no que se refere àquilo que enuncia quanto no que diz respeito ao modo como se organiza, assumindo formas múltiplas, em suportes como jornais, revistas, TV e internet. Porém, independentemente de sua natureza, esse tipo de manifestação discursiva pode ser analisado sob um viés semiótico. Não só analisado, pode também ser construído a partir da mobilização de estratégias semióticas.

Isso evidencia, então, a aplicabilidade da Semiótica por profissionais que atuam na área midiática, como jornalistas, produtores de conteúdo digital, produtores de rádio e TV, publicitários, entre outros. Afinal, como aponta Diniz (2008, p. 11), “a relação entre semiótica e mídia é bastante antiga: os estudos comunicacionais avançam, e os semioticistas vêm dando sua contribuição”.

De acordo com Fiorin (2008, p. 78),

“Os textos criados pelos meios de comunicação são produtos de linguagens e, por conseguinte, **podem ser examinados pelas teorias linguísticas e semióticas**. Não há

uma teoria para cada uma das linguagens, pois uma teoria singular para cada uma delas não seria um projeto científico. [...] Portanto, se os meios de comunicação podem ser estudados do ponto de vista da significação, **uma teoria semiótica pode ser empregada no seu estudo**, já que a Semiótica se propõe como teoria da significação.

É sobre essa possibilidade de abordagem de textos midiáticos com sustentação semiótica que você vai refletir a partir de agora.

Análise semiótica de textos midiáticos

A análise semiótica de um texto midiático procura revelar os sentidos construídos a partir da mobilização de estratégias enunciativas. Para isso, o texto terá explorado o seu plano de conteúdo e o seu plano de expressão com a identificação dos códigos semióticos empregados em sua composição, as relações entre eles e as significações decorrentes desse processo.

Não há uma fórmula específica para ler textos midiáticos semioticamente, e, para essa tarefa, você pode recorrer a aportes teóricos distintos, como os contemplados nas unidades anteriores. Isso é perfeitamente viável, pois, conforme explica Diniz (2008, p. 11), a associação de diferentes vertentes semióticas – como a greimasiana, a peirceana e a da cultura – em um mesmo espaço de reflexão ilustra “um convívio necessário e produtivo”. Cada uma dessas teorias pode contribuir para realçar um determinado olhar, focalizando algum aspecto do texto.

No exemplo a seguir, você tem a oportunidade de visualizar uma proposta de análise desse tipo.



Exemplificando

A Figura 4.4, a seguir, exibe a primeira página da reportagem “Volta ao mundo à brasileira”, de Mário Pereira Filho, publicada na Revista **Vela e Motor**, no início da década de 1980:

Figura 4.4 | Reportagem - página 1



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vela_e_Motor_-_Volta_ao_Mundo_%C3%A0_brasileira_-_P%C3%A1gina_1.jpg. Acesso em: 13 dez. 2018.

O texto de abertura da reportagem está assim estruturado:

“ Volta ao mundo à brasileira

Durante todo o trajeto, apenas um susto: a tempestade em Cartagena (Colômbia), com ventos de Força 8. No mais, tudo bem. Porque, na verdade, os primeiros brasileiros a fazerem a volta ao mundo num veleiro acreditam que, para encarar uma aventura como esta, só é preciso gostar do mar.

A proposta da reportagem é clara e fica evidente no texto: apresentar a “aventura” da viagem empreendida pelo casal de velejadores brasileiros, e apenas esse pequeno fragmento já expõe uma rica significação, a qual, sob uma perspectiva semiótica, pode ser brevemente explorada assim:

Pelo viés da Semiótica Greimasiana, um ponto de abordagem relevante diz respeito à identificação da oposição semântica básica que fundamenta os sentidos do texto. Nesse caso, *gostar x desgostar* assume posição de destaque, desdobrando-se em outras noções: gostar associa-se às ideias de aventurar-se, velejar, dar a volta ao mundo, movimentar-se; desgostar ancora-se, ao contrário, na ausência de aventura, na estatici-

dade. Ao mesmo tempo, a expressão “à brasileira” reforça a ideia de que o gosto pela aventura está associado ao perfil brasileiro.

Ainda no que tange a aspectos do plano de expressão, a primeira página da reportagem indica uma manifestação sincrética, por mobilizar elementos verbais (o texto em si) e visuais (a representação cartográfica do globo e a fotografia do casal).

Imagens como essas são tomadas, sob o escopo da Semiótica Peirceana, como signos, reconhecíveis como objetos portadores de sentido, que fazem referência a elementos da realidade e podem, então, ser interpretados. Especialmente no caso da imagem do globo, trata-se de um signo visual que reforça a ideia trazida pelo texto verbal, colocando o Brasil em evidência como o ponto de origem de aventuras, ou seja, são os brasileiros, também na imagem, os protagonistas.

No que tange a discussões relativas à abordagem da Semiótica da Cultura, poderíamos tecer comentários sobre a linguagem das reportagens em revistas, uma espécie de código cultural que, com o tempo, passou por transformações – ou seja, se compararmos essa abertura da reportagem com outras da atualidade, talvez sejam percebidas diferenças importantes, como, por exemplo, na representação social, na moda (roupas dos personagens nas fotografias) e na edição de imagens (aspectos do design gráfico).

Como você pôde perceber, um texto midiático pode ser explorado sob várias perspectivas, e é importante que todos os seus elementos sejam considerados, como as fotografias que participam da sua composição, também tomadas como objetos discursivos.

O discurso fotográfico

Pare um instante para pensar: o quão presente a fotografia está em sua vida?

Ao longo do tempo, esse tipo de reprodução imagética possibilitou o registro da história – das pessoas, das cidades, de acontecimentos, do mundo. Ao mesmo tempo, além de contar a história, a fotografia é capaz de interferir no tecido social, ao disseminar padrões de vida, valores, ideologias, levando os indivíduos a agir. É a partir dela que se intensifica a **cultura da imagem**, caracterizadora da contemporaneidade: signos visuais por todos os lados, emanando discursos. Em síntese, a fotografia inaugurou “uma nova era de civilização, onde a imagem tem, sem dúvida, um dos papéis principais” (KUBRUSHY, 1991, p. 15).

Seja captando a imagem do outro, seja realizando um processo autônomo, fotografando-se a si mesmo (a famosa *selfie*), como você pode observar na Figura 4.5, a seguir, a fotografia é parte integrante do multifacetado conjunto de práticas sociais.

Figura 4.5 | Formas de registro fotográfico



Fonte: iStock.

Tecnicamente, a fotografia é concebida como “arte ou processo de reproduzir imagens sobre uma superfície fotossensível (como um filme), pela ação de energia radiante, especialmente a luz” (HOUAISS, 2009). Semanticamente, porém, sua significação é expandida, sendo tomada, por exemplo, como a possibilidade de parar o tempo, a reprodução perfeita do que nos cerca, um documento histórico, uma prova da verdade, a preservação da imagem de alguém, uma ilusão ou a representação da realidade (KUBRUSHY, 1991).

De acordo com Kossoy (2002, p. 26), a expressão fotográfica constitui um processo cultural, estético e técnico, que envolve alguns elementos:

Elementos constitutivos: assunto / fotógrafo / tecnologia

Produto final: fotografia

Coordenadas de situação: espaço / tempo

Para o autor, as noções de espaço e tempo, que aparecem subentendidas numa fotografia, revelam “um contexto histórico específico em seus desdobramentos sociais, econômicos, políticos, culturais etc.” (KOSSOY, 2002, p.

26). A fotografia capta um dos muitos fatos que se desenrolam nesse contexto, ou seja, apresenta um microaspecto dessa situação contextual.

Tem-se, aí, conforme Kossoy (2002), um duplo movimento: há o processo de **construção da representação**, a produção fotográfica propriamente dita, desempenhada pelo fotógrafo; e o processo de **construção da interpretação**, ligado à recepção da fotografia e às múltiplas leituras que podem ser empreendidas. E essa possível diversidade interpretativa decorre do fato de que, uma vez contemplada na fotografia, a realidade se torna, nas palavras de Kossoy (2002, p. 43), “um novo real”, “interpretado”, “ideologizado”, uma espécie de “segunda realidade”.



Refleta

As fotografias constituem artefatos que captam a realidade e são disseminadas, muitas vezes, de forma manipulada, com intervenções decorrentes de sua submissão a softwares de edição.

Quais os efeitos da veiculação de fotografias editadas, que não correspondem à realidade a partir da qual tiveram origem?

É na sua relação com o real que a fotografia assume indiscutível importância na mídia. Afinal, como você bem sabe, não haveria textos midiáticos com o poder que conhecemos sem a ajuda das fotografias, não é?

O fato é que, conforme Joly (2007, p. 10), “a utilização das imagens se generaliza e, contemplando-as ou fabricando-as, todos os dias acabamos sendo levados a utilizá-las, decifrá-las, interpretá-las”. Daí a importância de pensarmos em estratégias para a análise de fotografias.

Análise semiótica de fotografias

Uma fotografia é, antes de qualquer coisa, uma imagem, um texto com significação. Assim, para realizar a análise semiótica de fotografias, você pode lançar mão de estratégias também variadas, contemplando aspectos estudados nas unidades anteriores.

No caso de fotografias que acompanham textos em jornais e revistas, uma boa estratégia de análise é o estabelecimento de relações entre os componentes verbais e visuais, de modo que se verifique se a fotografia, nesses casos, está cumprindo bem o seu papel de ilustrar ou retratar uma dada realidade contemplada pelo texto.

O exemplo a seguir lhe traz algumas indicações desse processo.



Exemplificando

Há pouco, você visualizou uma breve análise do conteúdo de abertura da reportagem “Volta ao mundo à brasileira”, de Mário Pereira Filho, publicada na Revista **Vela e Motor**, na década de 1980. Agora, vamos observar alguns aspectos da fotografia que integra essa composição midiática.

Figura 4.6 | Reportagem - fotografia da página 1



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vela_e_Motor_-_Volta_ao_Mundo_%C3%A0_brasileira_-_P%C3%A1gina_1.jpg. Acesso em: 13 dez. 2018.

Nessa foto, o casal de brasileiros, identificados como Pará e Lúcia, aparece sentado, aparentemente na porção frontal do seu barco, o qual está ancorado, como permite verificar a legenda, no late Clube do Rio de Janeiro.

Eles ocupam a maior parte da imagem e demonstram uma postura que, numa leitura semiótica, contraria um pouco a ideia veiculada no texto que analisamos: o “gostar do mar”.

Quando pensamos em “gostar”, somos levados também a pensar em elementos como “satisfação”, “alegria” e uma espécie de “abertura” – o indivíduo deve estar “aberto” a receber algo.

Ao observarmos os corpos dos personagens, verificamos que Lúcia, por exemplo, permanece com os braços fechados, uma mão segurando a outra, impedindo o movimento. No caso de Pará, embora pernas e braços estejam abertos, as mãos permanecem repousadas sobre os membros inferiores, também sem demonstrar a receptividade para “receber” algo.

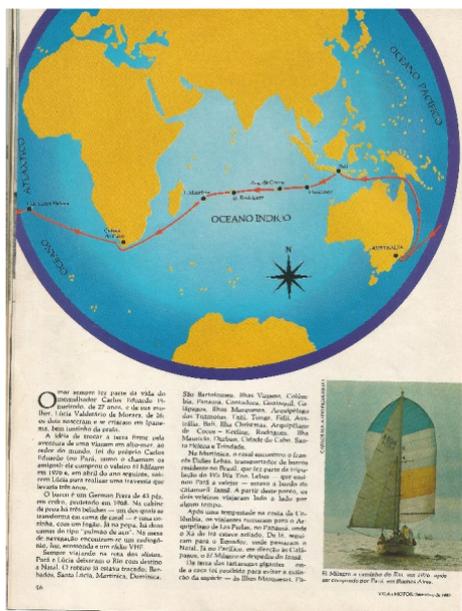
O seu semblante também reitera esse ar fechado: ambos parecem franzir o cenho. Talvez isso possa ser decorrente da luminosidade do sol, porém também leva à interpretação de que estão olhando para algo desagradável, fora do espaço captado pela câmera.

Além disso, atrás deles, a vela do barco aparece fechada, enrolada no mastro, corroborando, mais uma vez, a ideia de fechamento, de não receptividade.

Assim, percebemos que, numa análise das categorias plásticas da significação da imagem, as formas (categorias eidéticas) e a posição delas no espaço (categorias topológicas) vão numa direção contrária à dos sentidos construídos pelo texto verbal da reportagem: se, nele, percebemos a oposição semântica gostar x desgostar, com ênfase no “gostar”, no caso da fotografia, os aspectos constitutivos direcionam a leitura para o “desgostar”.

Ao se atentar para isso antes do fechamento da edição da reportagem, talvez o jornalista responsável pudesse ter substituído essa imagem por alguma das outras que aparecem na sequência, como a fotografia da segunda página, representada na Figura 4.7, ou da terceira página, como mostra a Figura 4.8.

Figura 4.7 | Reportagem- página 2



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vela_e_Motor_-_Volta_ao_Mundo_%C3%A0_brasileira_-_P%C3%A1gina_2.jpg. Acesso em: 13 dez. 2018.

Figura 4.8 | Reportagem - página 3



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vela_e_Motor_-_Volta_ao_Mundo_%C3%A0_brasileira_-_P%C3%A1gina_3.jpg. Acesso em: 13 dez. 2018.

A fotografia da segunda página (Figura 4.7) mostra o barco no mar, com as velas abertas, em movimento. O mesmo evidencia a primeira e a quarta fotografias da terceira página (Figura 4.8). Ao trazer essas imagens para junto do texto de abertura, seria reforçada a imagem de um casal aventureiro, que atende ao quesito de “gostar do mar”. Obviamente, ao analisarmos a composição no todo, as imagens cumprem a função de mostrar o que fazem os personagens, porém, em se tratando de uma fotografia que faz a abertura da reportagem, talvez a escolha não tenha sido a mais adequada em termos de sentido.

Análises de textos midiáticos e fotografias, como essas empreendidas aqui, podem ser ampliadas a partir de outros enfoques, uma vez que, como verificamos, diferentes perspectivas semióticas podem ser combinadas para o processo de leitura. O importante é não perder de vista a premissa básica de buscar, sempre, a significação que está no texto.



Pesquise mais

Conforme proposto nas reflexões trazidas por esta seção, a fotografia constitui um texto visual que gera significação a partir do modo como é veiculada. Ao mesmo tempo em que reflete a realidade, ao ser capturada a partir dela, a fotografia pode, igualmente, recriar ou deturpar aquilo que

é tomado como real. O artigo a seguir explora o tema da manipulação de fotografias e o impacto disso na representação da realidade.

- SOUZA, Daniel Rodrigo Meirinho de. A manipulação fotográfica como processo de representação do real: a reconstrução da realidade. **Passages de Paris**, Paris, n. 4, p. 193-203, 2009. Disponível em: <<http://www.apebfr.org/passagesdeparis/editione2009/portugal/Portugal%20-%20Daniel%20Meirinho.pdf>>. Acesso em: 09 dez. 2018.

Sem medo de errar

No item introdutório da Seção 2, você foi informado de uma situação-problema vivenciada por Leonardo, um jornalista que, na edição da revista para a qual trabalha, pretende implantar novos processos de curadoria das notícias e reportagens, com especial atenção às imagens (fotografias) que acompanham as produções, a fim de que elas reflitam melhor o conteúdo veiculado nas notícias ou reportagens. Sua tarefa era colaborar na preparação de um encontro de formação, voltado à equipe editorial, com propostas de análise do teor significativo de fotografias já publicadas na revista.

Diante disso, é essencial a mobilização de conteúdos discutidos tanto nas unidades anteriores quanto nesta seção, empreendendo a leitura de textos visuais e sua relação de complementaridade com manifestações verbais. Além disso, conforme evidenciaram os exemplos apresentados, um texto verbal, como uma reportagem, pode evocar sentidos que marcam posicionamentos ideológicos, estabelecem representações sociais e, mesmo ancorados numa suposta imparcialidade dos veículos informativos, carregam subjetividades. Da mesma forma, as imagens, como as fotografias, são capazes de moldar discursos e redirecionar o olhar do leitor para outros sentidos, até mesmo diferentes dos pretendidos pelo enunciador.

Para mostrar à sua equipe como essas relações significativas atuam na composição de notícias e reportagens, Leonardo deve partir da seleção de exemplos de fotografias extraídas da própria revista em que atuam, propondo uma análise balizada pela exploração de aspectos específicos, conforme evidencia o Quadro 4.3, a seguir:

Quadro 4.3 | Parâmetros para análise de fotografias

Plano de expressão	<ul style="list-style-type: none">• Categorias <i>cromáticas</i>: como as cores influenciam a compreensão da imagem.• Categorias <i>eidéticas</i>: como as formas representam os conteúdos contemplados.• Categorias <i>topológicas</i>: como a localização da fotografia interfere na leitura do texto, direcionando o olhar do leitor.
---------------------------	--

Plano de conteúdo

- *Oposições semânticas*: como os sentidos são construídos a partir de ideias basilares (perspectiva greimasiana).
- *Relações triádicas*: como a imagem se constitui enquanto signo e a que se refere (perspectiva peirceana).
- *Códigos culturais*: que noções de cultura a imagem revela e como se tornam significantes (perspectiva cultural).

Fonte: elaborado pelo autor.

Como é possível observar, o olhar lançado por Leonardo e sua equipe para as fotografias selecionadas pode ser moldado por diferentes perspectivas teóricas. O importante é que eles busquem a significação emanada desses textos imagéticos, relacionando-a com o conteúdo refletido no texto da notícia ou da reportagem que acompanham.

Assim, depois de ter pensado um pouco sobre a aplicabilidade da Semiótica na área da comunicação midiática, a terceira e última seção da unidade mostrará a presença da teoria no campo publicitário.

Faça valer a pena

1. Observe aspectos da seguinte imagem:



Fonte: iStock.

A imagem faz referência às chamadas *fake news*, marcadas:

- a) pelo ajustamento da realidade.
- b) pela confirmação da realidade.
- c) pelo confronto da realidade.
- d) pela validação da realidade.
- e) pela deturpação da realidade.

2. Analise os componentes do conceito a seguir:

Fotografia

1. Arte ou processo de reproduzir imagens sobre uma superfície fotossensível (como um filme), pela ação de energia radiante, esp. a luz.
2. A imagem obtida por esse processo; foto, retrato.

(HOUAISS, Antonio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.)

Uma fotografia estampada na capa de um jornal, junto a uma notícia, exemplifica a acepção número _____, uma vez que ilustra a _____ da ideia que envolve o conceito.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

- a) 1 / abstração
- b) 2 / materialidade
- c) 1 / informatividade
- d) 2 / veiculação
- e) 1 / complementaridade

3. Observe a seguinte imagem:



Fonte: iStock.

Na imagem, que ilustra o *template* de uma página de jornal, são percebidas lacunas, as quais indicam espaços possíveis para a inserção de imagens, como fotografias. A partir dessa ideia, analise as asserções a seguir e a relação estabelecida entre elas:

I) Em um texto jornalístico, as fotografias podem ser dispensadas.

PORQUE

II) O discurso fotográfico, por sua natureza, mantém-se desvinculado de discursos verbais.

A respeito dessas asserções, assinale a alternativa correta:

- a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa da I.
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

Semiótica na publicidade

Diálogo aberto

Dizem que usamos a linguagem, sempre, com o intuito de convencer. É essa a finalidade primeira da publicidade, na qual circulam discursos voltados à persuasão, ao alcance do aceite de valores e ideias por parte de determinados públicos. É nesse grande e variado universo que despontam as famosas propagandas, cujo processo de elaboração pode demandar a necessidade de conhecimentos relativos à combinação de diferentes linguagens para a composição argumentativa.

Esta seção dará continuidade às nossas discussões sobre a aplicabilidade da teoria semiótica na vivência de diferentes profissionais, com ênfase, agora, no campo da publicidade, da comunicação voltada à “persuasão”. Busca-se compreender, com as reflexões aqui apresentadas, o papel dos conceitos semióticos em atividades típicas desse universo, como a elaboração de logomarcas e propagandas, sendo mobilizados como ferramentas de apoio para a atuação de um publicitário.

Partindo desse contexto, um novo cenário profissional lhe será apresentado, para que você observe como isso se dá em uma situação-problema.

Agora, vamos retomar a situação vivenciada por Lívia, uma publicitária que, na agência em que atua, está coordenando a equipe responsável pela criação da logomarca da empresa de um novo cliente. Conforme solicitação do empresário, o material a ser produzido deve remeter, visualmente, às especificidades de seu negócio – a fabricação de móveis planejados. Assim, Lívia e seus colegas estão refletindo sobre quais elementos utilizar na composição da marca.

A partir de aspectos da Semiótica Visual, que integrava a ementa de uma das disciplinas cursadas durante sua graduação, Lívia pretende elaborar um projeto em que as cores e as formas mobilizadas sejam decisivas para atender ao pedido do cliente: o reconhecimento, a partir dos aspectos visuais da logomarca, das especificidades dos serviços que a empresa presta no segmento de movelaria.

Com base nessas ideias, Lívia pretende apresentar à sua equipe os esboços de algumas propostas de logomarcas que traduzam a essência da empresa em questão. Você deverá auxiliá-la nesse processo, organizando ideias que possam ser aplicadas na elaboração desses projetos iniciais. Por isso, descreva

possíveis elementos a serem utilizados: cores, formas, fontes, etc. Para cada item, é importante explicar a significação evocada, estabelecendo relação com a área de atuação do cliente.

Para chegar a uma solução para esse desafio, será imprescindível compreender a **aplicabilidade da Semiótica na área da publicidade**. Assim, o estudo da seção trará a você a abordagem de aspectos importantes, como: as especificidades do **discurso publicitário**; os objetos que integram a comunicação nessa área, como as **logomarcas** e as **peças publicitárias**; além, é claro, da **análise semiótica de propagandas** que circulam na mídia.

Aprofunde-se nesse conteúdo e verifique como é possível aprender Semiótica para persuadir e vender!

Não pode faltar

O discurso publicitário

A sociedade caracteriza-se como uma rede de conteúdos, ideias, informações, numa trama em que, para subsistir, os indivíduos devem garantir a sua aceitação. Esse aceite, por sua vez, é resultado, quase sempre, de um processo de convencimento, de tentativas de veiculação de “verdades”. Está aí a gênese da **publicidade**, a qual faz parte da sua vida, integralmente.

Concebida como “a forma de comunicação identificada e persuasiva empreendida, de forma paga, através dos meios de comunicação de massa” (GIACOMINI FILHO, 1991, p. 15), a publicidade constitui um mecanismo de ação social por meio do qual divulgamos ideias ou produtos, mobilizando estratégias variadas para persuadir, levando o outro a uma ação.



Assimile

A **persuasão** diz respeito a um processo de indução – constrói-se um discurso argumentativo capaz de promover uma tomada de atitude, um agir. No campo comercial, em que se insere a publicidade, os anúncios e propagandas são essencialmente persuasivos, na medida em que visam ao envolvimento dos potenciais consumidores.

Conforme Solomon (2002, p. 35), pela ação da publicidade, os consumidores são instigados a acreditar que “os produtos têm propriedades mágicas”, “os produtos farão coisas especiais e misteriosas”, “de um modo que transformará suas vidas”, que “serão bonitos”, “terão poder sobre os sentimentos

dos outros”, “serão bem-sucedidos e curados de todos os males”. Você, com certeza, deve conhecer alguém que chegou a pensar dessa forma!

Com tamanha força na sociedade, é comum encontrar, nas cidades, espaços de destaque reservados para a circulação das mensagens publicitárias, como ilustra a Figura 4.9, a seguir:

Figura 4.9 | Destaque da publicidade na paisagem urbana



Fonte: iStock.

Vale considerarmos, no entanto, que nada é tão simples como parece. Para chegar a níveis elevados de “sedução”, o discurso publicitário apresenta uma linguagem que, segundo Sandmann (1993), distingue-se por ser especialmente criativa e por buscar recursos expressivos que atraiam as pessoas, fazendo com que parem, leiam ou escutem as mensagens levadas até elas. É desse modo que surgem as chamadas peças publicitárias.

Peças publicitárias

Ao desejar divulgar um produto, um serviço ou uma ideia, uma empresa pode contratar uma equipe de profissionais, vinculados a uma agência, por exemplo, a fim de que seja criada uma **campanha publicitária**: um processo pelo qual será feita a divulgação desses elementos por um dado período de tempo, em diferentes suportes (TV, rádio, jornais, revistas, etc.).

Se você fizer um resgate pela memória, poderá se lembrar de campanhas conhecidíssimas por todo o Brasil que fizeram muito sucesso em determinadas épocas, inundando comerciais de TV, outdoors e páginas de revistas com imagens e textos relacionados.

Cada um dos componentes de uma campanha é chamado de **peça publicitária** e tem o objetivo de, em dado suporte, promover a efetivação dos objetivos da campanha: divulgar a empresa, seu produto, sua marca, visando ao convencimento e à adesão do consumidor.

Peças publicitárias bastante comuns são os anúncios impressos, as famosas “propagandas”, que estampam as páginas das revistas, importantes veículos de divulgação comercial.

Em geral, um anúncio constitui uma composição sincrética, ou seja, formada por diferentes linguagens que, associadas, dão origem ao discurso a ser veiculado. É esse discurso o responsável por disseminar ideias, reforçar padrões, reproduzir estereótipos, enfim, agir socialmente.



Refleta

Segundo Brown (1976, p. 18), “a propaganda é seletiva e propositalmente destinada a dar àqueles a quem se dirige uma visão parcial do mundo em que vivemos – um mundo que forçosamente abarca as opiniões de outros, quer sejam ou não verdadeiras”.

Em que medida os **valores ideológicos** disseminados pelas propagandas podem moldar nossa visão de mundo?

Daí a importância de, além dos anúncios publicitários, as empresas investirem na composição de uma identidade visual consistente, alcançada, por exemplo, por meio de logomarcas.

Logomarcas

Toda empresa busca deixar uma marca, “um indicador de confiança e credibilidade” (MELO, 2014, p. 7). Trata-se do modo como a instituição é vista ou lembrada pelos seus públicos de interesse. É mais ou menos o que acontece com nossa imagem pessoal: as impressões que deixamos, a maneira como somos “avaliados” pelas pessoas ao nosso redor.

O desenvolvimento de uma marca, conforme o que indica Melo (2014), passa por uma série de etapas:

1. escolha do nome;

2. elaboração da logomarca;
3. elaboração de um slogan.

Além do nome, a logomarca e o slogan são elementos que colaboram para a criação de uma memória nos consumidores. Você, certamente, deve saber de cor frases de efeito divulgadas por empresas brasileiras, no seu estado ou na sua cidade. Esse é o poder da marca.

Nesse contexto, uma **logomarca** ganha destaque, pois, enquanto uma “representação gráfica da marca”, é nela que “valores e características da empresa devem estar refletidos” (MELO, 2014, p. 7). Em outras palavras: a logomarca, muito além de um desenho, é um veículo de conteúdos que retratam o que a empresa oferece, o que ela deseja, como ela se posiciona no mercado.

Em relação às linguagens que convergem para a elaboração de uma logomarca, Melo (2014, p. 7) ressalta que alguns exemplares “são um misto de nominativo e figurativo”, ou seja, de linguagem verbal e não verbal, e “ambos se completam e se intensificam à medida que passam a ser conhecidos ou reconhecidos pelos consumidores”.

Na Figura 4.10, a seguir, há um exemplo de uma logomarca formada apenas por elementos visuais e que poderia estar vinculada, por exemplo, a uma empresa do ramo do agronegócio.

Figura 4.10 | Exemplo de logomarca figurativa



Fonte: iStock.

Já na Figura 4.11, na sequência, há outro exemplo de logomarca, mas dessa vez constituída por elementos verbais e não verbais, associada, no caso, a uma empresa do ramo de alimentos.

Figura 4.11 | Exemplo de logomarca nominativa e figurativa



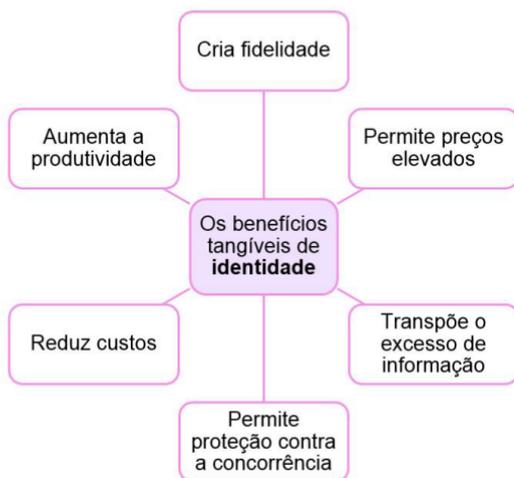
Fonte: iStock.

Em qualquer um dos casos observados, você deve ter em mente que, para “funcionar”, ou seja, para provocar o efeito desejado, a logomarca precisa ser planejada, criada a partir de todo um estudo técnico, no qual a Semiótica pode fornecer uma boa colaboração. Nesse processo, são pensados os elementos que darão origem ao produto final: as formas, as cores, as fontes, as dimensões, etc. Se uma abordagem semiótica é feita desde a concepção inicial do projeto, tem-se maiores chances de a logomarca ser um sucesso.

Mas, como consumidores, o que nós observamos nas logomarcas que mais nos atraem? Você já pensou nisso?

Schmitt e Simonson (2002, p. 35) afirmam que “a estética é um dos principais ‘saciadores’ no mundo das experiências dos consumidores”. Isso significa que, mesmo que não sejamos especialistas na área do design gráfico ou da publicidade, desenvolvemos um senso crítico que nos permite avaliar e escolher as marcas que mais nos agradam. Assim, garantir a “estética” de sua marca é um dos objetivos a serem alcançados pelas empresas, já que ela traz benefícios tangíveis, como evidencia o esquema da Figura 4.12:

Figura 4.12 | Benefícios tangíveis da estética



Fonte: Schmitt e Simonson (2002, p. 37).

Diante disso, por carregarem tanta significação, os discursos que circulam no universo da publicidade, sejam apenas logomarcas sejam anúncios inteiros, merecem uma abordagem semiótica, a fim de que percebamos como essa teoria pode colaborar na concepção e na análise de materiais dessa natureza.

Análise semiótica de propagandas

Um anúncio, como observamos, costuma ser um texto de base sincrética, formado a partir da combinação de diferentes linguagens, as quais confluem para a significação, voltada, nesses casos, ao convencimento. Por isso, a análise semiótica de propagandas pode ser empreendida a partir de diferentes perspectivas, focalizando-se ora nos aspectos verbais ora nos aspectos visuais.

Retomando algumas ideias tratadas nas unidades anteriores, o exemplo a seguir lhe traz uma proposta ilustrativa de análise.

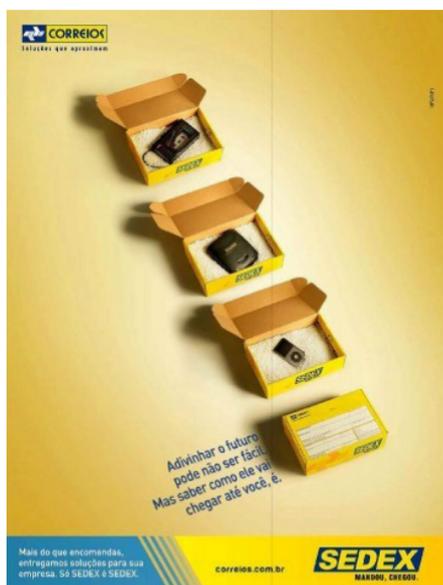


Exemplificando

Para verificarmos aspectos que podem ser envolvidos em uma análise semiótica de textos publicitários, considere o anúncio da Figura 4.13, a seguir, que traz a divulgação de um dos serviços prestados pela Empresa

Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), ou simplesmente Correios, em uma publicação da Revista **Veja**, em 2012:

Figura 4.13 | Anúncio publicitário dos Correios



Fonte: Revista **Veja** (2012, p. 29).

Esse anúncio integra uma campanha da qual fazem parte outras peças, todas ancoradas na ideia de “cronologia”, de “tempo”. Isso fica evidente, por exemplo, com o texto: **“Adivinhar o futuro pode não ser fácil. Mas saber como ele vai chegar até você, é.”**

A imprevisibilidade do futuro é tomada como base para a construção de um discurso ligado à noção de movimento, de progressão, sendo o tempo concebido, no caso, como um processo evolutivo.

O tema da evolução, da progressão temporal, contemplado pelo texto, é recoberto figurativamente no discurso pelas imagens de objetos que, embora similares no que diz respeito à sua função (ouvir sons), foram deslocados de momentos históricos distintos, ilustrando a trajetória evolutiva: *walkman* → *discman* → *mp3 player*.

Ainda no que tange aos aspectos plásticos do plano da expressão, a contraposição das categorias eidéticas “aberto” e “fechado”, num contraste percebido no estado das caixas, reforça aspectos do plano de conteúdo, numa relação semissimbólica: o “aberto” evoca diretamente o passado, já conhecido; e o “fechado” associa-se ao futuro, desconhecido e imprevisível.

Além disso, a posição das caixas, uma após a outra, cria uma linha do tempo, ligando a logomarca da empresa (no canto superior esquerdo do anúncio) à logomarca do serviço oferecido (no canto inferior direito da página). Isso reforça a progressão temporal, deixando claro o histórico da empresa, fundada há mais de três séculos, ou seja, no passado, mas que evolui e oferece aos potenciais consumidores novos serviços, agora e depois, no futuro.

A logomarca da empresa em si, destacada na Figura 4.14, mas hoje já em uma nova versão, conforme podemos observar na Figura 4.15, também é significativa: formada por elementos simétricos em direções opostas e em cores primárias (azul e amarelo), representa os movimentos de “ir” e “vir” que sintetizam os serviços prestados pela instituição.

Figura 4.14 | Logomarca anterior dos Correios



Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Correios_\(1990\).svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Correios_(1990).svg). Acesso em: 21 dez. 2018.

Figura 4.15 | Logomarca atual dos Correios



Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Correios_\(2014\).svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Correios_(2014).svg). Acesso em: 21 dez. 2018.

Desse modo, sustentando-se sobre oposições semânticas (passado x futuro, saber x não saber, previsível x imprevisível, ir x vir), o anúncio dá origem a um discurso que sintetiza o objetivo da empresa: mostrar-se dinâmica, em constante evolução temporal.

Como já verificamos em outras seções, os olhares semióticos podem ser variados. Assim, análises de textos publicitários, como a que apresentamos há pouco, podem trilhar outros caminhos, explorando outras ideias, sob novos enfoques. De qualquer forma, a essência do estudo será sempre o mesmo: a busca da significação, do sentido.



Pesquise mais

A análise semiótica de um texto publicitário, especialmente de seus componentes visuais, pode ser empreendida com base em diferentes propostas teórico-metodológicas. Assim, no artigo a seguir, você tem a oportunidade de verificar como diferentes estudiosos da Semiótica se debruçaram sobre o estudo da imagem na área da publicidade.

- SOUZA, Sandra Maria Ribeiro de; SANTARELLI, Christiane Paula Godinho. Contribuições para uma história da análise da imagem no anúncio publicitário. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 133-156, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/198/191>. Acesso em: 21 dez. 2018. Observação: Selecionar para leitura um dos modelos de análise apresentados.

Sem medo de errar

Na introdução da Seção 4.3, você teve acesso a uma situação-problema vivenciada por Lívia, uma publicitária que, junto à equipe de criação da agência em que trabalha, recebeu o desafio de criar a logomarca da empresa de um novo cliente, sob a seguinte condição: o material a ser elaborado deveria trazer elementos visuais que remetesse às especificidades do negócio – a fabricação de móveis planejados. Assim, você deveria colaborar na identificação dos melhores itens a serem utilizados (cores, formas, fontes, etc.), explicando a significação sugerida por eles.

Para isso, é importante resgatar os conteúdos contemplados nesta seção e, também, nas unidades anteriores, especialmente no que tange à significação decorrente dos componentes plásticos dos textos visuais. Além disso, conforme você pôde verificar nos exemplos discutidos, uma logomarca pode integrar um contexto maior de divulgação da empresa, como um anúncio, portanto isso deve ser considerado em sua concepção, para que ela se torne um objeto de fácil reconhecimento, mesmo junto a outras linguagens.

Um passo inicial para a solução desse desafio está na elaboração do esboço do projeto da logomarca, em que pode ser apresentada ao cliente a essência daquilo que a agência pretende. Depois, com a avaliação inicial da proposta, novas decisões podem ser tomadas, com o refinamento da marca. O Quadro 4.4, a seguir, exemplifica a proposta preliminar desse esboço:

<p>Plano de expressão</p>	
<p>Plano de conteúdo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Categorias cromáticas:</i> traços em marrom, remetendo à madeira utilizada como matéria-prima, e em verde, evocando a consciência ambiental, um dos valores da empresa. • <i>Categorias eidéticas:</i> formas que remetem diretamente a um móvel, garantindo a identificação pontual do negócio. • <i>Categorias topológicas:</i> posicionamento da figura no centro de uma forma circular, evocando a ideia de que a qualidade do produto é o objetivo essencial do negócio.

A partir do que se pode constatar, a ideia de Lívia e sua equipe para a execução do projeto de concepção da logomarca pode ser amparada por uma base semiótica. É essencial, no entanto, que o esboço inicial seja submetido à apreciação do cliente, sendo moldado a partir de suas considerações, mas sem que seja deixada de lado a relação entre os componentes visuais e a significação que eles evocam.

Essa foi mais uma dentre tantas possibilidades de aplicação da Semiótica na solução de situações comuns no dia a dia de diferentes profissionais.

A partir de agora, com o encerramento da disciplina, é a sua vez de buscar formas de converter todo o seu conhecimento acerca da teoria para o seu desenvolvimento profissional.

Pense e aja semioticamente!

Faça valer a pena

1. Observe a seguinte imagem:



Fonte: iStock.

Na imagem, evidencia-se a comunicação publicitária, por meio da veiculação de um discurso que é assimilado e reproduzido pela audiência. Isso marca a essência da transmissão, pela publicidade, de valores:

- a) discursivos.
- b) ideológicos.
- c) semióticos.
- d) comerciais.
- e) econômicos.

2. Observe a seguinte cena:



Fonte: iStock.

Uma situação como a retratada poderia facilmente ser encontrada em uma agência de publicidade, caracterizando, por exemplo, um momento de discussões entre designers para a escolha dos melhores elementos a serem mobilizados em uma dada criação. Nesse contexto, a Semiótica poderia ser aplicada para:

- a) ancorar o objeto de criação em critérios formais.
- b) desviar o percurso criativo para outro meio profissional.
- c) manter o padrão exclusivamente semiótico da criação.
- d) colaborar na associação significativa entre recursos e ideias.
- e) isolar o projeto de influências teórico-metodológicas.

3. Uma agência de publicidade foi contratada por uma empresa, ligada ao ramo de hortifrúti, para a criação de sua identidade visual. Uma das versões do projeto apresentado foi esta:



Fonte: iStock.

A partir de aspectos composicionais da logomarca apresentada, analise as seguintes afirmativas:

- I) As pequenas formas circulares que compõem a imagem de uma “fruta” na logomarca evocam a diversidade de produtos oferecidos pelo estabelecimento.
- II) O não estabelecimento de vínculo direto entre o desenho da “fruta” e uma espécie específica (como uma maçã ou uma laranja, por exemplo) indica a falta de especificidade do estabelecimento.
- III) Para a composição da identidade visual da empresa, a agência optou por um conjunto isento de sincretismo.

É correto o que se afirma em:

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) II e III, apenas.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BROWN, James Alexander Campbell. **Técnicas de persuasão**: da propaganda à lavagem cerebral. Trad. Octávio Alves Velho. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva. Semiótica e mídia: a proposta de integração do GESCom. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus. **Semiótica e mídia**: textos, práticas e estratégias. Bauru: Unesp/Faac, 2008, p. 9-15.
- ECO, Umberto. **Sobre literatura**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. Trad. Monica Stabel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FIORIN, José Luiz. Semiótica e comunicação. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus. **Semiótica e mídia**: textos, práticas e estratégias. Bauru: Unesp/Faac, 2008, p. 77-94.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- GIACOMINI FILHO, Gino. **Consumidor versus Propaganda**. São Paulo: Summus, 1991.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2007.
- KLEIMAN, Angela B. Abordagens da leitura. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 13-22, jan./jun. 2004.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. Cotia: Ateliê, 2002.
- KUBRUSHY, Claudio Araujo. **O que é fotografia?** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- MELO, Eugênio Bispo. **Gestão de marketing e branding**: a arte de desenvolver e gerenciar marcas. Rio de Janeiro: Alta Books, 2014.
- SANDMANN, Antônio José. **A linguagem da propaganda**. São Paulo: Contexto, 1993.
- SCHIMITT, Bernd; SIMONSON, Alex. **A estética do marketing**: como criar e administrar sua marca, imagem e identidade. Trad. Lúcia Simonini. São Paulo: Nobel, 2002.

SIMÕES, Darcília. Semiótica, leitura e produção de textos: alternativas metodológicas. **Caderno Seminal digital**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 125-141, jul./dez. 2004.

SOLOMON, Michael R. **O comportamento do consumidor**: comprando, possuindo e sendo. 5. ed. Trad. Lene Belon Ribeiro. Porto Alegre: Bookman, 2002.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. **Práticas de linguagem**: leitura & produção de textos. São Paulo: Scipione, 2008.

ISBN 978-85-522-1442-7



9 788552 214427 >